



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ANNA KARINA GONÇALVES XAVIER

**“POR MEDO DE TER QUE CASAR”: namoro, virgindade e gravidez nas narrativas
de jovens mulheres da microrregião de Suape/PE**

Recife

2018

ANNA KARINA GONÇALVES XAVIER

**“POR MEDO DE TER QUE CASAR”: namoro, virgindade e gravidez nas narrativas
de jovens mulheres da microrregião de Suape/PE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Luís Felipe Rios

**Recife
2018**

Catálogo na fonte
Bibliotecário: Rodrigo Fernando Galvão de Siqueira, CRB4-1689

X3p Xavier, Anna Karina Gonçalves.
 “Por medo de ter que casar” : namoro, virgindade e gravidez nas narrativas de jovens mulheres da microrregião de Suape/PE / Anna Karina Gonçalves Xavier. – 2018.
 171 f. : il. ; 30 cm.

 Orientador: Prof. Dr. Luís Felipe Rios.
 Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
 Programa de Pós-graduação em Psicologia, Recife, 2018.
 Inclui referências e anexos.

 1. Psicologia. 2. Mulheres. 3. Mulheres – Comportamento sexual. 4. Adolescência. 5. Sexualidade. 6. Contexto de desenvolvimento. I. Rios, Luís Felipe (Orientador). II. Título

150 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2018-152)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ANNA KARINA GONÇALVES XAVIER

**“POR MEDO DE TER QUE CASAR”: namoro, virgindade e gravidez nas narrativas
de jovens mulheres da microrregião de Suape/PE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

Aprovada em: 31/01/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Felipe Rios (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Ivia Maksud (Examinadora Externa)
Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dr.^a Marilyn Dione de Sena Leal (Examinadora Externa)
Universidade de Pernambuco

Prof. Dr. Jorge Lyra (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dr.^a Marion Teodósio Quadros (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Universidade Federal de Pernambuco, lugar onde conclui a graduação. Tendo retornado a ela 12 anos depois, para iniciar o mestrado e agora concluindo o doutorado. Faço um agradecimento especial, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e à FACEPE por possibilitarem e fomentarem, institucional e financeiramente, a minha formação como doutoranda. Assim como também a João, secretário do programa, pela constante disponibilidade e rapidez nas respostas dos emails.

A todos professores que tive, por servirem como referência tanto no mestrado como no doutorado. Por me ensinarem, cada um a seu modo, sobre o saber-fazer na academia. Destaco Karla Galvão Adrião, minha orientadora do mestrado e Jaileila Menezes por ter me possibilitado o encontro com gênero, sexualidade e juventude. Também agradeço a Marion Teodósio, pelas contribuições tanto no mestrado como na qualificação do projeto de tese.

A minha turma de doutorado “Patê de atum”, por dividirem comigo momentos de aprendizagem, risos e angústias nesse caminho de formação de pesquisadora. E pelos lanches com patê de atum sempre presentes.

A minha aluna Joice Maria, por ter me possibilitado contato com meu informante-chave no campo de pesquisa e com isso abrir caminhos para que a rede de informantes crescesse.

Durante a trajetória acadêmica, aprendi que escrever é uma prática solitária, que demanda reflexão, introspecção e isolamento. Porém, o conhecimento é coletivamente construído e pesquisar é uma prática fundamentalmente coletiva. Uma construção que envolve professores, colegas, autores e informantes de pesquisa. Desse modo, agradeço em especial às informantes da pesquisa, pelas conversas em suas casas, na praia e na praça, assim como a disponibilidade de tempo para participação nas rodas de conversa.

A minha companheira de mestrado e grande amiga Amanda Duque pelas nossas conversas sobre os capítulos, à ajuda na formatação das tabelas, quadros e referências e pela força na finalização desta tese. Amanda foi a primeira pessoa a conhecer a tese desde quando os rumos ainda estavam tortuosos. Agradeço, então, pelo apoio emocional e intelectual e pelas discussões que contribuíram para a concretização desta tese e da vida.

A minha família, minha mãe e meu pai (*in memoriam*) pelos sacrifícios que fizeram durante toda a vida para que eu estudasse e me formasse. Nem esperavam que eu fosse tão longe. Também agradeço a meu marido Euclides, meu porto seguro, por me incentivar na

construção desta tese e por todas as vezes que levou nossos filhos sozinho às festas, shoppings, praias e parques para que eu pudesse me isolar e sob o silêncio doméstico, permitir a escrita.

Ao meu filho Gabriel com seus empurrões para escrever quando perguntava “mãe, quantas páginas você escreveu hoje?” E, especialmente a meu pequeno Matheus, pois por ele entrei num mundo novo que não conhecia e conheci forças que nem sabia que tinha quando descobri seu transtorno do espectro autista no segundo ano do doutorado. O início da tese foi escrito sob seus choros, gritos e “stms”, ao final não escrevia mais por mim, mas por ele acreditando que tudo é possível.

Finalmente, agradeço ao meu orientador Luís Felipe, pela paciência no meu processo de escrita desta tese, pela resposta rápida em meus pedidos de ajuda, pela dicas, sugestões e precisão durante a orientação que eu não tinha nem que questionar, pois seu olhar crítico era certo nas minhas falhas de escrita.

E a Jesus que sempre esteve presente em minha vida, pois a ele recorria para superar os desafios que foram se apresentando em minha vida, incluindo o de concluir esta tese. A Ele minha gratidão pelas pessoas que colocou no meu caminho e que contribuíram, cada uma à sua maneira, na minha trajetória.

A conclusão dessa tese e de um doutorado são respectivamente o fim e o início de um ciclo. Por isso, profunda gratidão a todos e todas.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar as práticas afetivo-sexuais na adolescência de mulheres jovens (16 a 24 anos) e adultas jovens (26 a 34 anos) de camadas populares, residentes em Gaibu, Cabo de Santo Agostinho/PE, levando em consideração as transformações ocorridas na microrregião de Suape/PE, devido as obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do Governo Federal. Para a realização da pesquisa, de abordagem qualitativa, esta foi desenvolvida em 2 (dois) momentos com cada grupo pesquisado. Com as jovens houve o primeiro momento, com a realização de rodas de conversa, que visou proporcionar espaços de diálogos e possibilidades de observar e apreender as dinâmicas presentes nas práticas afetivo- sexuais. Para tanto, foram realizados 6 (seis) encontros, com duração de 1 hora e 30 minutos cada. O segundo momento teve a finalidade da realização das entrevistas de cunho biográfico, com objetivo de aprofundamento sobre as práticas afetivo-sexuais. Foram entrevistadas 8 (oito) interlocutoras. Com as adultas jovens, num primeiro momento, houve a realização de conversas informais, com o objetivo de haver uma maior aproximação das interlocutoras e possibilitar mais abertura para diálogos a respeito das práticas afetivo-sexuais. No segundo momento, foram realizadas entrevistas de cunho biográfico, com objetivo de aprofundamento sobre essas práticas. Foram entrevistadas 8 (oito) interlocutoras. De um modo geral, a região possui uma cultura machista, em que as mulheres experienciam em sua trajetória de vida as relações desiguais de gênero. Os roteiros sexuais das adultas jovens foi marcado pelo casamento quando perderam a virgindade ou quando engravidaram, em geral com o primeiro namorado, e recasamentos com trabalhadores migrantes temporários de Suape/PE. Entre as jovens, não houve casos de envolvimento afetivo-sexual com os trabalhadores do PAC e observamos o adiamento da relação sexual (penetração/coito) e investimento em projetos de vida para que suas famílias não as façam casar por não serem mais virgens ou porque engravidaram. Essas jovens, de certo modo estão reproduzindo as relações desiguais de gênero existentes na região. Observou-se que nos dois grupos de mulheres devido à dupla moral sexual, há fragilidade relativa ao uso de métodos contraceptivos. Conclui-se que, na região, as mulheres enfrentam as relações desiguais de gênero, legitimando a dupla moral sexual e fragilizando as mulheres em relação às práticas afetivo-sexuais.

Palavras-chave: Mulheres. Adolescência. Sexualidade. Contexto de desenvolvimento.

ABSTRACT

The objective of this study is to investigate the sexual affective practices in adolescence of young women (16 to 24 years old) and young adults (26 to 34 years) of popular strata living in Gaibu, Cabo de Santo Agostinho / PE, taking into account the transformations occurred in the Suape / PE micro-region due to the works of the Federal Government's Growth Acceleration Program (PAC). To conduct the research, with a qualitative approach, it was developed in 2 (two) moments, with each group being researched. With the young women there was the first moment, with the realization of conversation wheels, which aimed to provide spaces for dialogues and possibilities to observe and apprehend the dynamics present in the sexual affective practices. For this purpose, 6 (six) meetings were held, lasting 1 hour and 30 minutes each. The second moment had the purpose of conducting biographical interviews, with the purpose of deepening the sexual affective practices. Eight (8) interlocutors were interviewed. With the young adults, at first, there were informal conversations, in order to have a closer approximation of the interlocutors and to provide more openness to dialogues regarding sexual affective practices. In the second moment, biographical interviews were carried out, aiming to deepen the sexual affective practices. Eight (8) interlocutors were interviewed. In general, the region has a macho culture, in which women experience unequal gender relations in their life trajectory. The sexual scripts of the young adults were marked by marriage when they lost their virginity or when they became pregnant, usually with the first boyfriend, and remarriages with temporary migrant workers from Suape / PE. Among the young women, there were no cases of sexual affective involvement with PAC workers and we observed the postponement of sexual intercourse (penetration / intercourse) and investment in life projects so that their families did not marry because they were no longer virgins or because they became pregnant. These young women are, to a certain extent, reproducing the unequal gender relations existing in the region. It was observed that in both groups of women due to sexual double moral, there is fragility relative to the use of contraceptive methods. It is concluded that, in the region, women face unequal gender relations, legitimizing sexual double moral and weakening women in relation to sexual affective practices.

Key-words: Women. Adolescence. Sexuality. Context of development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Área de abrangência do território estratégico de Suape	25
Figura 2 - Pátio de Contêineres do Porto do Suape (1)	27
Figura 3 - Pátio de Contêineres do Porto do Suape (2)	27
Figura 4 - Localização geográfica do Porto do Suape (1)	27
Figura 5 - Localização geográfica do Porto do Suape (2)	28
Figura 6 - Vista aérea da Praia do Gaibu.....	29
Figura 7 - Situação atual das moradias	29
Figura 8 - Praias do litoral do Cabo de Santo Agostinho	37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Noções sobre adolescência.....	67
Quadro 2 - Primeiras atrações sexuais.....	72
Quadro 3 - Relacionamentos vividos pelas jovens.....	75
Quadro 4 - Primeiras relações sexuais.....	81
Quadro 5 - Prazer sexual	85
Quadro 6 - Respostas sobre prevenção à gravidez e DST's.....	89
Quadro 7 - Perguntas e respostas sobre os sentidos de adolescência para as mulheres	98
Quadro 8 - Relacionamentos vividos pelas adultas jovens.....	102
Quadro 9 - Quadro de respostas referente à questões relacionadas ao namoro.....	106
Quadro 10 - Quadro de perguntas e respostas sobre a primeira vez das adultas jovens	111
Quadro 11 - Quadro de perguntas e resposta sobre as relações afetivos sexuais	114
Quadro 12 - Quadro de perguntas e respostas sobre contracepção das adultas jovens	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização do Grupo das Jovens.....	35
Tabela 2 - Caracterização do Grupo de Adultas Jovens.....	38
Tabela 3 - Categorização das Jovens.....	40
Tabela 4 - Categorização das Adultas Jovens	40
Tabela 5 - Eixos Norteadores e Temas Abordados pelas Jovens	66
Tabela 6 - Categorização das adultas jovens	97
Tabela 7 - Caracterização da idade e o tipo de parceiro da primeira vez das adultas jovens .	111

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	Ferramentas teóricas.....	16
1.2	Sobre a sexualidade das adolescentes.....	18
1.3	O que está por vir.....	22
2	PERCURSO METODOLÓGICO.....	24
2.1	O Complexo Industrial e Portuário, Suape, Cabo, Gaibu.....	25
2.2	Conhecendo o campo de pesquisa.....	29
2.2.1	<i>Conhecendo a comunidade: uma breve descrição das jovens e os moradores da praia de Gaibu.....</i>	<i>33</i>
2.2.2	<i>Conhecendo a comunidade: uma breve descrição sobre as adultas e moradores praia de Calhetas.....</i>	<i>36</i>
2.3	A Análise.....	39
3	QUEM SÃO ESSAS MULHERES?.....	42
3.1	As jovens.....	42
3.1.1	<i>Alexandra.....</i>	<i>42</i>
3.1.2	<i>Ariane.....</i>	<i>44</i>
3.1.3	<i>Lisa.....</i>	<i>45</i>
3.1.4	<i>Nala.....</i>	<i>47</i>
3.1.5	<i>Letícia.....</i>	<i>49</i>
3.1.6	<i>Lua.....</i>	<i>50</i>
3.1.7	<i>Fernanda.....</i>	<i>52</i>
3.1.8	<i>Helena.....</i>	<i>53</i>
3.2	As mulheres adultas jovens.....	53
3.2.1	<i>Maria.....</i>	<i>53</i>
3.2.2	<i>Ana.....</i>	<i>55</i>
3.2.3	<i>Bianca.....</i>	<i>56</i>
3.2.4	<i>Lilian.....</i>	<i>57</i>
3.2.5	<i>Raquele.....</i>	<i>59</i>
3.2.6	<i>Cristina.....</i>	<i>60</i>
3.2.7	<i>Roberta.....</i>	<i>61</i>
3.2.8	<i>Rose.....</i>	<i>61</i>
3.3	Algumas Considerações.....	62

4	APROXIMAÇÕES DAS PRÁTICAS AFETIVO-SEXUAIS DAS MULHERES JOVENS.....	66
4.1	Adolescência: Estudo e trabalho, diversão, liberdade, drogas e gravidez.....	66
4.2	Iniciação: Paquerar e beijar.....	72
4.3	Quando a paixão acontece: sobre namoro e casamento.....	75
4.4	Entre medo e desejo.....	80
4.5	Como será na hora em que.....	84
4.6	Prevenção gravidez e Prevenção DST.....	88
4.7	Do que elas falam da carreira sexual: discussão analítica.....	92
5	APROXIMAÇÕES DAS PRÁTICAS AFETIVO-SEXUAIS DAS MULHERES ADULTAS.....	97
5.1	O que elas pensam sobre adolescência?.....	97
5.2	O ficante, a paquera, o namoro: o início do despertar das práticas afetivo-sexuais..	102
5.3	Namoro declarado e namoro escondido: a vigilância familiar.....	105
5.4	A primeira vez a gente nunca esquece?.....	110
5.5	Emoções e sentimentos: tesão, paixão e amor.....	114
5.6	Contracepção.....	119
5.7	Do que elas falam sobre carreira sexual: discussão analítica.....	123
6	MULHERES DE GAIBU.....	129
6.1	Sobre adolescência.....	130
6.2	O início das práticas afetivo-sexuais.....	133
6.3	O namoro.....	134
6.4	A primeira vez.....	136
6.5	Prazer sexual.....	139
6.6	Contracepção.....	140
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
	REFERÊNCIAS.....	145
	APÊNDICE A - TERMODE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	152
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	161
	ANEXO A – PARECER DO COMTÊ DE ÉTICA DA UFPE.....	171

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda as experiências sexuais na adolescência (12 aos 18 anos) de mulheres residentes em Gaibu, bairro do município de Cabo de Santo Agostinho, microrregião de Suape¹ da Região Metropolitana do Recife (RMR). Ele foi viabilizado por meio de uma perspectiva etnográfica, realizado por observação participante, rodas de conversas e entrevistas com mulheres de 16 a 34 anos.

Esta tese é resultante da trajetória da autora iniciada há alguns anos. As inquietações sobre as relações de gênero e os direitos sexuais e reprodutivos surgiram com a sua entrada como psicóloga no Centro de Referência Clarice Lispector, espaço criado pela Prefeitura da Cidade do Recife, para atendimento psicossocial e jurídico às mulheres em situação de violência. No entanto, não chegou a levá-la para a militância, pois já se considerava “velha” para isso. Porém, percebeu que estudando, pesquisando e debatendo sobre o tema seria também uma forma de militância (PEDRO, 2005), e que dessa forma deveria prosseguir. Quando ingressou no mestrado, percebeu que dentre os temas que lhe interessaram, direitos reprodutivos e direitos sexuais chamaram mais sua atenção, sendo o mote para a elaboração da dissertação intitulada "Mulheres jovens e prática da dupla proteção em uma comunidade popular do Recife" (XAVIER, 2011).

A dissertação teve como objetivo, compreender como é a abordagem das mulheres jovens de uma comunidade popular do Recife-PE, com seus parceiros sexuais do sexo masculino, sobre questões relacionadas aos métodos de prevenção e contracepção (dupla proteção²). A pesquisa localizou-se no campo da psicologia, na interface com a saúde coletiva e a antropologia, mais especificamente no campo dos direitos sexuais e direitos reprodutivos. Teve como referencial teórico a categoria gênero, enquanto performatividade que constitui subjetividades entremeadas pelo poder nas relações, produzindo um debate no campo dos estudos feministas em psicologia (XAVIER, 2011).

A revisão da literatura no Brasil na última década, traz para o debate que as mulheres jovens, especialmente as pertencentes às classes populares, têm dificuldades de praticar a prevenção e contracepção em seus relacionamentos afetivos sexuais (COELHO et al, 2012;

¹ A microrregião de Suape é composta pelos municípios de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca. São consideradas áreas de impacto direto das obras. Enquanto em Ipojuca se localiza a maior parte dos grandes empreendimentos, o Cabo de Santo Agostinho serviu como principal cidade dormitório para os trabalhadores da construção civil (SHUÑA, 2014).

² Por dupla proteção entende-se a proteção contra gravidez não planejada e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)/AIDS, sendo uma forma de sexo seguro para casais com relacionamentos heterossexuais e requer a concordância de ambos os parceiros (BERER, 2006).

HEILBORN et al, 2006; PRIETSCH, 2011; WILDEMBERG FIEDLER, ARAÚJO, CAETANO DE SOUZA, 2015). Dentre os variados fatores, destacam-se as relações desiguais de gênero, falta de diálogo em casa sobre o tema, algumas abordagens malsucedidas pelos profissionais de saúde e falta de acesso aos insumos, entre outros. Esses fenômenos têm proporcionado dificuldades quanto à prática de dupla proteção para as mulheres jovens. Porém, mesmo diante das adversidades, as mulheres têm contornado a situação e agido em prol da sua saúde sexual e saúde reprodutiva. Naquela pesquisa, constatou-se que as jovens estão realizando práticas de dupla proteção, mesmo que não nomeiem suas ações com este “rótulo”, além de estarem resignificando as suas relações no tocante as questões de gênero (XAVIER, 2011).

A pesquisa realizada no âmbito do curso de doutorado do PPG-Psicologia, de certo modo, deu continuidade à anterior, abordando a sexualidade de mulheres jovens. Não obstante, um elemento novo buscou complexificar a abordagem: investigar o impacto na vida sexual das mulheres dos grandes projetos desenvolvimentistas com foco no crescimento econômico, mas com mínimas preocupações e precauções sobre o impacto do processo nas condições de vida da população dos locais receptores.

Suape, contexto onde ocorreu a pesquisa, foi um dos territórios brasileiros diretamente impactados pelas obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal brasileiro, que propiciou, além de obras de infraestrutura (estradas e melhoria do porto), a instalação de um conjunto de empresas de grande porte, como a Refinaria Abreu e Lima, a Petroquímica Suape e o estaleiro Atlântico Sul, entre outras, BRASIL ([201-]).

Uma das características das grandes obras de desenvolvimento é a necessidade de mobilização de considerável contingente de mão de obra masculina, de baixa escolarização, “tradicionalmente” concebida como capacitada para o trabalho na construção civil (MEDRADO et al, 2015; SILVA, 2015). Isso aconteceu em Suape o que provocou o deslocamento territorial de milhares de homens de outros estados e, também, do interior de Pernambuco para o trabalho nos canteiros de obras, o que implicou numa profunda transformação no cenário (RIOS et al, 2015). Os números são imprecisos; fala-se que se deslocaram para a região entre 20 a 50 mil homens no pico da obra (RIOS et al, 2015).

Houve, então, por parte das empresas terceirizadas contratadas para realizar as obras da construção civil, a necessidade de criar espaços para a permanência dos homens na região, como a construção ou locação de imóveis para servirem de alojamento. No caso em análise, o bairro de Gaibu, na zona costeira do Cabo, por abrigar muitas pousadas e estrutura de comércio e

acesso voltadas ao turismo de veraneio, além de estar localizada a 17 km dos canteiros de obras, foi um dos territórios que mais abrigou os “estrangeiros”.

Nos finais da tarde, entre 2012 e 2015, era interessante observar as dezenas de ônibus trazendo os “baianos”³ que se distinguiam dos homens nascidos no local por circular com farda e crachá. Além dos alojamentos, muito do comércio formal e informal foi incrementado para recepcioná-los, o que incluiu, além de mercados e farmácias, os bares e bordeis, e pontos para comercialização de drogas “na beira da praia” (CARRAZZONE et al, 2015; RIOS; TEÓFILO, 2015).

O grande contingente de pessoas realocadas em um novo território marcado pela pobreza e falta de investimento público em infraestrutura (RIOS et al, 2015) para o exercício de um trabalho temporário, longe de suas redes comunitárias, por si só já seria capaz de produzir efeitos negativos na comunidade receptora.⁴ Convém mencionar que a maior parte dos migrantes eram homens, socializados no sistema de sexo-gênero à brasileira que os representa e subjetiva (entre outras marcas do “ser homem”) como sexualmente vorazes (GROSSI, 1995; GOMES; REBELLO; NASCIMENTO, 2010).

Já no início das obras na microrregião de Suape a imprensa alardeava e pedia providências dos poderes do Estado em relação ao que denominavam de os “Filhos de Suape”, representados como filhos de “adolescentes solteiras” e dos homens que vieram “construir Suape”. Do mesmo modo, muito se falava sobre o incremento na violência sexual de crianças e adolescentes, em especial no caso da exploração sexual comercial (FIGUEIREDO; SANTOS; PEIXOTO, 2015; SANTOS et al, 2015). As reportagens falavam de mulheres que se deixavam seduzir por tudo aquilo que um jaleco e um crachá no peito de um trabalhador poderia representar. Como bem apontaram Rigaud (2014) e Shuña (2014), a onda de crescimento econômico que atingiu a RMR e a zona da mata sul pernambucana afetou positivamente os homens, que tiveram ampliadas (ao menos naquele momento) as possibilidades de trabalho e remunerações.

O mesmo não aconteceu com as mulheres que não possuíam formação para o trabalho na construção civil. Embora também tenha se ampliado o mercado de trabalho em atividades que dão suporte à construção civil (como, por exemplo, o setor de alimentação e o mercado do sexo⁵), o número de postos de trabalho e salários eram menores. Desse modo, como sugerem

³ Os estrangeiros, independentemente de suas origens estaduais eram genericamente tratados de “baianos”. Termo que assumia o mesmo tom estigmatizante que “paraíba” no Rio de Janeiro.

⁴ Denominação atribuída à comunidade que recebeu os migrantes trabalhadores temporários.

⁵ Sobre o mercado do sexo no contexto de Suape, conferir Menezes et al (2015a, 2015b).

Rigaud (2014) e Shuña (2014), houve tendência ao incremento das desigualdades econômicas de gênero.

Vale ressaltar que o projeto que originou este trabalho esteve articulado à pesquisa-intervenção-pesquisa “Diálogos para o Desenvolvimento Social em Suape” ou simplesmente “Diálogos Suape” (RIOS et al., 2015), implementado entre 2012 e 2015 pela Universidade Federal de Pernambuco. Ele buscou descrever a minimização dos impactos sociais negativos que as mudanças provocadas pela chegada dos trabalhadores trouxeram para a região, considerando especialmente as questões de saúde sexual e reprodutiva que a presença dos milhares de homens traria para a região (RIOS et al, 2015).

Nesse âmbito, a pesquisa aqui apresentada interessou-se em comparar as vivências da sexualidade na adolescência, narradas por mulheres que viveram esse período da vida em diferentes momentos das obras em Suape. Assim, buscou-se conhecer as práticas afetivas sexuais de dois grupos de mulheres, um de mulheres de idade variando entre 16 a 24 anos e outro de mulheres entre 26 e 34 anos. A ideia foi verificar se, e como, as mudanças nas condições de vida da população, provocadas pelas obras do PAC, afetaram a vida sexual das adolescentes. Nesse sentido, e considerando que as obras se iniciaram em 2007, a escolha pelos referidos grupos etários permitiu investigar mulheres que viveram a adolescência anteriormente às obras do PAC e mulheres que estavam passando pela adolescência quando milhares de homens passaram a residir nas suas vizinhanças.

1.1 Ferramentas teóricas

A pesquisa foi embasada por um marco teórico que compreende a sexualidade como construção social (GAGNON, 2006; PARKER, 1991), e mediada pelo sistema de sexo-gênero (RUBIN, 1975, 1998).

Para Foucault (2011, p.116-117) a sexualidade é um dispositivo histórico envolvido numa rede em que incluem “a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, à formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder”. A sexualidade está enredada com o saber que é produzido sobre ela, com as normas, as regulamentações e as disciplinas que propõem formas de exercê-la. A sexualidade é um ponto de passagem das relações de poder, “entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população” (FOUCAULT, 2011, p.114).

Para o autor, a sexualidade é alvo de investimento político e instrumento de tecnologia de governo. É um dispositivo que funciona através de: “técnicas, móveis, polimorfos e conjunturais de poder; engendra novas formas de controle; gira em torno das sensações do corpo, à qualidade dos prazeres, a natureza das impressões e está articulado com a economia, mas através do corpo” (CASTRO, 2009, p. 401). Em resumo, no dispositivo de sexualidade articulam-se o controle do corpo individual e social.

Foucault (2011) pensa os dispositivos da sexualidade de uma forma mais macro – analisando historicamente como se organizaram os discursos de sexualidade atualmente vigentes. Um teórico que oferece um modelo interpretativo que operacionaliza a prática etnográfica sobre sexualidade em contextos específicos é John Gagnon (2007). Foucault (2011) e Gagnon (2007) se aproximam porque ambos redefiniram a sexualidade, abandonando as explicações biológicas e da repressão social para então olharem para ela como ação simbólica. Porém, Foucault (2011) pesquisou a sexualidade de modo genealógico, e analisando de modo macro, enquanto Gagnon (2007) analisa de uma forma micro.

O autor supracitado contribuiu muito para a pesquisa sobre sexualidade no campo das ciências sociais. Ele construiu a Teoria dos Roteiros Sexuais, na qual entende que os roteiros sexuais, “não se localizam como uma experiência concreta, mas sim como uma perspectiva de projetos ou mesmo de fantasias sexuais” (GAGNON, 2007, p. 502).

Para Gagnon (2007) a partir da sua teoria sobre motivação sexual, sexualidade possui um sentido singular em alguns grupos de pessoas. Para ele, não há comportamentos sexuais universais, deve-se compreender os contextos em que são produzidos. A teoria dos roteiros sexuais pode ser aplicada em todas as condutas sociais, além da sexualidade.

Em seus trabalhos Gagnon (2007) procurou superar os trabalhos de cientistas como Ellis, Freud e Kinsey, procurando substituir as teorias biológicas ou as teorias psicanalíticas do comportamento sexual, que em muito contribuíram na elaboração do preconceito e da discriminação, para propor uma teoria social dos roteiros sexuais. Em 1960, Gagnon se uniu a William Simon e na teoria deles afirmaram

que os indivíduos usam sua habilidade interativa, bem como material da fantasia e mitos culturais, para desenvolver roteiros como um modo de organizar seu comportamento sexual. Eles distinguiram três formas de roteirização: os cenários culturais, que fornecem instruções sobre os requisitos narrativos dos papéis sociais gerais; os roteiros interpessoais, que são padrões institucionalizados da interação social cotidiana; e os roteiros intrapsíquicos, que são detalhes que o indivíduo utiliza em seu diálogo interno com as expectativas culturais e sociais do comportamento (GAGNON, 2006, p.21).

É impossível abordar a sexualidade sem realizar uma análise de gênero, porque, como tem apontado Gayle Rubin (1975) e Joan Scott (1990), as regulações de gênero são fundantes da vida social. Rubin (1975, p.1) propôs o termo sistema sexo/gênero, como “um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas”.

Conforme Rubin (1975) os construtos de gênero organizam tanto a vida erótica e afetiva dos atores sociais, como a divisão do trabalho social, na medida em que criam assimetrias e complementaridades entre as categorias sociais sexuais. No entanto, Rubin (1998) adverte para a necessidade de não subsumir sexualidade a gênero, na medida em que sexualidade:

tem sua própria política interna, iniquidades e modos de opressão. Como acontece com outros aspectos do comportamento humano, as formas institucionais concretas da sexualidade humana, num espaço e num tempo determinados, são produtos da atividade humana. Elas são repletas de conflitos de interesse e manobra política, tanto de natureza proposital quanto circunstancial. Nesse sentido, sexo é sempre politizado. Há, porém, períodos históricos nos quais a sexualidade é mais contestada e abertamente politizada. Nesses períodos, o domínio da vida erótica é efetivamente renegociado (RUBIN, 1998, p. 100).

1.2 Sobre a sexualidade das adolescentes

Vale situar que estamos utilizando a noção de adolescência enquanto categoria nativa, constituída pela ciência ocidental para apoiar estratégias de governamentalidade, e utilizada pelos atores sociais para significar experiências suas e de terceiros (CASTRO, 1997). Não obstante o seu duplo vínculo – explicativo das condutas e produtivo de sujeitos – utilizaremos a noção menos como categoria de análise e mais de forma crítica (ou criticada). Ou seja, deixaremos aparecer o modo como as nossas interlocutoras privilegiadas significam, nos seus próprios modos a categoria; mas, também teremos oportunidade de confrontar, com base nas experiências narradas pelas mulheres, essencializações que sua utilização no campo científico produz – no caso, naturalizações/prescrições sobre condutas sexuais femininas na adolescência. Para isso, é importante apresentar como a literatura especializada tem abordado a sexualidade feminina.

Na literatura brasileira⁶ a gravidez como problema (SILVA; TONETE, 2006; CAPUTO; BORDIN, 2008; SANTOS et al, 2010), juntamente com a exposição às DST (BRETAS et al, 2011; CEDARO; VILAS BOAS; MARTINS, 2012; OLIVEIRA et al, 2009) são as principais problemáticas para justificar os estudos sobre a sexualidade feminina na faixa de idade dos 12 aos 18 anos. Pouco espaço ainda é dado às experiências sexuais que passam ao largo da heteronorma (LOURO, 2009). Ainda assim, os sentimentos (amor, tesão, amizade etc) que medeiam os encontros sexuais (penetrativos ou não) em suas diferentes modalidades (ficar, namoro etc.), na interface com situações de vulnerabilidade, são aprofundados em muitos dos estudos que tivemos oportunidade de ler (HEILBORN, 2006; HEILBORN et al, 2006; HEILBORN; CABRAL; BOZON, 2006).

Articulando os quatro campos (gravidez, DST, diversidade sexual e formação de parcerias/práticas sexuais) alguns temas são bastante recorrentes na literatura: 1) os níveis de conhecimento sobre saúde sexual (CAMPOS; SCHALL; NOGUEIRA, 2013), na interface ou não com; 2) a negociação de práticas de sexo seguro (ALVES; BRANDÃO, 2009); 3) os significados de adolescência, de masculino e de feminino que engendram as experiências sexuais dos pesquisados (BRANDÃO, 2009); 4) as experiências eróticas descritas, estrito senso (BRANDÃO; HEILBORN, 2006).

Convém ressaltar que a literatura ainda está fortemente marcada por uma perspectiva teórica que localiza a adolescência como momento de transição, etapa do desenvolvimento problemática por natureza, caracterizada por grandes transformações biopsicossociais que vão repercutir nos indivíduos – ainda que possam ser atenuadas por intervenção externa dos adultos (ALMEIDA; PINHO, 2008). Por outro lado, também observamos que tem ganhado força uma perspectiva que localiza ambos, sexualidade e adolescência, como produto das relações sociais, histórica e culturalmente localizadas e constituídas por meios dos significados que lhes são atribuídos (BERNI; ROSO, 2014).

No debate, a iniciação sexual possui um grande apelo reflexivo para os autores, os quais, independentemente de posição teórica, consideram-na como importante “ritual de passagem” para a entrada do sujeito no campo das vulnerabilidades sexuais (DST e gravidez) (BRETAS et al, 2011; CEDARO; VILAS BOAS; MARTINS, 2009; OLIVEIRA et al, 2009). Do mesmo modo, independente de posição, sejam os autores mais ou menos construcionistas, mais ou menos essencialistas, todos parecem convergir para a posição de convidar “adultos”

⁶ Os textos revistos compõem três conjuntos de artigos disponíveis no Scielo entre 2005/2014 que tratam da sexualidade na adolescência; dissertações defendidas na UFPE entre 2010 e 2014; livros e capítulos que tivemos acesso por livre busca.

(especialmente pais, professores e profissionais de saúde) para se co-responsabilizarem pelas consequências da iniciação sexual sem orientação específica sobre os riscos da sexualidade (CAMARGO; FERRARI, 2009; CEDARO; VILAS BOAS; MARTINS, 2009; FREITAS; DIAS, 2010; MORAES; VITALLE, 2011; OLIVEIRA et al, 2009; TORRES, BEZERRA e BARROSO, 2007).

Alguns estudos ressaltam também a diferença de gênero a respeito de tal temática, no que diz respeito às emoções que mediam os encontros sexuais. As pesquisas relataram ser mais comum nas meninas o discurso romântico em torno dos encontros com seus parceiros, enquanto os meninos relatam relacionamentos alavancados pelo tesão e excitação do momento (CEDARO; VILAS BOAS; MARTINS, 2009; OLIVEIRA et al, 2009; SAAVEDRA; NOGUEIRA; MAGALHÃES, 2010; VIDAL; RIBEIRO, 2008).

Outro dado encontrado nos trabalhos foi a verificação acerca do conhecimento dos/das adolescentes sobre os métodos anticoncepcionais e da prevenção as IST/Aids, no qual eles/elas acreditam que adotam os cuidados necessários para se protegerem dos riscos inerentes ao ato sexual. Entre os métodos principais mencionam a pílula e a camisinha, para, respectivamente, a prevenção da gravidez e das infecções sexualmente transmissíveis. Mas, há relatos de pílula do dia seguinte e coito interrompido, ou ainda a prática sexual sem a proteção (CEDARO, VILAS BOAS e MARTINS, 2009; FREITAS e DIAS, 2010; OLIVEIRA et al, 2009). Nem sempre, entretanto, o conhecimento demonstrado é adequado ou a utilização dos métodos é realizada conforme o prescrito pelos profissionais de saúde (SALHEB; LOPES, 2008).

Nessa linha, no tocante a presença da camisinha ou da pílula na vida dos/das adolescentes, a pesquisa GRAVAD⁷ (2006), realizada em Porto Alegre, Salvador e Rio de Janeiro, aponta para a recorrência da camisinha no início da vida sexual. Do mesmo modo, os contextos de relacionamento também interferem na ausência dos métodos contraceptivos, tais como: recaídas ou retomadas inesperadas dos namoros rompidos; imprevisibilidade dos encontros sexuais; reencontros em festas; conhecimento de um parceiro quando não se está tomando pílula ou não se dispõe de preservativo na hora da transa.

A literatura tem apontado para a dificuldade das mulheres conversarem sobre sexualidade e prevenção com a família ou em postos de saúde, com medo de serem percebidas como já possuindo alguma experiência sexual (BRANDÃO, 2009; MOREIRA; SANTOS, 2011). Do mesmo modo, elas têm dificuldade de negociar o uso da camisinha por medo de rejeição de serem taxadas como experientes. Em adição, a intimidade que vai sendo

⁷ Nome atribuído a pesquisa realizada em três capitais brasileira, realizada por Maria Luiza Heilborn e cols.

construída com o parceiro leva ao abandono da camisinha (OLIVEIRA et al, 2009; TORRES; BEZERRA; BARROSO, 2007).

Nessa linha, em estudo realizado na Região Metropolitana do Recife com mulheres de 16 a 20 anos de classe popular de uma comunidade do Recife, Tacinara Queiroz (2013) mostra que as mulheres vivenciam a sexualidade desde a infância, em encontros sexuais com vizinhos e primos (beijos e esfregação, sem aludir a penetração) os quais são percebidos como brincadeiras. Identificou entre as jovens o medo de tornar público na comunidade e família o fato de não serem mais virgens, pois a virgindade nesta comunidade estava atrelada à honra e respeito, à dignidade necessária para o casamento. Embora as participantes do estudo tivessem experiências sexuais penetrativas, diziam-se virgens e, para poder manter a imagem de respeito na comunidade e poder satisfazer seus próprios desejos sexuais, as jovens buscavam manter relacionamentos longe do local em que residiam.

Núbia Michella da Silva (2011), pesquisou mulheres jovens de classe popular em uma comunidade de Recife/PE. Em seu trabalho procurou relacionar os significados dos vínculos afetivos ao uso de métodos de proteção e contracepção e as interconexões com a lógica da dupla proteção. As trajetórias afetivas sexuais dessas jovens revelaram que a prática da contracepção tinha a ver com os tipos de vínculos afetivos estabelecidos pelos parceiros (amorosos, casuais e liminares). Seus dados também revelaram que naquela comunidade as mulheres construíram categorias explícitas para nomear as não virgens, assim como as virgens, respectivamente, “gata velha” e “santa”. Seus roteiros sexuais variavam dependendo do tipo de parceria e do tipo de vínculo afetivo com seus parceiros, mostrando uma ambivalência, sendo ora “gata velha” ora “santa”.

Chama atenção nesse conjunto de estudos o fato da virgindade emergir como valor moral utilizado para regular a vida sexual das mulheres na interface com a conjugalidade – ou seja, as mulheres com experiência sexual possuiriam menores chances de casar.

Considerando mais especificamente o contexto no qual trabalharemos, Rocio Bravo Shuña (2014) realizou uma pesquisa qualitativa com adolescente/jovens de 16 a 19 anos, de classe popular residentes em Suape. Ela buscou compreender como seus informantes significam a sexualidade, especificamente a iniciação sexual e o namoro, em interseção com os marcadores sociais de gênero, geração, classe e raça. Assim como na pesquisa de Pizzato (2010) Bravo Shuña também encontrou a “amizade colorida”, mas também encontrou o “ficar” e o “conhecerem-se” que são formas de relacionamentos afetivos sexuais menos vigiados possibilitando a vivência de uma sexualidade fora da vigilância dos adultos.

Também sobre Suape, Vanessa Rigaud (2014) investigando a gravidez na adolescência de mulheres em diferentes faixas de idade, residentes em Cabo de Santo Agostinho, mostra que houve um aumento da taxa de fecundidade em todas as faixas etárias de mulheres na idade reprodutiva, apontando para um impacto das mudanças em Cabo de Santo Agostinho relacionadas às obras do PAC, na trajetória reprodutiva dessas mulheres. O trabalho da autora supracitada revela que durante a instalação das obras do PAC, últimos 10 anos, a taxa de fecundidade quase dobrou em mulheres na faixa etária de 15 a 35 anos.

A revisão não exaustiva da literatura sobre sexualidade na adolescência, acima sumarizada, permitiu identificar seis eixos que podem servir como indicadores para comparar os dois grupos de mulheres sobre o fenômeno em foco: (1) Os sentidos de adolescência para as mulheres; (2) A primeira experiência sexual; (3) Como pensam o prazer sexual; (4) Emoções e sentimentos; (5) Noções e o exercício da contracepção e prevenção das DST; (6) Como relatam os embates com a Família e com a Sociedade em relação ao exercício da sexualidade na adolescência.

1.3 O que está por vir

Situado o processo que concorreu para a produção das questões de pesquisa e eixos de análise, vale antecipar o que o/a leitor/a encontrará nas próximas páginas deste trabalho, que além da introdução e considerações finais, é composto por cinco capítulos.

O primeiro deles apresenta “o percurso metodológico” desenvolvido para a execução desta tese. Nele, retomamos os objetivos da pesquisa e descrevemos os instrumentos utilizados para a coleta dos dados. Em seguida, fazemos uma descrição do ambiente de realização da pesquisa, e de como chegamos até às mulheres entrevistadas. Finalizamos este capítulo explicitando como realizamos a análise dos dados.

No capítulo 2, “Quem são essas mulheres?”, descrevemos as biografias das nossas interlocutoras, de modo a possibilitar aos/as leitores/as conhecerem um pouco de suas histórias, facilitando uma melhor compreensão das análises, apresentadas nos capítulos subsequentes.

O capítulo 3 apresenta os dados das jovens, considerando a carreira sexual, e a discussão a partir das relações desiguais de gênero, influências do PAC e das obras do Complexo Suape. Os dados revelam na comunidade, que sobre a virgindade, há um valor moral que influencia e que resulta em controle dos corpos dessas jovens, levando-as a adiar a iniciação sexual ou esconder que tem vida sexual para que a família não obrigue a casar.

No capítulo 4 apresentamos os dados e discussão da carreira sexual das adultas jovens. As relações desiguais de gênero estão presentes na trajetória sexual. Neste grupo observamos relacionamentos afetivos sexuais com os trabalhadores do Complexo Suape que resultaram em formação de uma nova família. A carreira sexual das adultas jovens revela a presença do casamento com o primeiro namorado, devido a iniciação sexual na adolescência e a presença da gravidez não planejada, além da presença do recasamento, no qual o novo parceiro é proveniente de outro Estado, que veio para trabalhar na construção do Complexo e construíram família com as mulheres residentes de Gaibu.

Na sequência, apresentamos no capítulo 5 uma comparação entre os roteiros sexuais que guiam as práticas dos dois grupos, apontando para similaridades e mudanças entre os dois grupos investigados, aprofundando análises e interpretações. Finalizando o trabalho, nas “Considerações finais”, retomamos o percurso deste trabalho e sublinhamos os principais achados.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A proposta da pesquisa cujos resultados são aqui apresentados foi a de investigar as práticas sexuais na adolescência das jovens (16 a 24 anos) e adultas jovens (26 a 34 anos) de camadas populares, residentes em Gaibu, Cabo de Santo Agostinho/PE. Ao longo da pesquisa buscou-se responder os seguintes objetivos específicos: a) identificar os roteiros de parcerias e práticas sexuais que pautam a conduta sexual das mulheres; b) interpretar as vivências da sexualidade na adolescência; c) identificar diferenças na vivência da sexualidade durante a adolescência na trajetória de vida dos dois grupos de mulheres (jovens e adultas jovens).

Para viabilizar o estudo foi realizada uma etnografia, tendo como instrumentos de investigação a observação participante, rodas de conversas e entrevistas semiestruturadas de cunho biográficos (RIOS, 2004). De modo operacional, a pesquisa foi realizada entre julho/2015 e março/2016. Foram realizados registros em diário de campo, logo após as visitas à comunidade, anotando o mote das conversações e as impressões causadas, buscando, nas visitas e rodas de conversas, registrar as informações de como acontecem as práticas afetivo-sexuais no território pesquisado.

Portanto, para conhecer o campo de pesquisa e as interlocutoras, a escolha da etnografia foi essencial para que possibilitasse a pesquisadora conhecer como se constituiu a cultura sexual do local pesquisado. Além disso, as rodas de conversas foram espaços ricos para adentrar no mundo das jovens e conhecer as formas de relacionamento que estão construindo, assim como relacionam as práticas afetivo-sexuais com os costumes locais. As entrevistas de cunho biográfico (RIOS, 2004) possibilitaram aprofundar nas trajetórias de vida das interlocutoras, a relação com a família e com o lugar onde moram, assim como conhecer os roteiros sexuais.

A etnografia segundo o Uwe Flick (2009) é um método da pesquisa qualitativa, em que a imersão do pesquisador no campo se agrega a outros procedimentos, implicando a sua participação no cotidiano das pessoas por um tempo, observando, escutando, perguntando, ou seja, coletando os dados que possam esclarecer as questões do seu trabalho (FLICK, 2009). Ressalta-se que o trabalho do etnógrafo não se resume apenas à aplicação do método na atividade de campo, está para além disso, cabe a interpretação dos dados colhidos, o que possibilita o desvelar dos significados agregados.

Vale destacar que, além das muitas pessoas com quem se conversou e das participantes das rodas de conversa, realizaram-se entrevistas com 16 mulheres, sendo oito de cada grupo. Também é importante sublinhar que a pesquisa seguiu os preceitos éticos exigidos pela Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (ANEXO A). Nessa direção, ao entrar

em contato com as interlocutoras, foi entregue e explicitado a funcionalidade da pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO B). Neste termo, salientou-se que seriam resguardadas as suas identidades e, desse modo, os nomes aqui utilizados para reportar as interlocutoras são fictícios.

Será iniciada a descrição do trabalho de campo apresentando o universo investigado. Na sequência, será descrito o percurso da pesquisa e as estratégias para formar os dois grupos de entrevistas. Ao final do capítulo será apresentada a técnica de análise dos dados coletados.

2.1 O Complexo Industrial e Portuário, Suape, Cabo, Gaibu

O Complexo industrial portuário de Suape está localizado entre os municípios do Cabo de Santo Agostinho e de Ipojuca, que formam a microrregião de Suape, distante 40 km de Recife (Figura 1).

Figura 1 - Área de abrangência do território estratégico de Suape



Fonte: CONDEPE/FIDEM (2016)

A região em que está consolidado o complexo, caracteriza-se como um polo dinâmico do Estado, cujos fatos históricos registram que desde a década de 1970, já haviam iniciativas

para a construção de um novo complexo industrial-portuário no Cabo de Santo Agostinho (ALVES, 2011; SHUÑA, 2014). Em 1973, começou a ser elaborado o plano diretor para a implantação do complexo industrial e portuário. Mas, somente em 1976, criou-se um grupo interministerial para examinar a viabilidade técnica, econômica e financeira do projeto. As atividades desse grupo terminaram em 1977 e, neste ano, iniciaram-se as primeiras ações de desapropriação em cerca de 13,5 mil hectares de terras. Depois da desapropriação, foram iniciadas as obras de infraestrutura portuária, sistema viário interno, abastecimento de água, energia elétrica e telecomunicações (SUAPE, 2016).

Na data de 7 de novembro de 1978, foi criada a empresa SUAPE - Complexo Industrial Portuário, por meio da Lei Estadual nº. 7.763. A finalidade desta empresa era administrar a implantação do distrito industrial, o desenvolvimento das obras e a exploração das atividades portuárias. Em 1983, em Suape, iniciaram-se as operações como complexo portuário e industrial, no qual acontecia a movimentação do álcool pela Petrobrás.

Contudo, o marco histórico da empresa de SUAPE foi na década de 90, uma vez que a empresa passou a ser incluída no programa federal, recebendo apoio financeiro, denominado Programa Brasil em Ação, cuja finalidade é a implantação da primeira etapa de seu porto interno.

No ano 2000, foi construído o Pier de Granéis Líquidos 2, sendo inaugurado no ano seguinte. Em 2002, para atender às demandas da expansão da Zona Portuária, deu-se início a construção do primeiro Prédio da Central de Operações Portuárias, que abrigaria as autoridades portuárias operantes em Suape. Já em 2004, foi inaugurado o Centro de Treinamento do Complexo de Suape, cujo objetivo foi a promoção da inclusão educacional para os moradores do entorno de Suape e para funcionários do complexo. Mas, foi no ano de 2005 que a Refinaria General José Ignacio Abreu e Lima chegou a Pernambuco. Em 2006, a empresa italiana Mossi & Ghisolf foi inaugurada. Em 2008, o Complexo Industrial Portuário de Suape foi inaugurado e, com a chegada do Estaleiro Atlântico Sul, houve a construção de muitos alojamentos para os trabalhadores das empresas que compõe este complexo. Quando o Estaleiro Atlântico Sul foi inaugurado em 2009, muitas empresas internacionais se instalaram no Complexo industrial e naval de Suape, expandindo as suas produções. Como exemplo a empresa espanhola do grupo Gonvarri, GRI Towers, para produzir torres eólicas, e uma das principais empresas de agronegócio e alimentos, a Bunge, foi inaugurada no Porto de Suape em 2009 (SUAPE, 2017).

De acordo com o site do Complexo Industrial Portuário (SUAPE, 2017), até o ano de 2017, constavam 77 empresas instaladas, sendo dez relacionadas a alimentos e bebidas, quatro

à central de serviços, duas ao setor eólico, três ligadas à geração de energia, dezessete a grânéis líquidos e gases, doze ligadas à área de logística, oito relacionadas a materiais de construção, uma de meio ambiente, seis metalomecânicos, três naval e offshore, uma petroquímica e dez fábricas de embalagens plásticas.

Figura 2 - Pátio de Contêineres do Porto do Suape (1)



Fonte: Souza (2013).

Figura 3 - Pátio de Contêineres do Porto do Suape (2)



Fonte: Clímaco (2012).

Figura 4 - Localização geográfica do Porto do Suape (1)



Fonte: Clímaco (2012).

Figura 5 - Localização geográfica do Porto do Suape (2)



Fonte: Clímaco (2012).

A pesquisa foi realizada no município do Cabo de Santo Agostinho. Segundo dados do IBGE em seu último censo (2010), a população total do Cabo era de 185 mil e 123 habitantes, sendo 90 mil e 887 homens e 94 mil 236 mulheres. De acordo com os dados indicados no referido ano pelo IBGE, os indicadores sociais do município são baixos, o que sinaliza a presença marcante da pobreza e das desigualdades sociais. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) do Cabo de Santo Agostinho atualmente é 0,686, enquanto a capital Recife é 0,772 de acordo com o Atlas Brasil 2013.

A cidade do Cabo de Santo Agostinho tem nove praias (Gaibu, Calhetas, Suape, Itapuama, Paraíso, Pedra do Xaréu, Enseada dos Corais, Paiva e praia do Cabo de Santo Agostinho). Essas praias são muito procuradas principalmente no período de férias de verão. Escolhemos realizar a pesquisa no bairro de Gaibu⁸ porque lá ficaram concentrados vários dos alojamentos para os trabalhadores.

O bairro de Gaibu, dada a sua localização costeira vivia da pesca e do turismo. Porém, essa forma de economia começou a mudar quando chegaram os migrantes vindos de várias partes do Brasil para trabalhar no complexo industrial e portuário de Suape. Os trabalhadores começaram a se alojar de maneira formal e informal em Gaibu, uma vez que possuía condições mínimas, relacionadas ao turismo, para receber e alojar os trabalhadores de fora; além de estar localizado muito próximo aos canteiros de obra. Além disso, houve um incremento do comércio formal e informal de alimentos, vestuário, e também de venda de drogas lícitas e ilícitas e de estabelecimentos voltados à prostituição.

⁸ Gaibu vem do tupi e significa vale do Olho D' água.

Figura 6 - Vista aérea da Praia do Gaibu



Fonte: Panoramio⁹

No período da coleta de dados desta pesquisa (2º semestre de 2015) os alojamentos não mais existiam, pois boa parte das obras já haviam sido finalizadas. Mas, muitos trabalhadores permaneceram residindo em Gaibu, o que contribuiu para o surgimento de espaços de habitação antes inexistentes (Figura 7).

Figura 7 - Situação atual das moradias



Fonte: Souza (2013)

2.2 Conhecendo o campo de pesquisa

Entrou-se em contato com as/os moradoras/es de Gaibu que foram as(os) interlocutoras/es ao longo da pesquisa de várias formas. Não foi tão fácil acessá-las, como se esperava. Porém, na medida em que os vínculos foram sendo estabelecidos, mostraram-se abertos/as para falar do local, da política, de si, dos outros, e das suas insatisfações e sonhos.

⁹ Disponível em: http://www.panoramio.com/user/2465524?photo_page=3. Acesso em: 06 jun. 2017.

Durante o período de estadia no campo, buscou-se compreender sobre a cultura local, perguntando às pessoas sobre suas vidas pessoais, as vidas dos outros e sobre questões que não se quer falar.

Inicialmente, foi trabalhando como professora de uma instituição de ensino privado, que em um determinado momento do semestre, uma aluna da pesquisadora verbalizou ser moradora do Cabo de Santo Agostinho. Após o término da aula, questionou se ela teria amigos que moram em Gaibu. Foi explicado o motivo da pergunta e a proposta da pesquisa de doutoramento. A aluna narrou que fazia parte de um movimento em Gaibu ligado a preservação do meio ambiente, que havia uma página no Facebook com muitos integrantes e solicitaria ao administrador do grupo para adicioná-la. Também comentou sobre outro aluno, igualmente morador do Cabo de Santo Agostinho, e que ele poderia ajudar com a pesquisa. Em contato com o outro aluno, este forneceu nomes de amigos e seus telefones, após explicar e solicitar a colaboração com a pesquisa.

Ao ser aceita na rede social Facebook¹⁰, a pesquisadora começou a acompanhar as postagens dos seus integrantes. Percebeu que havia muita polêmica em torno das atividades que o grupo se propunha a fazer, mas que não se concretizava. Os ânimos se alteravam e havia um sentimento de revolta por parte de alguns deles. Havia duas atuações com maior intensidade neste grupo, quais sejam, recuperação de espaços públicos, no qual doações e uso da mão de obra dos integrantes do movimento recuperaram uma praça que durante muito tempo vinha sendo negligenciada pelos gestores públicos. A segunda atuação era a limpeza da praia nos domingos à tarde pelos integrantes e outros moradores que, pela convocação através de rede social, eram convidados a participar da atividade. Mas, estava aí situado o problema! Esta ação estava se esvaziando e não mais acontecendo, as marcações quase não aconteciam e muitos se propunham a ir, mas não compareciam.

A pouca frequência do encontro do grupo dos integrantes da rede social para realização da limpeza da praia, provocou um desmembramento entre os organizadores e, com isso, a rede social SOS Gaibu se tornou Direitos Urbanos Gaibu.

¹⁰ O moderador do grupo do Facebook é o Fábio. Ele tem 42 anos de idade, está no segundo casamento e tem um casal de filhos adolescentes do primeiro casamento e uma filha pequena do segundo. É formado em arquitetura e trabalha no serviço público. Fábio foi um interlocutor chave para a pesquisa, pois apresentou a história de Gaibu, seus dilemas e belezas, assim como a outras interlocutoras. Segundo ele, nos finais de semana há um grande número de frequentadores e a ausência de política pública para a limpeza da praia revolta os moradores, principalmente os mais jovens. Pois, eles visam a preservação da praia, sendo o bem mais valorizado por eles.

Marcou-se encontro com o Fábio, em sua casa, num domingo de manhã no dia 19 de julho de 2015. No trajeto foi sendo delineado o encontro, afinal não havia perguntas prontas, apenas a pergunta inicial: fale um pouco sobre Gaibu? Não se sabia o que iria encontrar (pessoa simpática ou antipática) e se portas conseguiriam se abrir a partir dali.

Mas, esse primeiro contato foi bem proveitoso. O interlocutor se sentiu muito privilegiado de poder falar sobre o local. Além da vontade de falar, também existia o sentimento de revelar sua visão sobre os acontecimentos no local devido aos empreendimentos do complexo industrial, suas repercussões na comunidade, a falta de políticas públicas relacionadas a limpeza da praia nos finais de semana e, principalmente, ações e mobilizações para valorização dos espaços públicos locais.

Ao falar da sua percepção sobre o local, havia em seu tom sempre a presença de uma grande paixão pelo lugar. Apesar de não ser morador de Gaibu, mas do Cabo de Santo Agostinho, afirmou ter muitas raízes lá. Para começar, a casa onde estava era dos seus pais. Ele passou sua infância nesta casa e só na fase adulta foi para o Cabo. Atualmente, frequenta Gaibu nos finais de semana, junto com esposa e filha pequena. Porém, a casa não é só de veraneio, lá também moram outros familiares.

Como fruto daquele encontro, outro logo foi marcado. Seria por ocasião de em uma Feira Cultural que acontece quinzenalmente na Associação dos Moradores da Praia de Gaibu (AMPG), aos sábados a partir das dezessete horas. Nesta feira acontecia a apresentação de artistas locais, principalmente cantadores de coco, forró, concursos para crianças, exposição de artesanatos, bem como há um incentivo para exposição e vendas de comidas típicas, hortaliças e pães que são produzidos pelos Quintais Produtivos¹¹.

Desse modo, quinze dias depois, houve nova viagem para Gaibu, num sábado à tarde, para um encontro com Fábio, como havia sido combinado. A proposta deste encontro seria a apresentação da pesquisadora para algumas mulheres e uma delas fazia parte de uma ONG que trabalhava na orientação do projeto Quintais Produtivos.

Ao chegar em Gaibu, na hora combinada, às cinco da tarde, não havia ninguém na casa do interlocutor. Decidiu-se dirigir até a Feira Cultural para conhecê-la. Não havia visitantes, apenas os artesãos e suas mercadorias, artesanatos e alimentos. Ao entrar no espaço, todos os

¹¹ Projeto que visa uma ação integradora da população com o meio ambiente almejando uma melhor qualidade de vida. Um grupo de mulheres disponibilizaram seus quintais para o plantio de hortaliças, no qual o resultado esperado é a promoção da segurança alimentar das famílias, o abastecimento local de produtos orgânicos, o reaproveitamento de descartáveis e, conseqüentemente, oportunidade de trabalho e renda e valorização do ambiente local. O projeto recebe apoio do Programa de Desenvolvimento Local da Reserva do Paiva, apoiado pela Odebrechet Realizações Imobiliárias em parceria com a Concessionária Rota dos Coqueiros e a Associação Geral da Reserva do Paiva.

olhares se voltaram para a pesquisadora, pois era a única não expositora, desconhecida e era uma possível cliente. Como não ia comprar nada, saiu dali para não gerar expectativas. Foi circular pelos arredores, para sentir sua atmosfera, afinal era sábado à tarde, enquanto o interlocutor não chegava.

Não andou em direção à praia, mas em direção aos bares, barracas, restaurantes e pizzarias que, em sua maioria, localizam-se a um quarteirão da praia. Havia muitas pessoas na rua, mas observou-se que a grande maioria dos frequentadores dos bares, eram homens. Nesse sentido, questionou-se onde estavam as mulheres? Será que pelo fato de a maioria dos bares estarem passando jogo de futebol afugentou as mulheres? As poucas mulheres que se viam estavam trabalhando nas barracas de comidas típicas e outras poucas passeando com seus filhos pequenos e seus companheiros. Questionou-se mais uma vez, por que haver tão poucas mulheres nos bares, restaurantes ou usufruindo dos espaços públicos?¹²

Depois de um tempo de observação nos arredores, voltou-se para a Feira Cultural passando pela casa do interlocutor, não o encontrando. Optou-se por contactar aquelas pessoas que ele iria apresentar sem a presença dele. Ao retornar a Feira Cultural havia um pouco mais de movimentação, principalmente de crianças pequenas acompanhadas de seus pais, devido ao fato de, naquele momento, já haver brinquedos infláveis, cama elástica e piscina com bolas para se divertirem. Decidiu-se puxar conversa com um vendedor de artesanato, e começou-se a fazer perguntas sobre o produto que ele vendia, objetos de decoração para quartos infantis. Quando se estava no embalo do diálogo, perguntou-se se a presidente da associação estava presente e se ele podia dizer quem era. Ela estava presente e logo que se encerrou o diálogo partiu-se à sua procura.

Ao encontrá-la, apresentou-se e falou da pesquisa, perguntando se ela poderia ajudar apresentando algumas mulheres jovens da comunidade que pudessem contribuir com a investigação. Ela foi muito atenciosa, falou que nos finais de semana havia um curso para jovens na AMPG e que possivelmente deveria ter algumas das jovens por ali, saindo em seguida à procura delas. Encontrando uma das jovens, a presidente apresentou a pesquisadora que gostaria de conhecer as jovens de Gaibu e se retirou.

¹² As respostas para essas perguntas foram dadas quando se conheceu as mulheres adultas jovens, em um primeiro encontro, numa conversa informal. Foi relatado que: quando no distrito de Gaibu havia os alojamentos para os migrantes trabalhadores temporários, aumentou excessivamente o número de homens circulando pela comunidade. Muitos homens agrediam física e verbalmente as mulheres, quando elas não correspondiam às investidas dos mesmos. Tal fenômeno acontecia infelizmente cotidianamente praticada por homens desconhecidos. Sendo este fenômeno o motivo de afastar as mulheres dos espaços públicos, por não sentirem segurança em circular pela comunidade, mesmo quando estão acompanhadas.

A pesquisadora e a jovem afastaram-se do palco, onde já havia cantadores e foram para um lugar com menos barulho no mesmo espaço da AMPG. Já neste espaço, falou que estava ali para fazer uma pesquisa e que precisava conhecer mais jovens. Perguntou se ela poderia ajudar, e ela falou do curso de audiovisual que fazia pelo segundo ano. Neste curso, havia muitos jovens, entre a idade de 14 até 20 anos, de ambos os sexos. Ela ficou encarregada de falar com a coordenadora, para que se participasse do primeiro encontro após as férias, uma vez que se estava no final de julho de 2015. Então, sua ideia foi aceita e a forma de contato se deu pelo Facebook, uma vez que ela também fazia parte do Direitos Urbanos Gaibu.

2.2.1 Conhecendo a comunidade: uma breve descrição das jovens e os moradores da praia de Gaibu

O contato com o grupo das jovens participantes do estudo se deu no curso de audiovisual, um projeto de extensão do curso de cinema da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), intitulado “Fazer o Mundo, Fazendo Vídeo¹³”, patrocinado pela Petrobrás. É composto por uma coordenadora formada em jornalismo e quatro estagiários do curso de cinema, também há participação de profissionais formados que são convidados. O curso acontecia todos os finais de semana, sendo o sábado o dia todo e o domingo pela manhã. Quando se chegou no sábado à tarde, os/as jovens estavam no momento da prática do curso, isto é, estavam na comunidade realizando as tomadas e se encontravam presentes na AMPG a coordenadora, os estagiários e a jovem que se conheceu na Feira Cultural. Então, apresentou-se à coordenadora que estava ciente da sua ida. O encontro se deu numa sala, em que não havia cadeiras, mas algumas folhas de borracha pelo chão, algumas almofadas, um quadro branco, um painel com muitas folhas de ofício com produções dos alunos, um projetor, dois notebooks e dois armários brancos com portas. Assim que se sentou no chão junto com todos os presentes começou a perguntar sobre o projeto deles com os jovens.

Passado este momento, foi a vez deles interrogarem sobre os propósitos da pesquisa. A pesquisadora apresentou-se como doutoranda em Psicologia e que sua pesquisa era sobre as jovens de Gaibu, estando ali a convite de umas das alunas para ter a chance de conhecer mais

¹³ Informações retiradas da rede social do Facebook sobre o projeto de extensão “Fazer o Mundo, Fazendo Vídeo”. Este projeto visa formar 40 jovens do Cabo de Santo Agostinho como agentes de transformação positiva, capacitando-os e assessorando-os na produção de material audiovisual que reflita sobre as principais problemáticas e potencialidades de sua realidade local. O projeto objetiva desenvolver, através da qualificação profissional e do fomento a uma leitura crítica de mundo, a inserção social positiva da juventude do município. Disponível em: < <https://www.facebook.com/fazeromundo/>>. Acesso em: 05 nov.2016.

jovens. Em seguida, os/as jovens chegaram, percebeu que a olharam estranhamente, mas não se apresentou, pois sabia que o momento certo chegaria. Ao olhar tantos jovens, ficou encantada! Mas também amedrontada. Sentiu um frio na barriga, cujo motivo era: será que conseguiria conquistá-los a ponto de manter um diálogo prolongado, ou seja, ter vários encontros, várias conversas?

Após um certo momento de afobação por parte dos/das jovens, afinal eles foram fazer filmagens externas, cujo tema era a opinião das pessoas sobre perdão. Iniciaram os relatos de cada grupo, de como foi a tarefa de interceptar as pessoas na rua, fazer uma pergunta, aguardar o processo mnemônico de cada entrevistado, e a espera de que o entrevistado começasse a responder. Ao mesmo tempo, alguns jovens mais habilidosos com os programas de computador organizavam todo o material coletado. Feito isso, começaram a passar na tela de projeção as entrevistas. Terminada essa sessão um profissional convidado começou a fazer suas considerações.

Quando esgotaram todos os comentários, foi apresentada pela coordenadora do curso. Falou que fazia uma pesquisa sobre as jovens de Gaibu e que gostaria de saber quem gostaria de participar desde que fosse maior de dezesseis anos. Para a sua surpresa, foi uma gritaria na sala, pois todos gostariam. Muitos não puderam participar pois tinham menos de 16 anos. Pediu que fizessem uma lista com nomes e telefones para se comunicarem. Apesar de ter sido dito que a pesquisa se tratava apenas sobre as jovens, os rapazes também interessaram-se e escreveram seus contatos.

A partir desses contatos foi criado um grupo no *whatsapp*, e no final da semana seguinte encontraram-se no sábado ao final da tarde na AMPG. Após o compromisso das jovens com o curso na AMPG, reuniam-se quinzenalmente para uma roda de conversa. Foram seis (6) encontros com duração média de 1 hora e 30 minutos cada. Como em todos os encontros se levava um bolo e um refrigerante, com o intuito de que pudessem ficar mais tempo conversando sem a fome atrapalhar. Pensou que se elas estivessem com fome, isso não seria possível, afinal depois de um dia todo de curso, era preciso um lanche para conversarem por quase duas horas como era de costume. No início sempre se sentavam no espaço construído como um palco para realização de teatro, em outros acontecia debaixo do caramanchão dentro da própria AMPG e só uma vez andaram até uma praça onde há a “academia da cidade”¹⁴.

¹⁴ Espaço público para realização de atividades esportivas, como musculação, ginástica e aulas de dança, destinado aos munícipes, acompanhados por professores e estagiários de Educação Física, custeado pela Prefeitura.

É importante frisar que todas as interlocutoras mulheres jovens participaram das rodas de conversa, mas nem todas faziam o curso de audiovisual, quais sejam, Alexandra, Letícia e Fernanda. Essas mulheres jovens chegaram até a pesquisadora através da rede de contato das interlocutoras que faziam parte do grupo.

Além das oficinas, foram realizadas oito (8) entrevistas individuais, do tipo semiestruturada (roteiro no ANEXO C). O objetivo deste tipo de entrevista, através do seu roteiro de perguntas visa garantir que o(a) pesquisador(a) realize as mesmas questões às interlocutoras, bem como, dar espaço para que o pesquisador(a) durante a realização das entrevistas possa realizar novas perguntas, que visem esclarecer as falas e que possam servir como material para análise (FLICK, 2009).

Para uma melhor visualização das mulheres jovens que participaram da pesquisa, ver a tabela 1 a seguir.

Tabela 1 - Caracterização do Grupo das Jovens

GRUPO DAS JOVENS					
NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	RELIGIÃO	OCUPAÇÃO
Alexandra	18 anos	Ensino superior incompleto	Solteira	Católica	Estudante De direito
Ariane	18 anos	Ensino médio completo	Solteira	Católica/ evangélica	Sem trabalho
Lisa	19 anos	Ensino médio completo	Solteira	Sem religião	Sem trabalho
Nala	18 anos	Ensino médio completo	Solteira	Protestante/ cristã	Sem trabalho
Letícia	23 anos	Ensino médio completo	Casada	Evangélica	Sem trabalho
Fernanda	22 anos	Ensino superior incompleto	Separada	Católica	Estudante de RH e Gerente de restaurante
Lua	18 anos	Ensino médio incompleto	Solteira	Espírita	Estudante
Helena	19 anos	Ensino médio completo	Separada	Evangélica	Gerente de restaurante

Fonte: Formatação da autora

É importante lembrar aos leitores, tal como já exposto no início deste capítulo, que visando preservar a identidade das mulheres jovens, todos os nomes são fictícios. A seguir, é apresentado o percurso transcorrido para conhecer as adultas jovens, as aproximações e a realização das entrevistas.

2.2.2 Conhecendo a comunidade: uma breve descrição sobre as adultas e moradores da praia de Calhetas

Tal como no momento inicial da pesquisa solicitou-se suporte ao interlocutor Fábio, para que ele inserisse a pesquisadora no circuito das mulheres que estão na faixa etária entre 26 a 35 anos. Por outro lado, de forma inusitada descobre-se alunos que moram no município do Cabo de Santo Agostinho e resolve-se perguntar em sala de aula se alguém tinha conhecimento com pessoas que moram em Gaibu. Prontamente uma aluna respondeu: “minha mãe vive lá, professora! Ela conhece todo mundo!”. Ao final da aula foi explicado melhor o motivo da pergunta e então marcou-se uma ida juntas a Gaibu.

No caminho para Gaibu, percebeu-se que Rosimar (mãe da aluna), já tinha feito o mapa mental dos lugares que seriam percorridos. Foi então que se observou que se tratava de Calhetas, uma praia próxima a Gaibu, também pertencente a Cabo de Santo Agostinho. Ela também já tinha pensado em quem iria apresentar.

Calhetas é uma praia famosa da região do Cabo de Santo Agostinho, é particularmente turística, principalmente porque não há especulação imobiliária. As casas para alugar são exclusivamente dos pescadores ou trabalhadores de bares e restaurantes, e é através dessas duas formas de renda que os nativos de Calhetas ganham seu sustento. Lá, não há calçadas, nem ruas asfaltadas e a iluminação pública é precária. Em diálogos com as interlocutoras dos dois grupos e nativos da região, identificou-se nas narrativas que, do ponto de vista nativo, a praia de Calhetas insere-se dentro do bairro de Gaibu, assim como a praia de Enseadas. Ou seja, para os residentes de Gaibu, a praia de Calhetas e de Enseadas, estão dentro do limite do bairro de Gaibu, mesmo que geograficamente haja limites entre as praias e separações.

Figura 8 - Praias do litoral do Cabo de Santo Agostinho



Fonte: Melo (2015)

Assim, ao chegar em Calhetas, Rosimar apresentou Fátima, muito simpática, que trabalhava em um dos restaurantes como garçomete. Atualmente é proprietária de uma loja de artesanato em Nazaré e uma mercearia. Segundo os nativos de Calhetas, a população de Nazaré carece de lugar que venda alimentos e bebidas, desse modo tendo que se deslocar para o Cabo de Santo Agostinho para realizar suas compras.

Fátima e Rosimar são amigas há muito tempo e sem muitos ardeios, Rosimar foi dizendo que estava sendo realizada uma pesquisa e que era necessário entrevistar umas mulheres da região. Explicou-se melhor o que se tratava e prontamente ela marcou uma reunião numa quarta-feira pela manhã, na qual haveria uma apresentação aos moradores de Calhetas.

Seguiu-se então para um outro restaurante, cujo dono é um ex-pescador, o estabelecimento é muito simples, ele mesmo cozinha, serve os clientes e senta-se para conversar com eles. Lá chegando foram feitas as apresentações, Rosimar explicou que se queria entrevistá-lo e marcou-se assim para a quarta-feira. De lá, seguiu-se para casa de outro ex-pescador, residente de Gaibu. Este mora em frente ao mar, não vive mais da pesca, agora seu filho assumiu essa função. Romário é um senhor com mais de 70 anos, filho de uma das três primeiras famílias que começaram a habitar o bairro de Gaibu. Depois de algum tempo de conversa entre Rosimar e Romário, marcou-se uma outra conversa.

Na quarta-feira, (09/09/2015) às 9 horas chegando em Calhetas, Fátima tinha conseguido reunir alguns homens e mulheres. O grupo de homens estavam reunidos e as mulheres ainda não se encontravam presentes. Os homens estavam sentados em cadeiras num formato de círculo, Fátima apresentou-os e conversou-se por uma hora. Estavam presentes Sandro, Will, Bernardo, Carlos e João.

O encontro com homens e mulheres de Calhetas, em grupo, aconteceu uma única vez. Porém, dessa reunião com esses homens e mulheres da região, cada um pode indicar uma interlocutora e com cada uma delas realizou-se visitas em seus domicílios para conhecê-las melhor e posteriormente poder entrevistá-las individualmente. Esses encontros informais com interlocutoras permitiram que se tivesse uma maior proximidade com elas, ou seja, permitindo as interlocutoras da pesquisa se sentirem mais à vontade para conversar sobre suas carreiras sexuais. Para tanto, com este grupo de mulheres foram oito entrevistadas, como pode ser observado na tabela 2.

De forma semelhante às mulheres jovens, também foram realizadas oito entrevistas individuais do tipo semiestruturada.

Tabela 2 - Caracterização do Grupo de Adultas Jovens

GRUPO DE ADULTAS JOVENS					
NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	RELIGIÃO	OCUPAÇÃO
Maria	26 anos	Ensino superior completo	Solteira	Católica	Gerente de restaurante
Ana	31 anos	Ensino médio completo	Casada	Sem religião	Dona de casa
Bianca	33 anos	Ensino médio completo	Casada	Católica	Dona de casa
Lilian	31 anos	Ensino médio completo	Solteira	Católica	Desempregada
Raquele	28 anos	Ensino médio completo	Casada	Católica	Cozinheira de restaurante
Cristina	31 anos	Ensino médio completo	Casada	Católica	Estudante de RH e Gerente de restaurante
Roberta	31 anos	Ensino fundamental incompleto	Casada	Católica	Comerciante
Rose	31 anos	Ensino médio completo	Casada	Católica	Dona de casa

Fonte: Formatação da autora

Porém, com as adultas jovens a realização das rodas de conversas não se tornou viável, muito em função das dinâmicas do cotidiano de cada uma, assim como a disponibilidade de cada uma para conversar. Neste caso, realizou-se uma média de três visitas informais com cada uma, antes da realização das entrevistas.

2.3 A Análise

Para identificar os roteiros de parcerias e práticas sexuais que pautam as condutas das mulheres e analisar as regulações da sexualidade exercidas por marcadores sociais, como idade e gênero, considerando as emoções e processos de socializações que matizam as parcerias e as práticas sexuais, utilizou-se a análise temática (BARDIN, 1977).

Segundo Laurence Bardin (1977), a análise temática é uma das formas que melhor se ajusta as pesquisas qualitativas. A autora propõe três etapas para o desenvolvimento da aplicação desta técnica de análise, a saber: 1- Pré-análise; 2- Exploração do material e 3- Tratamento dos resultados e interpretação.

A primeira etapa consiste na pré-análise, isto é, refere-se à transcrição das entrevistas. É importante esclarecer que essa tarefa foi desenvolvida pela própria pesquisadora, pois ajuda a apropriar-se dos dados. Assim, logo após a transformação das entrevistas em textos escritos, iniciou-se a atividade conhecida como “leitura flutuante”. Esta atividade serviu para gerar as impressões acerca do material a ser analisado (BARDIN, 1977). Para o caso desta pesquisa o *corpus* de análise resultou das informações obtidas através dos registros do diário de campo e das entrevistas transcritas.

Na exploração do material, após a “leitura flutuante” outras leituras foram necessárias para dar posterior respaldo aos dados. Neste caso, ajudou na construção de um quadro com os eixos e trechos da entrevista. Dito em outras palavras, esta etapa teve como função a construção de categorias. As informações contidas no material transcrito foram recortadas, em eixo comum para as categorias para, em seguida, realizar a interpretação dos dados. Lembrando que as informações coletadas com as entrevistas e transformadas em quadros foram separadas por grupos (jovens e adultas jovens).

Antes de iniciar a interpretação e logo após a escolha do tema para os eixos da entrevista, foi desenvolvida a categorização. O objetivo da categorização é fornecer, de uma forma condensada, uma representação simplificada dos dados brutos. A categorização é uma operação de classificação do tema escolhido no qual primeiramente há a diferenciação e posteriormente o reagrupamento.

Tabela 3 - Categorização das Jovens

EIXOS NORTEADORES	CATEGORIAS
Os sentidos de adolescência para as mulheres	Estudo, liberdade, drogas, gravidez, diversão e trabalho
Primeira vez	Medo e desejo
Como pensam o prazer sexual	Prazer e desprazer
Emoções e sentimentos	Paixão/decepção/machismo-namoro/casamento
Noções e o exercício da contracepção e prevenção das DST	Prevenção gravidez/ prevenção HIV/Aids
Relacionamentos	Namoro e casamento

Fonte: Formatação da autora

Tabela 4 - Categorização das Adultas Jovens

EIXOS NORTEADORES	CATEGORIAS
Os sentidos de adolescência para as mulheres	Estudo, trabalho, autonomia, drogas, diversão, sexualidade
Primeira vez	Idade, lugar, sentimento, namoro, casamento
Como pensam o prazer sexual	Tesão, paixão e amor
Emoções e sentimentos	Paquerar, ficar e namorar
Noções e o exercício da contracepção e prevenção das DST	Nunca se preveniu/ já se preveniu
Relacionamentos	Namoro declarado/ namoro escondido

Fonte: Formatação da autora

Após posterior criação de categorias, configura-se na terceira etapa, ou seja, no tratamento dos resultados e interpretação propriamente dito. Esta etapa corresponde a transformar o material bruto (as entrevistas e o diário de campo) por meio de recorte, agregação ou enumeração permitindo atingir uma representação do conteúdo. Desse modo, para preencher o quadro construído com os eixos da pesquisa e assim contemplar as respostas das interlocutoras, precisou-se responder à pergunta: o que é pertinente neste *corpus* que corresponda aos objetivos da análise? E visando a categorização, fez-se uso da unidade de registro.

Bardin (1977) denomina unidade de registro o segmento extraído do texto, ou seja, aquilo que o pesquisador considera como importante e pertinente para atender os objetivos da análise. A autora faz uso da expressão “tema”, para quando a unidade de registro para a análise é uma afirmação acerca de um assunto. E, neste caso, o tema recortado possui as ideias constituintes que se pretende analisar. Assim, com a análise temática pretende-se descobrir os núcleos de sentido que constitui a afirmação e cuja presença significa alguma coisa para o objetivo analítico.

Para interpretar as vivências da sexualidade na adolescência dos dois grupos de mulheres com base nas categorias, os dados foram cotejados entre diário de campo, rodas de conversa e entrevistas, interpretando as falas das informantes com base nas teorias sobre gênero e sexualidade.

3 QUEM SÃO ESSAS MULHERES?

Neste capítulo serão descritas as histórias de vida sexual das mulheres jovens e das mulheres adultas jovens, abordado o que elas revelaram no transcorrer da pesquisa sobre a “carreira sexual”, com dados tanto do diário de campo como das entrevistas individuais. É importante frisar que muitas das informações abordadas aqui serão retomadas analiticamente nos capítulos seguintes.

A função deste capítulo é apresentar ao/a leitor/a quem são as interlocutoras e como foram acontecendo seus relacionamentos afetivo-sexuais. Esta leitura é importante para auxiliar na compreensão das interpretações, assim como, também, venha a possibilitar outras análises e interpretações.

As mulheres aqui descritas e já apresentadas (conforme Tabelas 1 e 2 do capítulo anterior), são moradoras do bairro de Gaibu, no município do Cabo de Santo Agostinho, com idades entre 17 a 33 anos, nove solteiras e sete casadas, sete com e nove sem filhos, onze com grau de instrução ensino médio completo, uma com ensino superior completo, duas com superior incompleto e uma com ensino fundamental incompleto. Quatro são evangélicas, dez católicas, uma espírita e duas sem religião.

Contudo, é importante deixar claro que a finalidade é puramente descritiva sobre a “carreira sexual”. Ao utilizar este termo, chama-se atenção para os roteiros sexuais, isto é, a inclusão das cenas (o que acontece no momento como, por exemplo, “o roubo de um beijo”) e cenários (o que está ao redor de onde acontece a cena sexual, tal como, “a casa do namorado”). Para que, mais à frente, no capítulo analítico, os dados possam ser entendidos com uma maior fluidez pelos leitores.

3.1 As jovens

3.1.1 *Alexandra*

Alexandra é uma jovem de 18 anos, estudante de Direito, solteira, católica, negra, heterossexual e mora com os pais (a mãe professora e o pai guia turístico). Tem uma irmã de 21 anos, estudante de Fisioterapia e um irmão de 16 anos estudante do ensino médio. Na entrevista assinala que após o término do curso de Direito, deseja morar em outro estado do Brasil, porque adora viajar e conhecer outros lugares.

Durante o ensino médio a interlocutora viajou para a Europa e ficou lá por seis meses para estudar inglês através de um programa da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. Também já iniciou um curso profissionalizante de Logística antes de cursar Direito, mas não concluiu porque foi aprovada na faculdade.

A Alexandra é uma jovem que não aprecia muito o lugar onde mora, acha muito calmo. Afirma que não tem nada para fazer, e que só tem vontade de dormir quando está em casa. Prefere os finais de semana porque o distrito fica mais movimentado pelos turistas. Sobre seu lazer refere ir à praia e ao shopping.

Suas amigas são da região em que reside, e sua opinião sobre os rapazes da comunidade refere-se ao fato de que, geralmente, eles costumam terminar o ensino médio, não havendo um investimento em um grau superior. Dito em outras palavras, eles vão trabalhar e dificilmente vão fazer graduação, optando mais para um curso técnico.

Alexandra é muito tímida e séria. Fala de si com muita precaução. Conta que o seu primeiro beijo foi aos 13 anos, e narra que esse momento aconteceu quando estava na praia com uma amiga, cada uma com a sua paquera. Este, era um rapaz que Alexandra há algum tempo já sentia interesse por ele. Depois desse primeiro encontro ficaram mais uma vez e começaram a namorar. Apesar dela revelar que havia intimidades entre os dois e o namoro ter durado mais de dois anos, ela nunca teve relações sexuais com ele e nem com nenhum outro rapaz.

Ela terminou o namoro após receber a notícia de que iria passar seis meses fora do Brasil. Começou a perceber que queria mais para sua vida do que namorar e casar com o primeiro namorado. Apesar de ter revelado que terminou o relacionamento mesmo gostando do rapaz e que ainda gosta dele, prefere vivenciar a experiência da faculdade, viajar e poder morar em outro Estado, afirmando que tem no primeiro namorado a referência de uma pessoa para casar.

Na faculdade se envolveu com outro rapaz. Como ela ficava no período da tarde para estudar antes de voltar para casa e esse mesmo rapaz chegava cedo na faculdade para estudar antes das aulas noturnas, eles se conheceram na biblioteca. Conversavam muito até que ele a convidou para dar uma volta. Neste passeio vespertino deram o primeiro beijo e ficaram algumas vezes, tinham um pouco de intimidades, mas nunca tiveram relações sexuais. Esse relacionamento não migrou para o namoro e foi acabando os encontros com ele. Mas, declarou que são muito amigos.

3.1.2 Ariane

Ariane é uma jovem de 18 anos, negra, solteira, heterossexual, tem o ensino médio completo e frequenta a igreja católica, mesmo, às vezes, participando dos cultos evangélicos. Mora com os pais, sua mãe é segurança e seu pai pedreiro. Tem uma irmã evangélica com 17 anos de idade e um irmão de 19 anos.

Sua rotina diária compõe-se de práticas de exercícios físicos na praia pela manhã, à tarde faz karatê e ajuda o professor com as turmas de crianças. Também participa de competições de Karatê quando tem. O restante de tempo é voltado para desenvolver as atividades referentes ao curso de audiovisual que participa. Referiu uma vez que queria fazer concurso para a polícia.

A interlocutora é uma jovem muito simpática, sorridente, receptiva às novas amizades e gosta muito de conversar. Mas, quando se trata de falar sobre sexualidade, esconde-se como um caramujo. Declara logo que quer mudar de assunto.

Suas amigas são da região e o seu lazer é ir à praia e fazer trilha. Nos finais de semana à noite costuma ficar andando pela avenida principal, mas não frequenta as festas de luau que seus amigos/as organizam. Sua opinião sobre a comunidade é que apesar de ser um lugar lindo, é esquecido pelos políticos e a praia vive suja de lixo, principalmente nos finais de semana.

Sobre a juventude de Gaibu, comenta que os jovens se dividem por classes, ou seja, para ela existe os grupos de malandros e os filhos de papai. Mas, afirma que mesmo sendo divididos por classe, muitos são amigos. E tem aqueles que estudam em Recife e não conhece ninguém de Gaibu.

Entre as suas amigas, ela narra que circula entre o grupo dos surfistas evangélicos, o de skatistas, o grupo com que estuda projeto audiovisual e com os amigos com quem ela estudou o ensino médio. Sobre suas amigas, referiu que se sente respeitada pelos rapazes, sendo o que admira neles é a educação e o respeito que eles mantêm por ela.

Apesar da sua dificuldade de falar durante a roda de conversa sobre relações afetivo-sexuais, ela conseguiu na entrevista individual revelar algumas de suas experiências, tais como: seu primeiro beijo foi aos dez anos de idade e o rapaz tinha entre onze, doze anos. Eles moravam na mesma rua e estudavam na mesma escola. Ela descobriu que gostava dele, quando o amiguinho conheceu a prima de Ariane e começou a dar mais atenção à prima, sendo o ciúme o gatilho disparador para perceber que gostava dele. O primeiro beijo aconteceu por pressão da turma em um momento em que estavam juntos e brincando.

A interlocutora fala que enquanto gostou dele, nunca foi correspondida. Quando não havia mais sentimento por ele, este começou a se interessar por ela. Quando estava com doze,

treze anos de idade ficaram umas duas vezes apenas, pois a paixão já havia passado e hoje são grandes amigos.

Sobre a primeira relação sexual narra que nunca teve intimidades. A primeira vez que foi pressionada ela cortou logo. O rapaz não era namorado, nem era paquera. Apenas alguém que ela conhecia e se encontravam na casa de um amigo. Ariane comentou que “ele veio com um papo estranho pra cima de mim e eu cortei logo”. Fala de si como uma pessoa chata e “aluada” e que não tem cabeça para pensar em relacionamento não.

3.1.3 Lisa

Lisa é uma jovem de 19 anos, solteira, sem religião, branca, lésbica, e com o ensino médio completo. Mora com a mãe que trabalha no comércio de Gaibu, a bisavó de 95 anos e o irmão de dez anos. O pai é cozinheiro num restaurante na França e ambos mantêm contato via internet.

Lisa pensa em cursar Fisioterapia, mas atualmente faz o curso de audiovisual e envolve-se com as atividades do curso. Seu lazer é organizar junto com os amigos/as o luau nos finais de semana, pois refere que em Gaibu só tem a praça para os jovens se divertirem. O grupo de amigos/as costumam fazer ponto de encontro na casa dela antes de irem andar na avenida principal, e também frequenta a praça do Marco Zero no bairro do Recife Antigo em Recife nas tardes de domingo.

Sobre o lugar onde mora refere que há descaso dos gestores com relação a comunidade. O lixo que se produz na praia e o fato de não ter coleta é algo que a incomoda, afastando-a da praia nos finais de semana, frequentando durante a semana.

Sobre a juventude de Gaibu, a interlocutora declara que há grupos diferentes. Destaca que há os riquinhos e os maloqueiros. Dentro do grupo maloqueiros, a Lisa ainda distinguiu dois subgrupos, os maloqueiros do bem e o do mal. Referindo apenas que os maloqueiros do mal, são os jovens que vendem drogas e com esses não dá para viver conversando muito.

Em sua história de vida, Lisa conta um percurso perturbado de residências em vários lugares. Destacando além de Gaibu, Espanha, Olinda, Jaboatão e Gravatá. A ida para Espanha se deu porque a mãe foi “tentar a vida lá”. Nesse período, ela ficou com o pai e a família paterna. Refere que a mãe voltou para buscá-la e como até aos quatro anos de idade ainda não possuía registro de nascimento, a mãe a registrou como solteira, tirou o passaporte e voltou para a Espanha, permanecendo lá até os sete anos.

Ao retornar para ao Brasil foram morar em Olinda com a mãe e a bisavó. Nesse período, a mãe viajou algumas vezes para Manaus, devido a um namorado, deixando-a aos cuidados da bisavó, que ela considera mais como mãe, pois refere que foi esta quem a criou.

Aos nove anos ela reencontra o pai que veio para o Brasil procurando-a e registrando-a como filha. Sobre o dia do encontro com o pai, ela disse que foi uma grande surpresa e ficou muito feliz. O pai já estava casado e vivendo na França, vindo para o Brasil duas vezes por ano para vê-la e passarem as férias juntos.

Nesse período, ela estava morando apenas com a bisavó e a mãe residia em Manaus, onde engravidou do segundo filho, retornando para Olinda quando a Lisa estava com onze anos. Com o retorno da mãe e seu companheiro, todos os membros da família se mudaram para Gravatá, e depois Jaboatão.

Retornaram para Olinda devido a decisão da mãe de fugir da convivência com esse namorado e residiram lá por algum tempo, até que a mãe conseguiu um trabalho em Gaibu no comércio e retornava para Olinda a cada quinze dias. Nesse período de ausência da mãe a interlocutora informa que tomava conta da avó, do irmão e da casa, necessitando se afastar da escola por não conseguir frequentar as aulas. Era responsável pelo dinheiro que a mãe trazia a cada quinze dias e pela aposentadoria da bisavó. Aos 17 anos teve um episódio de estresse indo parar no hospital, quando soube que a mãe havia alugado uma casa junto com um novo namorado em Gaibu e estavam morando juntos. Ela ameaçou abandonar a bisavó e o irmão, concretizando essa ameaça quando completou 18 anos, deixando os parentes aos cuidados da vizinha e foi para o Cabo de Santo Agostinho para a casa da avó paterna.

Com a saída de Lisa da casa, a família colocou a bisavó numa instituição de longa permanência (ILP), provocando em Lisa muito sofrimento devido sentir-se responsável pela bisavó. A culpa era alimentada pela mãe que a responsabilizava pela situação da idosa. Seis meses depois Lisa conseguiu entrar em acordo com a mãe para buscar a avó e irem morar todos juntos em Gaibu, permanecendo até a data da entrevista.

Sobre suas práticas afetivo-sexuais, a interlocutora tem como ponto de partida o período que viveu na Espanha. Ela tem como referência da primeira atração e do primeiro beijo, dois amigos da escola, cujas mães também eram amigas da sua mãe. As crianças eram, um menino e uma menina e ela beijava os dois. Declarando que a atração era maior pela menina.

A respeito de namoro, Lisa conta que aos 17 anos se viu pressionada pelas amigas para que arrumasse um namorado. Falavam que achavam estranho ela nunca ter namorado com ninguém. Diante desta situação pressionaram para que ela namorasse um amigo em comum. O

relacionamento durou três meses. Ela afirmou que ele era um rapaz muito legal, mas ela não gostava dele e sempre faltava aos encontros.

Também mencionou que já gostou muito de um rapaz, era seu amigo. Esse sentimento durou dois anos até que declarou seus sentimentos. O rapaz afirmou que a tinha apenas como amiga e não gostaria de vê-la sofrendo.

Narra que atualmente está apaixonada por uma jovem. Conheceram-se pela internet e os diálogos se davam prioritariamente pelas redes sociais, uma vez que a jovem é moradora de Olinda e existe um elemento dificultador para os encontros, sendo o custo financeiro das passagens de ônibus para sua locomoção.

Lisa mencionou poucos encontros presenciais com a namorada, um deles na praça do Marco Zero, onde aconteceu o primeiro beijo entre elas. Depois desse dia sua paixão só foi aumentando, sendo que o mesmo não aconteceu com a outra jovem. O relacionamento não teve um fim definitivo. As faltas de atenção, as ausências dos encontros e a fragilidade da comunicação fizeram com que ela percebesse que não havia correspondência da outra parte, levando-a ao sofrimento.

Sobre relações sexuais declarou ser virgem e o mais próximo que chegou de haver relações íntimas foi com um rapaz irmão de uma amiga. Ela frequentemente dormia na casa dessa amiga. Numa noite o irmão da amiga deitou-se ao lado dela e iniciaram intimidades, mas ela não permitiu que houvesse penetração. Com relação à jovem pela qual se apaixonou, não houve intimidades além de beijos e abraços.

3.1.4 Nala

Nala é uma jovem de 18 anos, solteira, branca, heterossexual, possui o ensino médio completo, e frequenta a igreja evangélica. Mora com os pais, um irmão pequeno com sete anos de idade e a avó. Tem um irmão mais velho e uma irmã de 24 anos, casada que mora na mesma comunidade. Também frequenta o curso de audiovisual e a partir da imersão no curso despertou o desejo de fazer faculdade de cinema.

Sobre o lugar em que mora, conta que percebe as mudanças que ocorreram na comunidade. Sobretudo, o aumento do consumo de drogas e violência. As ações de violência que ela se refere diz respeito às agressões físicas entre os moradores, as quais muitas delas ocasionaram mortes, fazendo com que ela considere esses fatos como aspecto negativo da comunidade.

Sobre o lazer para os/as jovens, ela afirma que tem as praias e clubes com piscina, não se referindo a Gaibu, mas a Suape e Enseadas, como espaço de circulação para os/as jovens obterem lazer.

A respeito dos rapazes da comunidade, ela afirma que eles são muito legais enquanto amigos, mas quando iniciam um namoro o comportamento muda, demonstrando-se serem machistas, com comportamentos de dominação perante a liberdade da jovem, isto é, “querem mandar nelas, como se fossem o pai”.

Esse comportamento dos rapazes provoca em Nala a procura por pessoas de fora para se envolver afetivamente. E sobre seus relacionamentos, ela refere que sua primeira atração aconteceu aos 12 anos por um rapaz de 14 anos que residia em Gaibu, não nativo. Eles se conheceram na praia e, posteriormente, ele começou a frequentar a mesma escola em que a interlocutora estudava. Após um período em que só ficavam, eles iniciaram um namoro em casa com o consentimento da mãe de Nala.

Sobre o fim deste relacionamento, ela informou que o motivo se deu pela descoberta dele ser usuário de droga (maconha e cola) e ter sido pressionada por ele para também usar, bem como a agrediu quando ela negou ter relações sexuais com ele. Nala contou para mãe a situação e que não queria continuar o namoro. Foi a própria mãe que conversou com o rapaz terminando o relacionamento da filha e a tirou da escola.

O segundo namorado conheceu quando ela tinha 14 anos, um rapaz de 16 anos, filho de uma amiga da mãe da interlocutora. Ela já gostava dele e queria namorá-lo. Ele também estava interessado nela. O namoro iniciou-se pelo pedido realizado por ele através do Facebook, e com o consentimento da mãe dela eles namoravam em casa. O relacionamento durou menos de três meses. Ele acabou o namoro justificando que foi a mãe dele que mandou terminar. O motivo da atitude do rapaz foi o fato de enquanto estava com Nala, também estava se envolvendo com outras meninas. A mãe do rapaz ao tomar conhecimento obrigou-o a terminar.

O terceiro namorado da interlocutora foi aos 15 anos. O relacionamento durou cinco meses e se conheceram porque ele é primo de uma amiga. Neste período de namoro houve investidas do rapaz para haver relação sexual. Ela referiu ser muito apaixonada por ele, o que a fez enfrentar o medo da mãe descobrir que não era mais virgem e teve relações sexuais com o namorado.

Porém, ao ter a relação sexual com o namorado, não suportou o medo da mãe descobrir que não era mais virgem e terminou o relacionamento. O prazer sexual na sua primeira transa foi eliminado pelo medo da mãe. Sendo este o sentimento que sentia durante a relação e as lembranças dos avisos da mãe sobre aids e gravidez.

O quarto namoro iniciou quando ela tinha 16 anos com um estudante de arquitetura de 20 anos de idade, morador do Cabo de Santo Agostinho. Este relacionamento durou sete meses, sendo que seis foi escondido dos pais dela. Quando ele pediu autorização aos pais dela para namorar, um mês depois houve o término do namoro. Ela justifica que além de estudar, ele trabalhava, tinham pouco tempo para ficarem juntos, assim como houve poucos encontros sexuais. Porém era muito apaixonada por ele.

O quinto e namorado atual é dois anos mais novo que Nala, nascido em outro Estado e estudante do ensino médio. A mãe não quer o namoro e por isso ela namora escondido. A justificativa da mãe é o fato dele ser de outro lugar e desconhecer a família do rapaz, já que os pais são separados, moram em Estados diferentes e o rapaz reside com o avô.

Os encontros com o namorado em sua maioria acontecem na residência do rapaz, assim como as relações sexuais, que afirma realizar com camisinha. Segundo a interlocutora, o avô do namorado está sempre ausente da casa deixando o casal mais livre para os encontros.

A vivência do namoro atual está sendo marcada pela presença do medo da mãe descobrir que continua namorando o rapaz e, principalmente, que vem mantendo relações sexuais. Seu medo é proveniente da cultura local de casar a jovem que não é mais virgem. E ao casar não ter como sustentar economicamente, pois ambos não trabalham. A interlocutora afirmou encontrar no namorado apoio caso seja expulsa de casa por não ser mais virgem.

3.1.5 Letícia

Letícia é uma jovem de 23 anos, possui ensino médio completo, é casada, evangélica, negra, heterossexual, tem como ocupação ser dona de casa e mãe de um bebê de vinte dias. Mora com o marido há um ano, mas depois que saiu da maternidade foi para a casa da mãe e ficará até terminar o resguardo e retornar com seu filho para sua residência.

Sobre o lugar onde mora afirma que está esquecido pelos políticos, considerando o local abandonado. Ela narra que há duas praças malcuidadas pelos gestores, sendo que a praça principal foi revitalizada por uma ação local através de um mutirão ao qual ela esteve presente. É neste espaço de praça que a jovem refere se encontrar com as amigas.

Seu primeiro beijo aconteceu aos 16 anos, achando a situação estranha por não saber beijar, pois gostava do rapaz há muito tempo e acredita que ele sabia disso. Depois do primeiro beijo, ficaram algumas vezes sem evoluir para algum compromisso. Letícia afirma que o rapaz não se interessou por ela porque gostava de outra pessoa.

Sobre o primeiro namoro aconteceu aos 20 anos de idade com um homem de 30 anos. Eles se conheceram no trabalho dela e o namoro durou pouco tempo devido ao fato dele ser muito ciumento, chegando a ameaçá-la depois que o relacionamento foi terminado.

Seu segundo namorado conheceu, também, no local em que trabalhava. Ela afirmou que não tinha interesse algum nele até que ele lhe roubou um beijo e ela não parou de pensar nele. Eles começaram ficando, depois evoluiu para o namoro e agora estão casados há mais de dois anos e com um bebê. Sua primeira relação sexual só aconteceu depois do casamento na casa que atualmente residem, a interlocutora afirma “só me entreguei depois que casei”.

3.1.6 Lua

Lua é uma jovem de 18 anos, cursa o ensino médio (segundo ano) e frequenta o curso de audiovisual. Também frequenta aulas de balé contemporâneo e artes cênicas em outro município. É solteira, branca, heterossexual e frequenta a doutrina espírita por influência da avó com quem reside. Os pais são separados, a mãe mora em outro distrito e o pai não sabe onde mora.

Sobre a separação dos pais, a interlocutora afirmou que faz quatro anos que ocorreu o fim do casamento, com o pai saindo de casa e indo morar com outra pessoa. Sobre este fato, Lua referiu não aceitar até o presente momento o término do casamento dos pais e que enfrentou vários episódios de depressão após o rompimento.

Sobre a comunidade em que mora, refere Gaibu como um lugar “aproveitável”, no qual sua percepção é que se aproveitam do espaço e abandonam, referindo principalmente aos gestores públicos.

No que diz respeito a prática de lazer, declarou que não há com o quê o jovem se divertir em Gaibu. Acha o lugar tedioso, preferindo ir para o Recife Antigo para se encontrar com os amigos/as.

Sobre sua história sexual, Lua narra que seu primeiro contato com alguma intimidade sexual foi um ato não consentido por ela, ocorreu através do estupro. Em seu relato, ela conta que participava de um grupo de dança e seu professor tinha um primo no qual ela estava interessada. Porém, ela conta que este rapaz não namorava ninguém e só ficava e transava com as jovens. Certo dia, ela foi convidada pelo seu professor de dança para ir a sua casa porque o ensaio seria lá. Como ela é apaixonada por dança não pensou duas vezes. Chegou na hora marcada, mas o tempo foi passando e nenhum dos integrantes do grupo de dança chegava, só comparecendo a interlocutora e o primo do professor. Lua acredita que tudo foi combinado

entre o professor de dança e o primo para que eles ficassem naquela noite, isso aconteceu quando ela estava com 14 anos de idade e ele estava com 22 anos. Eles se beijaram nesta noite, mas o rapaz não estava interessado apenas em beijá-la, ele queria algo mais. Lua não estava disposta a ir além dos beijos, e pediu para que o professor intervisse na insistência do rapaz, pois já havia machucado seu braço, mas este nada fez. Ela relatou que seus sentimentos foram de medo e agonia, apesar de achar ele bonito e já ter desejado ficar com ele queria ser respeitada e que tudo viesse a seu tempo. A situação inusitada a deixou desesperada e não queria transar com o rapaz, principalmente depois de ouvir “eu vim aqui pra isso e não vou deixar você escapar”. Mesmo com suas ameaças de gritar e dizer ao professor que nunca mais falaria com ele, este nada fez. Assim, ela conta que o rapaz sem roupa alguma, na casa do professor de dança conseguiu tirar seu short e calcinha e tirou sua virgindade à força, tendo o professor de dança como plateia.

Logo após o ocorrido, ele falou a clássica frase de quem comete esse tipo de violência “se você contar para alguém será pior” e depois o rapaz a levou para a casa. Segundo Lua por receio de que ela o denunciasse. Assim como, também, por uma semana ele a acompanhou na volta da escola. Ela também contou que ele sempre queria vê-la e marcava encontros com ela, como não queria se encontrar com ele e na intenção de fazê-lo parar de insistir, ela sempre faltava aos encontros. Atualmente, ela o encontra em alguns lugares e o rapaz tenta se aproximar, mas Lua se esquivava de manter algum contato com ele, por ainda sentir medo.

A interlocutora relata que depois desse fato levou um certo tempo para namorar. E ter relações sexuais com os namorados era algo impensável. Em seus relacionamentos, a possibilidade de ter relações sexuais era motivo que a fazia terminar os namoros e depois do ocorrido ela teve vários namorados com duração de um mês, sempre pelos mesmos motivos, isto é, as tentativas dos rapazes em manter relações mais íntimas com ela.

A jovem relata que tinha medo de sentir a dor novamente e que sangrasse muito como na primeira vez. Foi um período que algumas pessoas a chamaram de “puta”, devido as tantas trocas de namorados. Mas, houve um rapaz que conseguiu diminuir seu medo e com esse ela teve relações sexuais. Apaixonada, ela começou a frequentar a igreja evangélica frequentada por ele, mas o pastor da igreja aconselhou o término do namoro com a justificativa que Lua era do mundo e não era moça para namorar o rapaz.

Lua é uma jovem muito animada, gosta de chamar a atenção e ser o centro das atenções. Seu cabelo preto com mechas azuis e seu *piercing* no nariz não a deixa passar despercebida. Tem sempre uma resposta pronta para dar, não engole sapo de ninguém, e está sempre na defensiva, isto é, defende-se atacando. Tudo isso e depois de ouvir sua história de como

aconteceu sua primeira vez, (ela não considera como primeira vez) percebo uma jovem frágil que tenta esconder sua fragilidade a partir do ataque, mas também muito forte por suportar isso sozinha e manter-se mentalmente saudável. Não cheguei a essa conclusão de forma imediata, mas a partir dos nossos encontros e da nossa entrevista em profundidade na qual ela revela o abandono emocional e material da mãe e do seu período de automutilação depois da separação dos pais.

3.1.7 Fernanda

Fernanda é uma jovem de 22 anos, separada, católica, branca, heterossexual, com ensino superior incompleto (cursando RH), trabalha como gerente administrativo em restaurante da família. Mora sozinha tendo como vizinhos os pais e outros familiares.

Sua opinião sobre o lugar onde mora é que além de gostar muito pelo fato de morar entre família, considera o lugar tranquilo e sem violência, permitido deixar as portas das casas abertas. Porém, afirma que por ser um lugar em que os moradores são familiares, também há muita fofoca.

O primeiro beijo de Fernanda aconteceu aos 13 anos de idade com um coleguinha de sala de aula da escola, no qual já havia uma paquera entre os dois, que ela referiu como trocas de olhares. Depois desse único beijo, não houve mais nada entre eles além da amizade de escola.

Aos 14 anos Fernanda iniciou com outro rapaz o que ela afirma ter tido um “rolo” por dois anos, isto é, ficavam apenas quando se encontravam, e não evoluiu para namoro. Segundo a interlocutora, essas duas experiências, o primeiro beijo e o “rolo”, aconteceram por iniciativas dos rapazes. Ela afirma que apesar de paquerá-los nunca tomou iniciativa nem para o beijo e nem para o “rolo”.

Sobre seu primeiro namorado referiu ser hoje o seu ex-marido. Conheceu-o aos 17 anos e o namoro só começou por causa da insistência do rapaz em namorá-la. Segundo a interlocutora foi a perseverança do rapaz que a fez dar-lhe uma chance. Entre o namoro e o casamento foram três meses. Datando da seguinte forma: um mês de namoro escondido, em seguida, um mês namorando em casa e no terceiro mês fugiu de casa para morar com ele. Foi também neste período que houve a primeira relação sexual.

O motivo da fuga da casa dos pais se deve ao fato de não ter havido uma aceitação do namoro por parte da família, fazendo com que ela fosse morar com o namorado. O casamento durou cinco anos. Ela afirma como motivo de ter chegado ao fim o excesso de ciúmes de ambos desde o início da convivência como casados e aumento do ciúme nos últimos quatro meses do

tempo em que viveram juntos. A separação ocorreu seis meses antes da entrevista e atualmente está namorando com um rapaz.

3.1.8 Helena

Helena é uma jovem de 19 anos, separada, evangélica, branca, heterossexual e com o ensino técnico de segurança do trabalho. É irmã de Fernanda e trabalha no mesmo restaurante da família exercendo as mesmas funções. Também participava do curso de audiovisual, saindo do curso pelo fato de ocorrerem nos finais de semana, período de maior movimento no restaurante.

Sobre a comunidade onde mora a interlocutora afirma que o lugar é muito tranquilo e seguro para viver, porém não gosta de lá devido ao fato de não haver lazer para a juventude. Suas amigadas residem em Gaibu, Cabo e Escada. E a frequência com que encontra suas amigas de Gaibu é diariamente. E do Cabo e Escada mensalmente, geralmente em Shoppings e praias.

Sobre sua história afetivo-sexual refere que a primeira vez que se sentiu atraída por alguém foi aos 13 anos de idade por um rapaz de 20 anos. Também foi com este rapaz o primeiro beijo e a primeira relação sexual. Este relacionamento culminou com o casamento totalizando um período de seis anos de união entre namoro e casamento. O relacionamento acabou três meses antes da entrevista devido ao conhecimento da interlocutora da traição do marido com mulheres profissionais do sexo que trabalhavam num bordel em Gaibu.

Helena está se relacionando com outro rapaz. Narra que estão se conhecendo e não tem intenção de ter relações sexuais com ele. Os encontros entre o casal vêm acontecendo em seus dias de folga do trabalho em que aproveita para ir à praia com as amigas e o seu novo paquera.

3.2 As mulheres adultas jovens

3.2.1 Maria

Maria é uma mulher de 26 anos de idade, solteira, católica, parda, heterossexual, e possui grau superior completo (Administração). Mora com os pais e atualmente é gerente administrativo do restaurante familiar. É uma mulher muito estudiosa e empreendedora, e está sempre se capacitando através de cursos do SEBRAE nas áreas de gestão e empreendedorismo, buscando uma melhoria e atualização para sua empresa. A interlocutora é uma mulher séria, tímida e muito objetiva nas suas respostas às perguntas realizadas.

Sobre o lugar onde mora declarou que aprecia muito o fato de ser um ambiente familiar e que, atualmente, as mulheres da localidade estão buscando estudar mais e se profissionalizar como ela, referindo-se a Alexandra, Fernanda e Helena que são suas primas.

Maria foi a única das entrevistadas que não referiu a ausência de lazer para os/as jovens na comunidade. Pois, ela referiu que tem como espaço de lazer seu próprio ambiente de trabalho.

Sobre sua história afetivo-sexual, Maria revela que a primeira vez que sentiu atração por alguém foi aos nove anos de idade por um colega de sala de aula em que trocavam olhares e cartinhas de amor. Mas, que nunca passou disso e nunca houve beijos entre eles.

Seu primeiro beijo aconteceu aos 15 anos de idade, no qual revelou um estranhamento do ato por não saber se estava beijando certo. O rapaz também estudava na mesma sala de aula e havia uma paquera entre os dois. Declarou que ficaram por mais três vezes e não evoluindo para um namoro.

Até seu primeiro namoro entre os 17 e 18 anos, não ficou e nem beijou rapaz algum, justificando ser muito tímida e, por isso, não se aproximava muito dos meninos. O seu primeiro namorado conheceu no ônibus que pegava para ir à escola. Como sempre tomavam o mesmo ônibus, iniciaram uma paquera de olhares até que se encontraram numa festa de São João, conversaram e trocaram telefones. Dias depois ele a pediu em namoro, Maria aceitou e o rapaz foi pedir autorização aos pais para namorar com ela. O namoro durou um ano e meio e o motivo do fim do relacionamento foi o fato dele ser machista e tentar afastá-la das amigas que tinha, além do fato dele tê-la traído.

O segundo namorado conheceu quando estava na faculdade com 20 anos de idade, e o rapaz com 30 anos. O relacionamento durou um ano e a família nunca tomou conhecimento deste namoro. A interlocutora afirma que apesar de levar relacionamento a sério, não havia um interesse de apresentá-lo para a família, uma vez que, não se considerava apaixonada por ele. Mesmo não estando apaixonada, foi com ele a primeira relação sexual, tendo como justificativa o fato de sentir-se carente. Maria declarou que o fim do relacionamento aconteceu porque não estava mais dando certo, tomando a decisão de pôr um fim à relação.

O seu namorado atual conheceu seis meses depois do término com o segundo namorado. Ela o conheceu no próprio trabalho. Estão namorando há quatro anos e é o primeiro que ela se refere estar apaixonada e vivenciando a relação sexual por paixão.

3.2.2 Ana

Ana é uma mulher de 31 anos, possui o ensino médio completo, é dona de casa, mas gostaria de trabalhar fora, vive numa união estável há dez anos, declara que não tem religião e é heterossexual. Mora com o marido e o filho pequeno num espaço denominado por ela como invasão. E apesar de ter nascido em Gaibu, durante sua adolescência houve vários momentos em que residiu em Recife por causa do trabalho da mãe que tinha mais oportunidade na capital.

Sobre a comunidade de Gaibu, Ana refere que apesar das obras do PAC ter movimentado a cidade, com mais ofertas de empregos e pessoas ganhando mais dinheiro, também trouxe mais violência. E, como fruto, o medo das pessoas de sair na rua por causa das ocorrências de brigas que aconteceram, deixando-a insatisfeita com a comunidade e desejando ir morar em outro lugar.

O lazer para Ana é reunir pessoas em casa para beber e comer. Não frequenta a praia devido ao fato de considerá-la suja pelo lixo que se deixa no local e, também, afirma as questões de segurança, referindo-se à violência existente na comunidade, preferindo vivenciar o lazer em casa.

Sobre sua história sexual Ana narra que a primeira vez que se sentiu atraída por alguém tinha 10 anos de idade e foi por um menino da escola, que também gostava dela. Deram o primeiro beijo através da ajuda dos amigos/as que tinham em comum e depois do beijo começaram a namorar. A mãe proibiu, mas segundo Ana “ela viu que não tinha jeito”, deixando a filha namorar. O namoro durou seis meses e foi a partir deste primeiro relacionamento que Ana declara que começou a gostar muito de beijar, ficar, namorar, denominando-se como fogosa desde criança. Nesta fase, também, refere ficar com meninas, mesmo assinalando que tem preferência por rapazes.

Entre os 10 e 12 anos de idade a interlocutora afirmou que beijou e ficou com muitos rapazes e moças. Mas, foi aos 12 anos de idade que Ana levou seu primeiro relacionamento a sério, sobre o qual a mãe tinha conhecimento e namoravam em casa, nomeando-o como o primeiro amor e sofrendo muito com a separação.

O segundo namorado conheceu na escola, e o que chamou atenção de Ana foi a timidez do rapaz. Ela comenta que investiu na conquista e namoraram por mais de um ano. Porém, eles só se viam na escola e nenhum frequentava a casa do outro, resumindo o relacionamento apenas ao ambiente escolar. Segundo a interlocutora, nesse ambiente havia sucessivos controles referente a namoros na escola, por isso Ana decidiu terminar o relacionamento.

A sua primeira relação sexual aconteceu com seis meses de namoro com o quarto namorado, aos 17 anos de idade. O rapaz tinha 15 anos e ela refere que ele chegava em sua casa montado num cavalo, sendo chamado pela mãe de “príncipe”. Segundo Ana, este também era um relacionamento sério por frequentar a casa dele e vice-versa. Denomina a sua primeira vez como um momento inesquecível em sua vida, devido a preparação do ambiente que fizeram em casa para que esse momento fosse especial, com música romântica e ser levada no colo, possibilitado pela ausência da mãe em casa, ela o convidou para realizar sua primeira vez. O namoro durou dois anos.

O namoro seguinte ela estava com 18 anos e seu namorado com 15 anos de idade. Desse namoro nasceu uma filha. A vinda desta criança foi fruto de conversas sobre o desejo de terem um filho. Assim, eles decidiram colocar a ideia em prática e em menos de um mês Ana engravidou.

Contudo, o namoro era proibido pela família do rapaz por causa da diferença da faixa etária, Ana era mais velha. Segundo a interlocutora, por causa da interferência da família dele, o rapaz não assumiu e não registrou a criança. Durante o período gestacional foi bastante problemático para Ana. Ela foi acusada e responsabilizada pela sedução do rapaz. Esse fato lhe provocou uma eclampsia, hospitalizações, o nascimento precoce da criança, e levando-a ao coma durante o puerpério. Por todos esses fatores após o nascimento da filha, a interlocutora voltou com a família pra Recife.

Quando a filha completou dois anos de idade, voltou a frequentar Gaibu nos finais de semana com amigas para acampar. Reencontrou um rapaz surfista com quem já havia ficado em um dos seus períodos que voltava a residir em Gaibu e começaram a ficar juntos durante os finais de semana. Por dois anos, Ana frequentou Gaibu nos fins de semana até que o namorado a convidou para morarem juntos e assim permanecem por dez anos.

3.2.3 Bianca

Bianca é uma mulher de 33 anos, possui o ensino médio completo, é católica, branca, heterossexual, dona de casa, e está no terceiro casamento. Mora com o marido e uma filha de nove anos de idade. Tem uma filha de 18 anos da primeira união e é avó de uma bebê de dois anos.

Sobre a comunidade onde mora, Bianca declara o abandono do poder público, referindo-se a problemas na saúde, educação e meio ambiente. Fala que não há nada de bom na comunidade por causa do abandono que o local sofre. Mas, gosta de Gaibu, porque foi o lugar

onde nasceu, um lugar que tem a sua história. Também já passou onze anos morando no Rio Grande do Sul e faz cinco anos que retornou para Gaibu.

O lazer de Bianca é a praia. Refere que os encontros com as amigas são voltados mais no dia a dia, como no mercado e na fila da lotérica. Pois, relata que não sai para se divertir por medo da violência presente na comunidade. E, uma vez por mês, vai a um encontro com várias amigas totalizando 16 mulheres.

O primeiro beijo de Bianca aconteceu aos nove anos de idade, com um menino da escola. Assinala que não foi um beijo de verdade, mas beijo de criança. Mas, a primeira atração foi aos 14 anos por um rapaz com mais de 20 anos de idade. Conheceram-se durante os ensaios de uma quadrilha de São João, deram o primeiro beijo e começaram a namorar.

Sua primeira relação sexual foi aos 14 anos de idade, e a interlocutora declarou que durante a relação seus sentimentos foram de medo da mãe vir a descobrir que não era mais virgem. Bianca engravidou de sua primeira filha com um ano de namoro indo morar na casa da sogra. Viveram juntos por três anos e o motivo da separação foi a imaturidade de ambos.

Bianca revela que no início da gestação não sabia que estava grávida, mas os sintomas que estava apresentado fez a mãe concluir que Bianca tinha perdido a virgindade. Ao perguntar para filha, Bianca começa a chorar recebendo uma surra por conta do que fez.

O seu segundo namorado conheceu no bar de propriedade da mãe, ele era cliente. Era um rapaz do Rio Grande do Sul metalúrgico que veio trabalhar no complexo portuário industrial, no qual começaram a ficar e até que iniciaram o namoro. Durante o namoro, ele convidou-a para morar no sul do país, fato que ela aceitou. Pois, referiu que seu sonho era ir embora de Gaibu, porque desejava conhecer outros lugares, passando onze anos lá e engravidando da segunda filha. A separação aconteceu, segundo Bianca, por causa do desgaste do relacionamento. O terceiro marido conheceu em seu local de trabalho, em um restaurante no qual ele era o cliente. Ele trabalhou como mecânico na Refinaria, agora está desempregado e estão casados há cinco anos.

3.2.4 *Lilian*

Lilian é uma mulher de 31 anos, nascida no município de Paulista e foi bem pequena morar em Gaibu. Possui o ensino médio completo, no momento está desempregada, é solteira, católica, negra, heterossexual. Mora com a mãe, irmã, dois sobrinhos e um cunhado.

Sobre o lazer que pratica refere que de duas a três vezes por semana costuma ir pescar nas pedras de Calhetas com a irmã e amigos/as. Também considera fazer atividades físicas na

praia como um lazer. O lugar principal para encontrar as amigas e amigos também referiu ser a praia a melhor opção.

Sobre seu primeiro beijo, aconteceu com 12 anos de idade. Foi numa brincadeira na escola, não havia paquera pelo rapaz e não passou de um beijo apenas. Já a primeira vez que se sentiu atraída por alguém, foi aos 14 anos e afirma que sentiu amor pelo rapaz que era maior de idade. Já o conhecia desde criança, e justifica que foi a convivência que despertou o interesse por ele. Passaram quase um ano ficando até que namoraram por sete anos, sendo que passaram alguns meses namorando escondido da família.

Refere que era um namoro em que havia muitos momentos de intimidade entre o casal, e os encontros aconteciam na casa do namorado que morava apenas com o irmão, pois os pais moravam em outro município. Apesar das intimidades que tinha, Lilian afirma que demorou para perder a virgindade porque não se sentia pronta. Porém, foi no dia do seu aniversário de 15 anos que Lilian decidiu ter relações sexuais com o namorado. Conversaram sobre sua decisão, combinando para irem ao motel. Namoraram por seis anos, até que o rapaz começou a se envolver com outra pessoa e terminou o relacionamento com Lilian.

A interlocutora afirmou que depois desse namoro, relacionou-se com um média de dez rapazes entre namoro e ficar, no qual também tinha relações sexuais independentemente do tipo de relacionamento que havia entre os dois (namorar, ficar). Para ela, sentimentos como gostar, estar apaixonada não são fundamentais para que haja a prática sexual, narrando que basta “rolar uma química” já é o suficiente.

Desses rapazes com quem se envolveu alguns deles eram de outro Estado (Bahia e Paraná), sendo trabalhadores do complexo industrial portuário. Um deles ela o conheceu aos 19 anos através de amigos em comum. Eles começaram a paquerar e posteriormente namoraram por três anos. Durante o tempo de namoro, ele a convidou para irem morar juntos na Bahia, período que permaneceu por dois anos. O fim do relacionamento aconteceu devido as traições praticadas por ele. Lilian afirma que ainda gosta dele, falam-se semanalmente, mas não pensa em voltar a namorarem.

Um ano depois começou a se relacionar com outro rapaz (Paraná) que havia conhecido na Bahia e que gostava dela. A concretização desse relacionamento, inicialmente, aconteceu através da internet, até que novamente ela recebeu um convite para ir morar com ele no Paraná e ficou lá por um ano e nove meses. O relacionamento chegou ao fim devido ao fato dele estar “viciado em jogo de cartas” (baralho) e Lilian refere que não suportou tal situação, retornando para Gaibu. Atualmente, está envolvida por outro rapaz, ex-trabalhador da região de Suape, que voltou para seu Estado e em breve ela estará indo morar na Bahia novamente.

3.2.5 Raquele

Raquele é uma mulher de 28 anos de idade, convive com o companheiro em regime de união estável, é católica, branca, heterossexual, ensino médio completo, e trabalha como cozinheira no restaurante de Maria, sua cunhada.

Sobre o lugar em que vive declara que há dois lados, um positivo e outro negativo. O lado positivo é o fato de morar no mesmo espaço do lazer, referindo-se à praia. E o lado negativo é que esse espaço é confuso quando nos feriados a praia é tomada por turistas, perdendo para a interlocutora o significado de ambiente familiar, privativo e reservado.

Sobre a primeira vez em que se sentiu atraída por alguém refere que foi aos 13 anos de idade, dentro do próprio ambiente familiar, estando na casa da sogra da irmã quando conheceu um rapaz e, nesta ocasião, já se sentiu atraída por ele, referindo que foi amor à primeira vista.

Os contatos entre os dois iniciaram a partir do momento em que o rapaz conseguiu o número do telefone de Raquele e começaram a conversar. A paquera por telefone não evoluiu para o namoro, pois a interlocutora cortou o processo da paquera por considerar ambos muito novos para começar a se envolverem afetivamente. Reencontraram-se apenas dois anos depois numa festa da comunidade, iniciando o namoro. Seu primeiro beijo, assim como a primeira relação sexual, aconteceu com este namorado.

A interlocutora refere que durante o namoro frequentemente havia tentativas do rapaz para que houvesse relações sexuais. Raquele afirmou resistir por um tempo, mas aos 15 anos “foi mulher dele”. Este fato aconteceu depois de ambos conversaram e decidiram experimentar a relação sexual. Esta conversa também se pautou na possibilidade da mãe descobrir que não era mais virgem e, neste caso, ele teria que assumi-la como esposa.

Aos 17 anos de idade, após o namorado conseguir um trabalho, anunciou a mãe de Raquele que entre ambos já havia uma relação de intimidades, sendo por este motivo que deveriam viver juntos, levando Raquele para morar na casa da sogra.

Sobre método de prevenção e contracepção Raquele informou que pelo fato de ambos desejarem serem pais cedo, esporadicamente faziam uso de camisinha. A gravidez só veio acontecer muitos anos depois do início das relações sexuais, pois tem uma filha de dois anos de idade e atualmente estão tentando engravidar novamente.

3.2.6 Cristina

Cristina tem 31 anos de idade, possui o ensino médio completo, é dona de um quiosque na praia, casada com um rapaz do município de Escada/PE que trabalha como tatuador, mãe de quatro crianças (13, 9, 4 e 2 anos), espírita, parda e heterossexual. A interlocutora nasceu no Cabo de Santo Agostinho, viveu sua infância em Gaibu, indo morar no Janga/PE aos 7 anos de idade e retornando para Gaibu quando tinha 12 anos.

A percepção de Cristina sobre o lugar onde mora relaciona-se com sua experiência atual no que diz respeito a maternidade. Ela comenta que Gaibu não tem um lugar para as crianças se divertirem, assim como não tem uma creche para que as mulheres possam deixar seus filhos e poder trabalhar.

Narra que aos 13 anos de idade aconteceu sua primeira atração, na qual houve uma paquera recíproca, namorando posteriormente. Porém, este namoro só acontecia nas férias de verão quando o rapaz se estabelecia numa casa de praia em Gaibu. Segundo Cristina, neste namoro havia pouca intimidade, ficavam apenas de mãos dadas e quando aconteceu o primeiro beijo, ela terminou o namoro porque ficou com muita vergonha.

O namorado seguinte conheceu na escola aos 15 anos, durante os ensaios de quadrilha de São João do colégio em que estudavam. Começaram a paquera, iniciando o namoro que durou três anos. Também foi neste namoro que teve sua primeira relação sexual com quase 17 anos de idade. Conta que o acontecimento foi dialogado e planejado com o namorado. Também refere que não gostou da experiência por ter sentido muita dor. O namoro acabou devido ao fato da interlocutora ter tomado o conhecimento da traição do namorado com uma amiga, declarando que apesar do tempo que passou nunca esqueceu a traição que sofreu.

O terceiro namorado, segundo Cristina, o relacionamento durou pouco tempo devido aos ciúmes dele. Não suportando o controle do rapaz, ela resolveu terminar. Em seguida, começou o relacionamento com o quarto namorado. Depois de um ano de namoro foram morar juntos e decidiram ter um filho/a, no qual nasceu sua filha, hoje com 13 anos de idade. Mas, o companheiro era muito possessivo e ciumento e com isso gerou-se muitas brigas, levando-a a separação.

Quando se separou do primeiro companheiro retornou para morar no Janga com a filha pequena. Refere que nos fins de semana frequentava a praia de Gaibu e em um carnaval conheceu seu atual companheiro. O interesse e a iniciativa da paquera partiram da interlocutora que demonstrou estar interessada, sendo correspondida pelo rapaz.

Segundo Cristina o tempo corrido entre ficar, namorar e morar juntos foi de três dias, ou seja, ficaram juntos num dia, no outro estavam namorando e no terceiro dia foi buscar suas roupas no Janga para morar com o companheiro. O namorado enquanto *hippie* morava numa barraca de acampamento, e este espaço passou a ser sua casa também. No primeiro mês que estavam juntos decidiram ter um filho/a, engravidando um mês depois de seu segundo filho. Recentemente o relacionamento completou dez anos de união.

3.2.7 Roberta

Roberta é uma mulher de 31 anos, natural do município do Cabo de Santo Agostinho/PE, dona de casa e comerciante, católica, branca, heterossexual, possui o ensino fundamental completo. Mora com o marido e dois filhos, um menino de 14 anos e uma menina de 12 anos de idade.

A respeito da prática de lazer, a interlocutora conta que frequenta a praia local. Outra prática de lazer é sair para pegar mariscos, e depois se reunir com amigos/as e familiares para beber e comer. Refere que sua prática de lazer é sempre circunstanciada por um ambiente familiar.

Sobre seu primeiro beijo, fala que foi um beijo roubado pelo seu vizinho que aproveitou o fato de estarem sozinhos. Mas, como ela não tinha interesse no rapaz, nada mais houve entre os dois. A interlocutora relatou que depois deste primeiro beijo, ficou com outros rapazes antes de se interessar, de fato, por alguém.

Comentou que a primeira atração aconteceu quando tinha 14 anos de idade. Esse momento aconteceu quando um primo apresentou a este rapaz. Ficaram meses se paquerando, e só depois de um tempo começaram a ficar até que foi pedida em namoro. E, posteriormente, ele pediu autorização aos pais dela para namorarem.

Sobre a primeira relação sexual relata que aconteceu com três anos de namoro. Porém, durante o período que antecedeu a relação sexual destacou que havia entre o casal muitas intimidades. Foi aos 17 anos de idade que Roberta engravidou do filho, pois nunca utilizou nenhum método contraceptivo e teve que casar.

3.2.8 Rose

É uma mulher de 31 anos de idade, dona de casa, mãe de duas crianças, católica, parda, heterossexual, possui o ensino médio completo e é técnica de enfermagem.

Sua opinião referente a Gaibu destina-se à observação do aumento da violência na região, assim como, o abandono dos gestores com relação ao local. Nesse sentido, ela avalia que Gaibu não tem estrutura para receber tantas pessoas e o resultado foi a depredação de alguns espaços públicos como a praça principal. Sobre o lazer refere que costuma frequentar a praia local e outras praias vizinhas.

Rose afirma que é uma mulher de poucas amizades, apesar de conhecer muita gente. Não tem o costume de se encontrar com amigas e as poucas que tem dialoga frequentemente pelas redes sociais.

Narra que sua primeira atração sexual foi despertada pelo seu ex-marido, o pai do seu primeiro filho. Eles eram vizinhos desde criança e numa brincadeira com amigos Rose sentiu que havia um sentimento diferente por ele, além da amizade. Houve interesse recíproco por parte do rapaz, até que ele a pediu em namoro. Eles começaram a namorar quando ela tinha 12 anos de idade e escondeu da família até os seus 15 anos. Aos 17 anos engravidou e permaneceu junto do pai do seu filho por 14 anos.

Sua primeira relação sexual foi aos 17 anos de idade. Havia muita intimidade entre o casal, ao assinalar que na casa do namorado a família respeitava a privacidade dos dois jovens evitando entrar no quarto quando o casal se encontrava lá. A interlocutora conta que engravidou na primeira relação sexual. E, logo que revelou a notícia da gravidez foram morar juntos.

Depois da separação, Rose teve dois namorados. O primeiro era morador de Recife e o segundo natural da Bahia, que trabalhava na refinaria. Ela o conheceu através de um amigo em comum via telefone. Depois que se conheceram, o rapaz entrou em contato com ela várias vezes, sendo, de início, rejeitado. Três meses depois, ela aceitou sair com ele e começaram a namorar. Ainda no início do namoro ele pediu para que ela engravidasse. Mesmo consciente do pouco tempo de relacionamento, Rose decidiu parar o uso de anticoncepcional, e logo em seguida engravidou da filha. Atualmente estão vivendo juntos.

3.3 Algumas Considerações

Sobre as mulheres jovens considera-se ter algumas coisas em comum entre elas, mas, com características distintas no grupo. O que chama atenção a respeito das distinções no grupo tem relação com fatos que estão presentes em umas e não se repetem em outras jovens, ou seja, alguns fatos se repetem em duas ou três interlocutoras, mas com características distintas.

Inicia-se como exemplo o fato de algumas cenas se repetirem em duas interlocutoras, Ariane (18) e Lisa (19). A cena na qual se refere é o fato de que nestas duas mulheres jovens

houve a ajuda de amigos/as para a concretização de alguma ação. Mas, há distinções entre ambas, qual seja, no caso de Ariane, a ajuda dos/as amigos/as acontece para que ela beije o menino que estava interessada. E Lisa, também, recebe a ajuda de amigos para conseguir o primeiro namorado. Nesse sentido, o cenário da presença de um outro, neste caso, os/as amigos/as, como um fato que leva a ajuda para que elas tivessem a experiência do primeiro beijo e do namoro, respectivamente.

O que se considera como um fato único é a história de Alexandra (18), que termina o seu primeiro relacionamento, cuja motivação maior é viajar, estudar e conhecer outros lugares, em prol de viver um único relacionamento para o resto de sua vida. Esta é uma atitude que demonstra avanço nas escolhas da jovem, pois vivia um relacionamento sério que poderia levá-la ao casamento, a partir do cenário em que ela vive. E, neste caso, escolhe viver novas experiências.

Contudo, outros fatos se repetem, especialmente no que concerne a medos e receios de descobrimento por parte de seus familiares de que não são mais virgens. Chama-se, novamente, Alexandra (18) para a conversa, e a Nala (17). Ambas temem casar pelo fato de não serem mais virgens, conforme o costume local, ou seja, caso a família saiba que a jovem mantém relações sexuais, poderá obrigar a união do casal.

Outro ponto interessante é o caso de Fernanda (22). Ela é a única dos dois grupos de interlocutoras que foge para casa do namorado para morar com ele, pois, a interlocutora tem a ideia que, ao agir desta forma e tornar ciente que manteve relações sexuais, a família permitiria e obrigaria o casamento.

Entretanto, ainda no grupo das mulheres jovens, há três delas virgens, a Alexandra (18), Lisa (19) e Ariane (18), sendo um ponto que as aproxima. É importante frisar que a inexistência de relações sexuais na história de vida sexual, não significa que em nenhuma das três interlocutoras há a ausência de intimidades. Alexandra (18) relatou essa afirmativa de forma clara, quando diz ter vivido momentos de intimidades com o namorado e com o paquera da faculdade. Porém, Lisa (19), teve momentos de intimidades com um irmão de uma amiga. Mas, sobre este momento, ela não se sentiu à vontade para prosseguir com a intimidade e ainda ter relações sexuais com ele. Já Ariane (18) diz nunca ter tido qualquer tipo de intimidades, destacando que, a única vez que houve uma tentativa de um rapaz, ela o afugentou, cortando qualquer nova iniciativa.

No que diz respeito a idade da primeira relação sexual as interlocutoras Nala (17) e Helena (19) tiveram essa experiência sexual aos 15 anos de idade. Ambas se encontravam apaixonadas pelos namorados e tinham medo que as mães descobrissem que não eram mais

virgens. Nala consegue manter seu segredo escondido da mãe e segue mantendo as relações sexuais com o namorado, enquanto que Helena, não conseguiu esconder da família que tinha uma vida sexual.

Já Letícia (23) e Fernanda (22) têm características que as aproximam e as afastam. A característica que as aproximam diz respeito ao fato de ambas terem se casado e só ter tido a primeira relação sexual quando casadas. A característica que as afastam diz respeito ao fato de, enquanto Letícia seguiu o ritual até o matrimônio, ou seja, paquerar, namorar e casar com o consentimento familiar e teve sua primeira relação sexual aos 21 anos de idade, Fernanda para casar escolheu ter relações antes do casamento aos 17 anos.

No entanto Lua (17) é a única do grupo das mulheres jovens que teve experiências distintas das outras interlocutoras. Primeiro porque foi estuprada aos 14 anos de idade, e segundo, teve vários namoros com duração de um mês, antes de ter sua primeira relação sexual aos 16 anos. Porém, o que a aproxima de outra interlocutora do grupo é o fato de já ter beijado meninas, assim como Lisa (19).

No que diz respeito às mulheres adultas jovens, também se encontram alguns pontos em comum entre as interlocutoras, assim como características que as distanciam. Um dos pontos em comum diz respeito a idade da primeira relação sexual. Traz-se Lílían (31) e Raquele (28) para essa discussão. Elas tiveram a experiência da primeira relação sexual aos 15 anos de idade, com o primeiro namorado. Em ambas as histórias de vida, a decisão foi pensada e conversada com o parceiro. Já Cristina (31) que não perdeu a virgindade aos 15, mas aos 17 anos, também tomou a decisão relativo à primeira relação sexual após conversas com o namorado

Rose (31), Ana (31) e Roberta (31) tiveram sua primeira vez aos 17 anos de idade com o namorado. No entanto, Rose e Roberta engravidaram neste relacionamento por não fazerem uso de métodos contraceptivos. Por outro lado, Ana no relacionamento seguinte, já com 18 anos, decidiu junto com o parceiro tornarem-se pais.

Bianca (33) é a interlocutora que perdeu a virgindade mais cedo, aos 14 anos de idade. Nessa relação terminou engravidando, sendo obrigada a casar e ir morar com a sogra. No outro extremo, está Maria (26), que teve sua primeira relação sexual aos 20 anos de idade. E esta, diferentemente das outras adultas jovens, não era apaixonada pelo namorado, mas a motivação para que transasse foi a carência

No entanto, há um aspecto em comum entre três interlocutoras seja Lílían (31), Rose (31) e Bianca (33), elas têm relacionamento com homens ex-trabalhadores do complexo industrial portuário. No caso de Lílían, relacionou-se com um rapaz oriundo da Bahia e foi morar com ele neste Estado quando o trabalho temporário acabou; o relacionamento lá durou

dois anos. Retornou para Gaibu quando se separou dele, e se envolveu com outro rapaz da Bahia, indo morar com ele no Paraná. Esse relacionamento acabou e atualmente está se organizando para ir morar com um outro ex-trabalhador do Complexo na Bahia.

Já Rose (31) e Bianca (33), mantêm relacionamento com ex-trabalhadores do complexo industrial portuário há mais de dois anos e ambas tiveram filhas com eles. Sendo que, Rose se envolveu apenas com um ex-trabalhador e Bianca se envolveu com dois ex-trabalhadores indo morar com ele no interior do Rio Grande do Sul, assim como Lilian se envolveu com dois ex-trabalhadores.

No caso de Rose (31) e Bianca (33), seus companheiros atuais não retornaram para seus Estados de origem quando o trabalho temporário acabou, decidindo permanecer no distrito de Gaibu com suas esposas. E Lilian (31), pela terceira vez, vai morar com o namorado na cidade de origem do companheiro.

Posto isto, ressalta-se que ao se destacarem os aspectos supracitados sobre as mulheres jovens e mulheres adultas jovens, muitas destas questões serão retomadas e aprofundadas no capítulo analítico, levando-se em consideração outros aspectos.

4 APROXIMAÇÕES DAS PRÁTICAS AFETIVO-SEXUAIS DAS MULHERES JOVENS

Para este capítulo, procura-se analisar como as jovens vivenciam a sexualidade. Para a realização da análise são utilizados os seguintes eixos norteadores: a) os sentidos de adolescência para as jovens, b) a primeira vez; c) como pensam o prazer sexual; d) emoções e sentimentos; e) noções e o exercício da contracepção e prevenção das DST e f) relacionamentos.

Os dados analisados neste capítulo fazem parte do quadro de categorias já destacado no capítulo metodológico, que foi construído a partir das respostas das informantes para cada eixo norteador.

Tabela 5 - Eixos Norteadores e Temas Abordados pelas Jovens

EIXOS NORTEADORES	TEMAS
Os sentidos de adolescência para as mulheres	Estudo e trabalho, diversão, liberdade, drogas e gravidez,
Primeiras experiências	Paquerar e beijar
Primeiros relacionamentos	Namoro e casamento
Primeira vez	Medo e desejo
Como pensam o prazer sexual	Fantasia e adrenalina
Noções e o exercício da contracepção e prevenção das DST	Prevenção gravidez/ prevenção hiv/aids

Fonte: Formatação da autora

As criações de categorias estão relacionadas à busca de, ao analisar a carreira sexual das jovens, encontrar um sentido para as respostas das interlocutoras. Para isso, inicia-se com a análise dos dados a partir do que elas responderam sobre os sentidos da adolescência. Na sequência, os outros eixos norteadores e no final do capítulo, traz-se a discussão analítica.

4.1 Adolescência: Estudo e trabalho, diversão, liberdade, drogas e gravidez.

A análise que segue neste tópico versa a partir das falas das jovens entrevistadas sobre o sentido de adolescência neste grupo. Nestas falas, encontram-se narrativas naturalizadas a respeito de ser a adolescência uma etapa da vida que visa capacitar os sujeitos jovens para o ingresso em melhores condições no campo do trabalho (SANTOS et al., 2015). Outra narrativa

naturalizada é a da relação gravidez na adolescência em contexto de pobreza. Porém, neste caso em questão, este fenômeno não pode ser considerado como determinante da pobreza (AQUINO et al., 2003). Observa-se numa das interlocutoras deste grupo, a queixa de ser considerada esta etapa da vida frequentemente associada a vulnerabilidade das adolescentes à gravidez e uso de drogas, incomodando-a essa generalização que a sociedade e muitas vezes a mídia realiza.

Percebe-se que nessas interlocutoras jovens a noção de adolescência é atravessada por experiências e expectativas pessoais e pelo que percebem sobre o contexto em que vivem. A ideia de um período para estudar é relatada por uma jovem (Alexandra, 18) que passou a adolescência dedicando-se aos estudos, como apresentado no quadro 1.

Quadro 1 - Noções sobre adolescência

INTERLOCUTORAS	PERGUNTAS	RESPOSTAS
Alexandra (18)	Anna: O que é adolescência para você?	Pra mim foi só para estudar. Mas aqui tem gente que trabalha e estuda
	Anna: mas você acha que adolescência é só para se dedicar aos estudos?	Sim. Porque tem que se preparar para fazer uma faculdade.
Ariane (18)	Anna: O que é adolescência para você?	Ah! Sei não.
Lisa (19)	Anna: O que é adolescência para você?	Quando eu tinha dezessete era louca para fazer dezoito, achava que ia ter mais liberdade, mais independência, que ia poder fazer tudo que eu poderia fazer e não tem nada disso, é a mesma porcaria. (risos)
Nala (17)	Anna: O que é adolescência para você?	Me enganei achei que podia fazer um bocado de coisa chegando na adolescência e vi que não pode fazer tudo o quer.
Letícia (23)	Anna: O que é adolescência para você?	Ter cuidado para não engravidar.
Fernanda (22)	Anna: O que é adolescência para você?	Sei dizer não porque passei minha adolescência casada.
	Anna: mas se você pudesse falar alguma coisa o que você falaria sobre adolescência?	Eu só posso falar o que eu vejo o que tão fazendo hoje né?
	Anna: e o que tão fazendo hoje?	Ah! Os rapazes só que tomar uma, sair e raparigar.

	Anna: e as meninas?	São tranquilas. Muitas trabalham e estudam.
Lua (17)	Anna: O que é adolescência para você?	Período que pode ser desvalorizado por causa de uns que fazem coisas erradas, drogas e gravidez.
Helena (19)	Anna: O que é adolescência para você?	Pra mim é pra tirar onda, se divertir.

Fonte: Formatação da autora

A ideia que se tem da adolescência como um período para dedicar-se aos estudos é apresentada pela interlocutora Alexandra (18), “Pra mim foi só para estudar”. A fala da interlocutora corresponde ao que foi sua história de vida. Alexandra percebe o estudo como único caminho para a realização dos seus sonhos, no qual em conversas informais revela que ao terminar a faculdade tem a pretensão de migrar para outro Estado.

Desde a revolução industrial, as famílias das classes mais favorecidas, tiveram mais condições de manter os filhos nas escolas até a universidade, liberando-os da obrigação do trabalho. Enquanto os filhos dos operários continuaram a trabalhar sem desfrutar dos privilégios que os filhos da burguesia mantinham (COUTINHO, 2009). Esta ideia relativa a importância de se ter uma graduação, deve-se à possibilidade de as famílias desta classe econômica poderem manter o/a jovem apenas estudando por mais tempo, é mais favorável. Contudo, mesmo a interlocutora tendo consciência de fazer parte da classe popular, isso não quer dizer que a sua realidade não possa vir a ser transformada. Haja vista os casos apresentados pela mídia de estudantes e profissionais que sem condições financeiras alguma chegaram a concluir a faculdade. Proveniente de uma família pobre, a partir da dedicação aos estudos Alexandra (18) conseguiu viajar para fora do país para estudar inglês ainda no ensino médio, através do Programa Ganhe o Mundo da Secretária Estadual de Educação e agora deseja conhecer e morar em outro lugar diferente do qual reside.

Neste caso, observa-se que na história de vida da interlocutora, o investimento na carreira acadêmica desde a adolescência como caminho para a realização pessoal e profissional é tal como na classe média, significando por outro lado, o que é um privilégio desta classe social, as classes populares também estão conseguindo manter seus filhos na graduação, “Porque tem que se preparar para fazer uma faculdade”.

Por outro lado, a interlocutora revela que em sua comunidade há jovens que trabalham e estudam, ou seja, diferentemente dela, em que a família tem condições de mantê-la estudando,

não é a realidade de outras pessoas que precisam ao menos contribuir com o orçamento doméstico, ou livrar os pais do seu sustento.

Sobre a questão do trabalho, a interlocutora Fernanda (22), traz em sua fala que as meninas não só estudam como também trabalham, “Muitas trabalham e estudam”. A interlocutora apresenta a percepção sobre as jovens a partir da experiência pessoal e do que ela observa atualmente. A experiência pessoal traz que ela trabalha no restaurante que era de sua avó, hoje administrado por seus pais, e concilia o tempo com a faculdade de Recursos Humanos. A relação estudo/trabalho também está presente na vida de sua irmã Helena (19) e na sua prima Maria (26), ambas estudam ao mesmo tempo em que trabalham no restaurante dos pais.

Trabalhar para essas jovens pode ter dois significados: a) contribuir para o rendimento familiar, evitando contratações de funcionários, o que me faz compreender que nas classes populares o privilégio de passar a adolescência apenas estudando não é para todas; b) possuir uma renda para arcar com suas necessidades pessoais, atitudes mais buscadas por jovens de classes populares, quando os pais não conseguem bancar seus sustentos. Mas, também se percebe que em uma comunidade com relações desiguais de gênero, e neste contexto do trabalho, o local em que as jovens se encontram trabalhando situa-se no comércio familiar, servindo como extensão para a permanência do controle da família sobre essas jovens.

Quando às mulheres foi atribuída pela interlocutora característica “tranquilas”, em contraposição aos rapazes que são “raparigueiros”, observa-se a existência também de desigualdade das relações de gênero em relação às jovens e aos rapazes. Michelle Perrot (2003) refere que a mulher deve ter gestos, olhares e expressões das emoções comedidas e que devem desenvolver uma capacidade de controlar os ímpetos e desejos a partir das referências valorizadas dos do comedimento e do controle.

Sobre essa tranquilidade que lhes é atribuída pode-se afirmar que a partir da socialização sexual juvenil (PARKER, 1991), espera-se que as jovens desenvolvam as capacidades de se controlarem, uma vez que são ensinadas a serem passivas no campo da sexualidade, ter poucos namorados, de preferência por longos períodos de relacionamentos e que resultem em noivados e casamentos.

A respeito da diversão Fernanda (22) refere “Ah! Os rapazes só que tomar uma, sair e raparigar.”, ou seja, para os rapazes “sair e raparigar¹⁵” é algo naturalizado na região, no qual quando ainda se é jovem e, não somente nesta fase da vida, faz-se importante (re)afirmar a masculinidade através do domínio de ambiente público e da sexualidade. Esta narrativa revela

¹⁵ Expressão muito utilizada em Pernambuco para homens que possuem muitas mulheres, saem a procura de mulheres na noite. Podendo ser chamado de raparigueiro aquele que é mulherengo.

o quanto, no território estudado, é ainda presente a desigualdade de gênero na questão do domínio dos espaços, pois o espaço público é prioritariamente ocupado pelos homens e o privado cabendo às mulheres.

Por outro lado, temos a interlocutora Helena (19) que responde à pergunta sobre o que é adolescência, como um período para “tirar onda, se divertir”. Para esta interlocutora, na adolescência o que é importante é a vida social, é aproveitar para frequentar festas, reunir-se com amigos/as, sair com eles/as. A ideia dela é de um período de diversão. Porém, mesmo ela sinalizando que a adolescência é um período de diversão, a sua realidade é de uma jovem que trabalha e estuda.

Diversão e liberdade são duas categorias que podem estar bem próximas, ou seja, a liberdade pode ser entendida a partir do quanto se é livre para a diversão, sendo que essa liberdade para as mulheres nunca chega, conforme afirma Lisa (19), “Quando eu tinha 17 era louca para fazer 18, achava que ia ter mais liberdade, mais independência, que ia poder fazer tudo que eu poderia fazer e não tem nada disso, é a mesma porcaria. (risos)”. A ideia de que não teria liberdade e nem independência que se esperava a partir de um certo momento da vida, revela-se como idealização de que a maioridade ou a mudança do ciclo de vida traria uma nova disposição em seus caminhos, como: ter mais autonomia, por exemplo, fazer o que quer, sair quando quer, e com quem quiser dando menos satisfação. Ao falar “é a mesma porcaria”, denota o quanto a família ainda cerceia essas jovens, para não caírem sobre elas o estigma de “perdida”. Desse modo, as dificuldades de usufruírem de uma certa liberdade e diversão na vida dessas jovens, está relacionado diretamente com a regulação da sexualidade, como revela Letícia (23) “ter cuidado para não engravidar”. E, num território, cujas relações desiguais de gênero estão enraizadas, recai a responsabilidade sobre as jovens os cuidados com a reprodução.

Destaca-se o termo “perdida”, uma vez que atrelado a uma jovem, toma o sentido social de que já pratica a liberdade de fazer o que quer, quando quer, dando menos satisfação aos familiares, “Me enganei achei que podia fazer um bocado de coisa chegando na adolescência e vi que não pode fazer tudo o quer” (Nala, 17). Como também pode ser atribuído outros sentidos, uma jovem perdida pode significar uma vida sexual já publicizada, ter sido mãe muito jovem ou até mesmo envolvimento com drogas, como afirma Lua (17) “pode ser desvalorizada por causa de uns que fazem coisas erradas, drogas e gravidez”

Para além de um desejo de ser livre, a experiência de que a liberdade é controlada, Parker (1991) com sua leitura antropológica da socialização sexual da juventude demonstra como as meninas são reguladas pela família para salvaguardar a virgindade. Não sendo com a maioridade que as jovens conseguiriam conquistar a liberdade. Outros marcadores sociais são

necessários para ampliar a liberdade, ainda que não seja a liberdade que se deseja e, no caso de Gaibu, para as jovens seria a gravidez ou a união estável.

Desse modo, as narrativas sobre liberdade aparecem como uma expectativa que almeja quando se é adolescente, acreditando que será conquistada brevemente. Já sobre diversão, as narrativas das jovens demonstram desigualdades de gênero, ou seja, aos rapazes há maior liberdade para diversão, enquanto as moças se ocupam mais com estudo e trabalho. Tal fato pode ser confirmado a partir da observação do campo (Calhetas), em que percebemos nos estabelecimentos comerciais/restaurantes uma maior presença feminina com nível próximo de parentesco com relação aos proprietários, sendo geralmente pais ou avós. Enquanto durou a pesquisa de campo, não foi observada a presença de rapazes trabalhando nos estabelecimentos familiares.

Sobre ideias que matizam a adolescência como uma etapa da vida em que há uma maior probabilidade de se envolver com drogas e gravidez, encontramos nas falas de Lua (17) e Letícia (23) respectivamente, “pode ser desvalorizada por causa de uns que fazem coisas erradas, drogas e gravidez” e “ter cuidado para não engravidar”. Observa-se, na fala de Letícia, que há um sentido de que deve vigiar para não “se desencaminhar” ainda permanece no imaginário dessa interlocutora. Já a fala de Lua, apresenta a ideia de ser a adolescência um momento de periculosidade e de vulnerabilidade, seja pelo risco de se envolver com a marginalidade, entendidos em relação ao tráfico ou uso de drogas, e a gravidez nas meninas também entra neste arcabouço, pelo fato de que: se der a liberdade que ela deseja, pode engravidar. Desse modo, nos relatos das interlocutoras percebe-se que trazem de modo marcante o que foi vivido no local e noticiado pela mídia, ou seja, com as obras do PAC e a chegada dos migrantes trabalhadores temporários, houve segundo Rigaud (2014), um aumento na fecundidade, para todas as idades de mulheres férteis. Tal fato foi noticiado pela mídia, assim como também o aumento do tráfico e uso de drogas e exploração sexual de crianças e adolescentes (RIOS et al, 2015). Desse modo, o que as duas jovens revelam é a relação que foi construída entre vulnerabilidade e adolescência.

Sobre a possibilidade do envolvimento de jovens com drogas, trazemos a dissertação de mestrado produzida por Leyllyanne B. de Souza (2015), sobre o consumo de álcool pelos jovens no mesmo território pesquisado e desenvolvida a partir do Programa Diálogos para o desenvolvimento social de Suape, articulada aos trabalhos do projeto Ação Juvenil (MENEZES, ADRIÃO; RIOS, 2015; MENEZES et al, 2015a), na qual a autora encontra como resultado as desigualdades de gênero no que diz respeito às drogas, nos discursos de jovens de ambos os sexos. Há uma ideia entre os rapazes de que as jovens se embriagam menos que os

rapazes porque sabem se controlar, demonstrando que, a respeito das percepções que os rapazes possuem em relação as jovens na questão do consumo de álcool, são marcadas por desigualdade de gênero.

O que observamos nas narrativas das jovens a respeito do sentido da adolescência, é que em suas falas estão presentes as vivências das relações desiguais de gênero, muito em função de estarem num território marcado por uma cultura que hierarquiza homens e mulheres, fazendo com que as jovens e os jovens ocupem de modo diferente e desigual os diferentes espaços, público ou privado, demonstrado principalmente pelas narrativas a respeito do trabalho, diversão, drogas e gravidez.

4.2 Iniciação: Paquerar e beijar

Neste tópico procura-se analisar como aconteceram as primeiras relações das jovens, pensando as primeiras atrações afetivas e sexuais. Desse modo, a análise a seguir demonstrará qual o lugar mais favorável para as jovens conhecerem outros jovens - no caso em questão é a escola - qual a idade que despertou a primeira atração por alguém, para quem foi dirigida a primeira atração sexual, e que tipo de parceria se manteve entre ambos.

Quadro 2 - Primeiras atrações sexuais

INTERLOCUTORA	PERGUNTAS	RESPOSTAS
Alexandra (18)	Anna: a primeira atração que você sentiu foi por quem?	Pelo meu primeiro namorado.
	Você tinha que idade?	13.
Ariane (18)	Anna: Você se lembra da primeira vez que sentiu atração por alguém?	Lembro. Foi por um menino. A gente estudava na mesma escola e morava na mesma rua.
	E você tinha que idade?	Eu tinha 10 e ele 11, 12 uma coisa assim.
Lisa (19)	Anna: Primeira atração, você se lembra?	Eu não sei, porque teve a história do colégio, eu acho que eu era muito inocente, não sei se aquilo ali, mas pode ser né?
	Lembro dessa história. Mais foi a primeira vez que você se sentiu atraída, tu tinha 5 anos, você disse, mas assim você se sentiu	Acho que eu gostava mais dela, era um negócio bem puro e ele era não sei.

	atraída pelos dois ao mesmo tempo, ou foi primeiro o menino e depois a menina?	
Nala (17)	Anna: Você se lembra da sua primeira atração?	Lembro que eu tinha 14 anos e conheci ele na praia. Ele era novo aqui e se matriculou na minha escola.
Letícia (23)	Anna: Você lembra da primeira vez que sentiu atração por alguém?	Lembro. Ele era irmão da minha amiga.
	E você tinha quantos anos?	15 anos
Fernanda (22)	Anna: O que você pode me falar sobre sua primeira atração sexual?	Lembro que eu tinha uns 13 anos.
	E foi por quem?	Um coleguinha da escola. A gente se paquerava e demos um beijo só, depois não teve mais nada.
Lua (17)	Anna: Você se lembra da primeira vez que ficou interessada em alguém? Sua primeira atração?	Lembro, foi muito recente, ele era da sala da minha irmã e era mais novo (...) eu tinha 16 e a gente se conheceu e eu comecei a gostar dele (...) eu gostava das mesmas coisas que ele gostava e ele era muito bonito. O primeiro amor foi ele assim.
Helena (19)	Anna: Você se lembra da primeira atração que sentiu?	Lembro. Foi pelo meu ex-marido.
	E você tinha que idade?	13 anos

Fonte: Formatação da autora

Foi observado durante as conversas informais que entre as jovens pesquisadas haviam algumas características em comuns, quando se trata da iniciação afetivo-sexual, ou seja, as primeiras experiências, sendo observado a paquera e o beijo como essas vivências.

No entanto, há um lugar privilegiado para que a paquera aconteça, que é a escola. Tal fato acontece devido ter na escola uma grande circulação de jovens, pelo menos em um turno diário, estão convivendo, compartilhando expectativas e interesses próximos, passando mais tempo juntos, a oportunidade de se notarem e se observarem aumenta, consequentemente a paquera acontece e, havendo reciprocidade, o beijo pode ser uma consequência. Como exemplo,

trazemos quatro interlocutoras que relataram ter sido no ambiente escolar que se despertou o interesse por outros jovens, sendo elas: Ariane (18), “A gente estudava na mesma escola e morava na mesma rua”, Lisa (19) “Eu não sei, porque teve a história do colégio”, Fernanda (22). “Um coleguinha da escola”, Lua (17) “ele era da sala da minha irmã”. É na escola que as jovens se sentem menos vigiadas pelas famílias, sentindo-se mais livres para experienciarem as primeiras relações afetivas. Mais limitadas a circular em amplamente como os meninos, como exemplo: rua e vizinhança, elas encontram na escola um espaço menos controlado pelas famílias para tais vivências. Desse modo, uma vez que na adolescência, família e escola fazem parte de um circuito (HARAWAY, 2009) em que as jovens passam mais tempo de convivência e a escola é o espaço em que há menos controle familiar, torna-se um ambiente propício para as interações sociais possibilitando que aconteçam os primeiros interesses e atrações sexuais.

No que diz respeito à idade que começaram a paquerar e dar seus primeiros beijos, encontram-se relatos desde 5 anos até os 16 anos de idade. No caso de Lisa (19) conta sobre a primeira vez que se sentiu atraída, revelando que foi aos cinco anos de idade por dois amigos da escola, sendo um menino e uma menina e sendo a menina quem despertou maior interesse, durante conversas informais a interlocutora referiu que chegou a beijar os dois coleguinhos, “Acho que eu gostava mais dela, era um negócio bem puro e ele era não sei.” Já Ariane (18) revela que sua primeira paquera aconteceu na infância, “Eu tinha 10 e ele 11, 12 uma coisa assim”. A interlocutora começou a paquerar um coleguinha que era morador da mesma rua e estudante da mesma escola. No entanto, as outras interlocutoras revelaram que as primeiras atrações aconteceram mais tarde, sendo, Alexandra (18), Fernanda (22) e Helena (19) aos 13 anos de idade, Nala (17) aos 14 anos, Letícia (23) aos 15 anos e Lua (17) aos 16 anos de idade.

Durante as conversas informais e nas entrevistas, algumas interlocutoras revelaram que foi a partir da primeira paquera, essa primeira atração afetivo-sexual resultou em relacionamento como namoro e casamento. Ou seja, namoraram e casaram com os rapazes pelos quais sentiram a primeira atração. Ao perguntar sobre a primeira atração sentida, Alexandra (18) e Helena (19), responderam respectivamente “Pelo meu primeiro namorado” e “Foi pelo meu ex-marido” e Nala (17), “Lembro que eu tinha 14 anos e conheci ele na praia”. Sendo Helena a jovem que casou com o rapaz por quem sentiu sua primeira atração.

A narrativa de Helena nos revela o quanto os corpos das jovens são atravessados pelo controle da sexualidade, especialmente quando a rede familiar é maior, como no caso de Helena, moradora da praia de Calhetas. Alguns moradores são seus parentes, descendentes da mesma matriarca, a vigilância aumenta e, de um único relacionamento da jovem, no qual perdeu

a virgindade, resultou em casamento ainda na adolescência, para manter a honra e a moral da família.

Outras duas interlocutoras não mantiveram relacionamentos com os rapazes que experimentaram a primeira paquera. No caso de Fernanda (22) houve o período de paquera, depois aconteceu um único beijo. Já com Lua (17), a interlocutora não revelou se houve beijo com o rapaz que despertou seu interesse. Porém Letícia (23) foi a única das interlocutoras que não era correspondida pelo rapaz que paquerava, porque ele gostava de outra jovem. Mesmo assim ela conseguiu ficar com ele uma vez, revelou em conversas informais.

4.3 Quando a paixão acontece: sobre namoro e casamento

Sobre os relacionamentos vividos pelas interlocutoras observa-se a presença de namoro e casamento na vida das jovens, seja com um rapaz ou uma moça, relatos da presença do sentimento paixão pelo parceiro/a está presente nos envolvimento afetivos das jovens. Por outro lado, a referência à decepção no relacionamento também se faz presente, assim como narrativas em hesitar viver algum tipo de relacionamento. O quadro a seguir refere sobre os relacionamentos vividos pelas interlocutoras.

Quadro 3 - Relacionamentos vividos pelas jovens

INTERLOCUTORA	PERGUNTAS	RESPOSTAS
Alexandra (18)		Iniciou seu namoro com treze anos de idade, gostava do rapaz desde os doze anos e quando eles ficaram realizou um sonho. Mas, o namoro só aconteceu um tempo depois e ficaram juntos por três anos. O namoro acabou antes da viagem para o Canadá para estudar inglês. Ela acabou o namoro porque queria viver novas experiências e não ficar com uma única pessoa ao longo da vida. (Diário de campo, 25/09/2015)
Ariane (18)	Anna: Para você o que é estar apaixonada? você já pensou sobre isso alguma vez?	Nunca me apaixonei e nem quero por enquanto.

Lisa (19)	Anna: Para você o que é estar apaixonada? Você já pensou sobre isso alguma vez?	É o que eu sinto agora por Maria.
	Anna: e o que você sente por ela agora?	Sei explicar não. Assim, não paro de pensar nela. Acho que é amor de verdade.
Nala (17)	Anna: Para você o que é estar apaixonada? Você já pensou sobre isso alguma vez?	Não. Tô vendo agora falando, como eu já me decepcionei.
	Anna: E com seu namorado atual?	Ah! Por ele eu tô apaixonada.
Letícia (23)	Anna: Para você o que é estar apaixonada? Você já pensou sobre isso alguma vez?	Não. Nunca pensei assim sobre isso não. Mas, a gente sente quando está apaixonada.
Fernanda (22)		Afirma que quando tinha dezesseis anos e com três meses de relacionamento fugiu para ir morar com o namorado de 21 anos. Os pais não aprovavam o namoro e ela foi morar com ele para viver esse amor. Ficaram cinco anos casados e este período foi marcado por muitas brigas e ciúmes de ambas as partes, o que levou ao fim do casamento. (Diário de campo, 25/09/2015).
Lua (17)	Anna: Para você o que é estar apaixonada? Você já pensou sobre isso alguma vez?	Já. Pra mim é cumplicidade.
	Anna: como assim?	É tá num relacionamento bom. Em que um ajuda o outro.
Helena (19)	Anna: Para você o que é estar apaixonada? Você já pensou sobre isso alguma vez?	Nunca pensei não. Mas, pra mim foi uma decepção.

Fonte: Formatação da Autora

Estar apaixonada, segundo as falas das jovens demonstra que algumas já experienciaram ou experienciam esse sentimento. Em conversas informais Alexandra (18) revela que iniciou seu namoro com treze anos de idade, gostava do rapaz desde os doze anos e quando eles ficaram realizou um sonho. Desse modo, compreende-se que nesta jovem conseguir se relacionar com

alguém por quem está apaixonada é relativo à realização de um sonho, pois como passou um ano desejando este relacionamento ao conseguir ficar e namorar, iguala-se a um sonho realizado. Porém, como todo sonho tem um fim, o relacionamento acabou para viver outro sonho, o de conhecer outro lugar, conquistado através do programa do governo estadual que subsidia estudantes de escolas públicas que cursam o ensino médio para aprofundar inglês em outro país.

Por outro lado, Lisa (19) durante a pesquisa de campo encontrava-se apaixonada por outra jovem, vivendo intensamente o relacionamento, afirmando o que sente sobre paixão: “É o que eu sinto agora por Maria”. Lisa conheceu a jovem pela rede social Facebook, começaram a seguir uma a outra e curtir as postagens até que marcaram um encontro no bairro do Recife Antigo. A jovem comenta sobre seu primeiro encontro com a moça da seguinte forma: “A gente fica abraçadinha, lá no antigo, ela pega na minha mão e só. Nunca ficamos sozinhas”.

Lisa (19) afirma que nunca se relacionaram sexualmente, porém demonstra estar disponível para que o encontro sexual aconteça, pois demonstra o desejo de estarem sozinhas. Essa é a primeira experiência da jovem no quesito das práticas sexuais lésbicas, encontrando-se aberta para viver o relacionamento. No entanto, nesta parceria, os encontros que se sucederam foram marcados por pouca receptividade por parte da jovem e resultaram no fim do relacionamento. A interlocutora durante as rodas de conversas falava sobre sua condição de suas dúvidas e anseios por não saber o motivo de o relacionamento estar se acabando.

Nas narrativas sobre namoro, observou-se a presença do compromisso entre os parceiros ou busca pelo compromisso como no caso de Lisa (19), que sente que o relacionamento não é correspondido como gostaria que fosse. Pode-se dizer que, ao se falar de namoro, as jovens apresentam uma ideia de amor romântico, buscando vivê-lo em suas relações afetivo-sexuais.

Segundo Giddens (1993, p.50), “o início do amor romântico coincidiu mais ou menos com a emergência da novela: a conexão era a forma narrativa recém-descoberta”. No que diz respeito ao gênero, o autor traz que o amor romântico deve ser compreendido relacionando-o ao conjunto de influências que afetaram a vida das mulheres do final do século XVIII em diante. São eles: a criação do lar, a modificação na relação entre pais e filhos, e o último, chamado a “invenção da maternidade”. Quanto às mulheres, essas influências estavam muito intimamente integradas. No entanto, essas influências, contribuíram para reproduzir relações desiguais de gênero, em que foi na sociedade vitoriana da época que surgiu a ideia de amor romântico que possibilitou a criação de papéis sociais distintos para homens e mulheres. Essa ideia de amor romântico encontra-se até hoje nas narrativas das jovens interlocutoras. Rocio Shuña e Karla Adrião (2015), também encontrou em jovens pesquisadas moradoras da região de Ipojuca e

Cabo de Santo Agostinho, narrativas que trazem o namoro como uma vivência em que o amor romântico deve ser vivido pelo casal. No entanto, concluem que essa ideia reproduz desigualdades, reforça relações de poder desniveladas, contribuindo para manutenção de um sistema que controla os corpos das jovens.

Aliada à ideia de amor romântico, a decepção também foi um sentimento presente nas falas de duas interlocutoras, Nala (17) e Helena (19), respectivamente: “Tô vendo agora falando, como eu já me decepcionei” e “Nunca pensei não. Mas pra mim foi uma decepção.” No caso de Nala, esta fala surgiu logo após ela relatar toda a história pessoal referente aos namoros que viveu. Nala teve quatro namoros, antes do atual, que considera quatro decepções; com o primeiro se decepcionou por descobrir que ele fumava maconha e inalava cola, também sofreu agressão física quando se negou a ter relações sexuais com ele; com o segundo namorado, era traída por ele; o terceiro namorado, com quem teve a primeira relação sexual, não suportou o medo da mãe descobrir que não era mais virgem e terminou o namoro; e o quarto namorado era muito ausente no relacionamento.

Já Helena referiu sobre decepção ao falar do único relacionamento que teve. A interlocutora ao passar em frente a um bordel percebeu que o carro do marido se encontrava na frente, estacionado, e após ter conseguido entrar no estabelecimento flagrou o marido com prostitutas o que culminou com o fim do relacionamento.

Entre as interlocutoras da pesquisa, duas delas viveram o casamento, são elas: Fernanda (22) e Helena (19), elas são irmãs, e as duas casaram com seus respectivos primeiros namorados. Sendo que a primeira fugiu para casar, e a segunda casou porque a família teve conhecimento que ela mantinha relações sexuais com o namorado. As duas casaram segundo o costume local, que quando a jovem tem relações sexuais ela deve se casar. Atualmente estão separadas do marido. Já Letícia (23) a única das interlocutoras que permanece casada, sua primeira relação sexual foi com o marido após o casamento e é mãe de um menino.

Percebe-se a partir das trajetórias de Fernanda (22) e Helena (19), que elas por serem mulheres não puderam viver a sexualidade, pois ao fazer isso Fernanda teve que fugir para casar e Helena casou para vivê-la. A comunidade e a família, de um modo geral, obrigam as jovens a casarem quando perdem a virgindade, pois esta tem um valor moral e deve ser preservada para manter a honra da família. Desse modo, o casamento serve como meio de manter a família honrada.

Por outro lado, Ariane (18) refere sobre nunca ter namorado, “Nunca me apaixonei e nem quero por enquanto”. Há nesta jovem uma dificuldade de falar sobre seus sentimentos, assim com relatar sua história pessoal. Mesmo não tendo referido a decepções ou abusos, seu

posicionamento situa-se sempre evitar falar de paixão, amor e sexo. Uma vez quando questionada sobre namorados, ela responde: “Nunca disse pai, mãe, tô namorando”. No entanto ela narra a visão que tem sobre relacionamentos da seguinte maneira:

Nunca, nunca passou na minha cabeça, nunca tive nem juízo e nem cabeça pra isso não. É nem por medo, porque meu pai fala que é normal, que vai chegar o tempo, porque se eu tiver um namorado eu chego e falo logo, tenho frescura não, pra quê? Ficar arrodando. Muito difícil pra mim ficar com um menino, eu vejo o que minha prima passou, eu vejo que minha amiga passou, foi até aqui na avenida todo mundo aqui brincando, se divertindo, todo mundo com 13, 14 anos, não com 16, 17, 18 tinha a irmã da minha amiga que no caso ela tinha 20, 22 anos, tava até minha mãe e meu pai junto, a gente subiu e desceu, e depois encostou na mesma barraca que meu pai e minha mãe estava e ela estava com namorado e ela não tava tão animada como a gente estava, aí minha mãe disse: tá vendo aí, tá vendo aí, por isso que ela não namora, aí meu pai, daqui a pouco chega o tempo dela (ARIANE, informação verbal¹⁶).

A fala da interlocutora traz o que ela percebe a respeito das atitudes de uma jovem quando está ao lado do namorado e do grupo de amigos/as. Para Ariane (18) uma jovem que está namorando pode perder a espontaneidade frente ao grupo de pares, por receio de estar desrespeitando a imagem do namorado. Situações como esta provocam na interlocutora atitudes que a afastam de qualquer relacionamento afetivo-sexual, pois teme perder a espontaneidade. Tal fato demonstra que as jovens que namoram “devem” se comportar controlando seus impulsos, principalmente se tiver na presença do namorado, no entanto, o mesmo não se exige de um rapaz. Essa desigualdade entre mulheres e homens provoca na interlocutora uma hesitação em iniciar alguma parceria, uma vez que o controle dos corpos femininos no contexto pesquisado tendem a ser maior quando se namora.

Para ratificar a análise de evitar relacionamentos afetivos, durante conversas informais sobre namorados, a jovem comenta que não tem ninguém interessante e não se interessa por ninguém, porque tem medo de passar o que a mãe e a tia passaram. Ambas engravidaram com 19 e 17 anos, respectivamente e, segundo a interlocutora, sofreram muito em seus relacionamentos. Perguntei do que se tratava o sofrimento e a jovem respondeu que o pai “aprontava e apronta até hoje”. Referiu ao pai como raparigueiro e que a mãe sabe de tudo, porém não liga mais (Diário de campo, 30/08/2015).

A presença marcante de um relacionamento desgastado dos pais é explicitada pela jovem. Para compreender esse fenômeno apoio em Giddens (1993, p. 11), o qual afirma que a “intimidade pode ser muito opressiva” e sem uma negociação no domínio interpessoal a

¹⁶ Em entrevista à autora.

democracia na esfera privada torna-se dificultada. Assim, as transformações da intimidade ocorridas atualmente ainda caminham lado a lado de posturas conservadoras, possibilitando inclusive provocar o afastamento em relacionar-se afetivamente. Entende-se que a sexualidade é um campo em que posturas velhas e novas marcam suas presenças.

Diferentemente de Lua (17) que sofreu violência sexual, revelando o fato durante as rodas de conversa, a jovem também destaca os relacionamentos com vários namorados que teve. Por um tempo, esses namoros foram breves devido às tentativas dos rapazes de ter relações sexuais com Lua, motivo que a fazia terminar o namoro. A violência sexual sofrida por esta jovem revela o quanto ainda impera o pensamento pelo qual quando uma jovem diz “não”, ainda é interpretado como “sim”. Pois, a interlocutora foi estuprada por um rapaz pelo qual sentia-se atraída e posta numa situação em que a violência iniciou, seus pedidos para que o estupro não ocorresse, o fato de o rapaz saber que ela estava atraída por ele, entende o “não” como um “sim”, “afinal ela está interessada pelo rapaz” e, desse modo “disponível para satisfazê-lo”. Essa forma de pensar de uma cultura machista (SAFFIOTI, 2004), alimenta a cultura do estupro¹⁷, ainda presente no cenário brasileiro.

No entanto, em sua trajetória afetivo-sexual, Lua (17) conhece um rapaz e nesta relação sente-se segura não só para contar que foi vítima de estupro, como também para ter relações sexuais com ele, o que a fez investir neste relacionamento atual. Desse modo, entende o namoro como: “É tá num relacionamento bom. Em que um ajuda o outro”.

4.4 Entre medo e desejo

Sobre o lugar da primeira relação sexual, encontramos em várias narrativas relatos sobre a primeira vez acompanhada pelo medo da descoberta pela mãe de não ser mais virgem e, por conta disso, ser obrigada a sair de casa para morar com o namorado. Assim como há a presença de narrativa na qual a jovem foge de casa para passar a noite com o namorado, para assim as famílias unirem matrimonialmente o casal.

¹⁷ Segundo Renata Sousa (2017), a cultura do estupro tem origem no processo de construção social da sexualidade, em que os binarismos se fazem presentes. Homens e mulheres vão produzindo e reproduzindo papéis e estereótipos para cada um. No caso dos homens, o papel de ativo, imperativo e rude. E as mulheres, como passivas, amorosas e submissas. Essa construção para uma imagem de masculinidade e virilidade, abrem as portas para que aos homens seja concedido o direito de tomar o corpo da mulher ao seu próprio prazer. Enquanto às mulheres foram ensinadas a dizerem “não” mesmo querendo dizer “sim”. Alguns homens interpretam o “não”, como charme, ou se” fazer de difícil” e ultrapassam a barreira do direito humano universal, da inviolabilidade do corpo humano.

Quadro 4 - Primeiras relações sexuais

INTERLOCUTORA	PERGUNTAS	RESPOSTAS
Alexandra (18)	Anna: Você já transou alguma vez?	Não.
	Anna: Nunca teve primeira vez? Desde aquele teu namorado?	Sim. Todo mundo se espanta porque eu passei três anos com ele e mais alguma coisinha
	Anna: Você não perdeu a virgindade, mas outras coisas aconteceram?	Sim, né.
	Anna: E qual foi o motivo assim, o que foi que você achou que não era com ele?	Não porque assim, eu gostava muito dele, comecei com ele eu tava com 13 anos, até meus 16, eu nunca tive a vontade de casar cedo.
	Anna: Certo	Aí eu fiquei com medo de caso acontecesse alguma coisa com ele e meus pais pedisse pra eu casar com ele e tal por que com minha irmã acabou sendo assim, de certa forma é.
Ariane (18)	Anna: Você já transou alguma vez?	Não.
Lisa (19)	Anna: Você já transou alguma vez?	Não, nunca fiz.
	Anna: Mas, nunca teve nadinha?	Já. Mas, evitei.
	Anna: E como foi isso?	Com um rapaz, irmão de uma amiga, a gente não tinha nada. Um dia fui dormir na casa da minha amiga e ele ficou no quarto dela. Aí ele tentou ter relação comigo, mas eu não quis não.
Nala (17)	Anna: Você já transou alguma vez?	Sim.
	Anna: E aí? Como é que foi essa transa?	E aí que eu fiz e fiquei morrendo de medo. Agora minha mãe vai descobrir e eu tô morta, ai meu Deus eu vou morrer! Fiquei louca mesmo! Aí eu falei pra ele: eu não quero mais nada contigo não.

	Anna: Tu fez e terminou?	Foi, fiquei com muito medo. Aí ele fez: eu não vou terminar não. Aí a gente ficou e deu uns quinze dias aí terminou, porque eu não tava aguentando mais, tava com medo de que minha mãe descobrisse e a gente terminou.
Letícia (23)	Anna: Você já transou alguma vez?	Sim
	Anna: E como foi?	Como meu marido, depois do casamento.
Fernanda (22)	Anna: Você já transou alguma vez?	Sim
	Anna: E como foi? Foi aquela história que tu fugiu?	Foi. Fugi para morar com o ele.
	Anna: E vocês tavam namorando há quanto tempo?	3 meses. E eu queria casar.
	Anna: Então foi planejado?	Foi. Eu e ele.
	Anna: E como foi a transa?	Só na quarta tentativa que consegui.
Helena (19)	Anna: Você já transou alguma vez?	Já.
	Anna: E como foi?	Ah! Fiquei cismada.
	Anna: Como assim?	Insegura.
	Anna: Com medo de tua mãe descobrir?	É. E acabou descobrindo. Daí casei.

Fonte: Formatação da autora

Durante a pesquisa de campo foi observada a presença do controle da sexualidade das jovens, a partir da união do casal de jovens quando a família da moça descobre que ela mantém relações sexuais com o namorado. Entende-se essa prática como a materialização de uma cultura que trata desigualmente as relações de gênero. Onde, numa cultura machista, a vivência da sexualidade por uma jovem ainda é vista como proibido, pelo fato de sobre o corpo feminino jovem recair a moral da família e, quando esta perde a virgindade, a jovem e a família perdem a honra. E ao unir o casal, a honra é recuperada.

De tal modo que algumas jovens evitam manter a relação sexual por medo de que a família descubra que tem vida sexual ativa e as casem. Interlocutoras como Alexandra (18) e Ariane (18), não tem relação sexual penetrativa e até evitam relacionar-se com algum rapaz para que suas “liberdades” não sejam cerceadas pelo casamento. Como bem coloca, Lisa (19):

também virgem, refere ter tido intimidades com um rapaz, mas que evitou dar prosseguimento, “com um rapaz, irmão de uma amiga, a gente não tinha nada. Um dia fui dormir na casa da minha amiga e ele ficou no quarto dela. Aí ele tentou ter relação comigo, mas eu não quis não”.

Observa-se em seus relatos, que há narrativas com a presença de sentimento de insegurança a respeito das emoções devotadas ao rapaz, como não ser o amor da vida da jovem, ou não saber se é com ele que pretende se casar. Tais relatos traduzem a ideia machista de que no caso das jovens, a vida sexual deve estar atrelada ao amor e ao casamento. Essa desigualdade das relações de gênero leva algumas interlocutoras a “escolha” por manterem-se virgens, evitando as relações sexuais com os namorados, mas na verdade, estão correspondendo a heteronormatividade, principalmente, quando Alexandra (18), narra que evitou a penetração nas relações sexuais enquanto esteve namorando.

O outro caso é Nala (17), ao revelar sobre sua primeira experiência sexual, sentido durante a transa o medo da mãe descobrir que perdeu a virgindade: “E aí que eu fiz e fiquei morrendo de medo. Agora minha mãe vai descobrir e eu tô morta, ai meu Deus eu vou morrer! Fiquei louca mesmo! Aí eu falei pra ele: eu não quero mais nada contigo não”, a jovem relata o medo que sentiu durante a relação sexual, caso a mãe viesse descobrir que não era mais virgem. Chegando a terminar a relação logo após a transa e, mesmo continuando, com poucos dias não conseguiu sustentar o relacionamento. Percebe-se a partir do relato de Nala que ela não suporta a pressão de ter “desobedecido” a norma heteronormativa a respeito da iniciação sexual na adolescência, e o fim do namoro se revela como estratégia para não ser descoberta que não é mais virgem.

As relações desiguais de gênero, no campo dos direitos sexuais, exercem sobre a mulher opressões que influenciam para que a jovem inicie sexualmente e ao realizar ainda é necessário esconder. No entanto, mesmo com a possibilidade do casamento, caso seja descoberta, algumas outras jovens vêm tendo relações sexuais. Percebe-se como uma atitude de resistência a esta norma, quando especialmente se trata de uma regra que coloca mulheres e homens em patamares hierarquizados, privilegiando uns em detrimento de outras.

Já Fernanda (22) fugiu de casa para ir morar com o namorado, pois sabendo que se assim fizesse, a família a mandaria morar com ele, então ela relata: “Fugi para morar com ele”. A interlocutora ao fugir para viver a vida sexual precisou ir morar com o namorado com apenas dois meses de relacionamento. No entanto, Fernanda não revelou aos pais que não teve relações sexuais com o namorado na noite em que fugiu, revelando: “Só na quarta tentativa que consegui.” E, desse modo, conseguiu driblar a família e comunidade quanto a real situação

sobre o fato de não ter concretizado a relação sexual, casando-se virgem como assim a família e comunidade deseja. A atitude da jovem age em conformidade com as regulações de gênero, isto é, para ter vida sexual ativa, uma jovem deve estar morando com o parceiro e assim ela vai viver com o rapaz para assumir sua vida sexual e honrar a própria imagem e da família.

A partir da narrativa acima, observa-se que o controle da sexualidade das jovens presentes na comunidade, dificulta “em certa medida” a tomada da decisão de realizar a relação sexual, uma vez que o objetivo do controle é que a perda da virgindade se dê após o casamento. Destaca-se em certa medida porque o controle não acontece em sua totalidade, as jovens constroem estratégias para driblar esse controle. Como exemplo, a Fernanda (22), que fugiu de casa aos 16 anos para viver a sexualidade. E Nala (17) que, mesmo sob forte controle familiar, teve relações sexuais com o namorado quando ela tinha 15 anos de idade.

O que se observa sobre o lugar da primeira experiência sexual para essas jovens é o lugar da construção de estratégias de sobrevivência para lidar com o controle da sexualidade. O medo e o desejo estão presentes nas jovens quando se trata de viver a sexualidade, pois elas desafiam a regra para vivenciar o próprio desejo e ter relação sexual. Desafiar o controle da sexualidade e criar estratégias para ter uma vida sexual, não significa estar livre do medo, mas ao desafiar a norma e realizar a relação sexual é também reconhecer as possíveis implicações que poderão surgir na trajetória sexual, como gravidez e conhecimento da família quanto a vida sexual.

Desse modo, é possível supor que das três interlocutoras virgens, Alexandra (18), Lisa (19) e Ariane (18), utilizem a estratégia de não terem relações sexuais pelo motivo de não desejarem uma união matrimonial tão cedo, como bem revela Alexandra: “nunca tive a vontade de casar”.

4.5 Como será na hora em que...

Esse tópico diz respeito ao eixo como as jovens pensam o prazer sexual. Neste, as respostas dadas levam a entender que sobre esse tema as interlocutoras compreenderam especificamente sobre quais ideias e pensamentos estão presentes antes e durante o momento da relação sexual. Apenas uma respondeu sobre o que sente no momento do contato íntimo, como sendo “fogo”, sensação essa que se interpreta como sendo tesão.

Desse modo, o que as jovens pensam antes e durante a relação sexual com o namorado ou marido, encontram-se respostas desde pensar que não vai perder a virgindade, como também ser um momento de muita adrenalina e realização de fantasias.

Quadro 5 - Prazer sexual

INTERLOCUTORA	PERGUNTAS	RESPOSTAS
Alexandra (18)	Anna: quando você tá com seu namorado tendo intimidades o que você pensa?	Penso que não vai acontecer nada.
Ariane (18)	Anna: Agora eu me lembro que você disse que nunca teve namorado.	Nunca disse pai, mãe tô namorando.
	Anna: nem namorinho?	Nunca, nunca passou na minha cabeça, nunca tive nem juízo e nem cabeça pra isso não. É nem por medo, porque meu pai fala que é normal, que vai chegar o tempo, porque se eu tiver um namorado eu chego e falo logo, tenho frescura não, pra quê? Ficar arroteando. Muito difícil pra mim ficar com um menino, eu vejo o que minha prima passou, eu vejo que minha amiga passou, foi até aqui na avenida todo mundo aqui brincando, se divertindo, todo mundo com 13, 14 anos, não com 16,17,18 tinha a irmã da minha amiga que no caso ela tinha 20, 22 anos, tava até minha mãe e meu pai junto, a gente subiu e desceu, e depois encostou na mesma barraca que meu pai e minha mãe estava e ela estava com namorado e ela não tava tão animada como a gente estava, aí minha mãe disse: tá vendo aí, tá vendo aí, por isso que ela não namora, aí meu pai, daqui a pouco chega o tempo dela
Lisa (19)	Anna: que eu saiba, você hoje tá apaixonada por uma menina.	É.
	Anna: E o que está acontecendo no relacionamento entre vocês? Assim, durante as intimidades?	(Risos) nada. A gente fica abraçadinha, lá no antigo, ela pega na minha mão e só. Nunca ficamos sozinhas.

Nala (17)	Anna: quando você está com seu namorado tendo intimidades, o que você pensa?	Penso no medo que tô sentindo de minha mãe descobrir. Dá uma adrenalina!
Fernanda (22)	Anna: quando você tava casada como era a transa com ele pra você?	A gente tinha muita fantasia sabe? E a gente de vez em quando fazia umas.
Lua (17)	Anna: apesar de sua história sobre como perdeu a virgindade, como é a hora da transa pra você?	Antes eu não gostava muito não. Vivia trocando de namorado quando começava a querer fazer alguma coisa comigo. Aí o pessoal me chamava de puta, porque eu vivia trocando de namorado. Agora com esse namorado não tenho problemas. Tô gostando mais de transar.
Helena (19)	Anna: quando você tava casada e antes mesmo no namoro como era a transa com ele pra você?	Muito fogo. Muito fogo. Era só pra realizar fantasias.

Fonte: Formatação da autora

Sobre as falas das jovens a respeito do prazer sexual, encontra-se em cada interlocutora uma experiência diferente não permitindo aproximá-las em alguma categoria, mas dar um tratamento individual a cada narrativa. Ou seja, cada interlocutora relata uma experiência, um modo particular de sentir, pensar e expressar sobre o tema.

Desse modo, Alexandra (18) no momento de contato íntimo com o namorado referiu “Penso que não vai acontecer nada”. A fala desta interlocutora diz respeito a ser neste momento em que ela potencializa a ideia que vem mantendo de não ter relações sexuais com o namorado, para evitar um possível matrimônio, caso a família descubra que não seja mais virgem. Desse modo, pode-se observar que em algumas jovens o controle da sexualidade acontece através de um pensamento presente durante as trocas de carícias com o namorado, no qual consegue controlar os próprios impulsos sexuais durante esses momentos.

Por outro lado, Ariane (19) revela não pensar sobre prazer sexual “Nunca, nunca passou na minha cabeça, nunca tive nem juízo e nem cabeça pra isso não.” O argumento apresentado pela interlocutora está mais próximo de uma justificativa pela qual não namora, do que especificamente conseguir definir o que seja prazer sexual. O argumento-base está vinculado ao que ela percebe como relações de gênero. Ou seja, ao referir a situação vivenciada pela amiga, numa saída com o namorado e grupo de amigos, percebeu que a jovem não se encontrava à vontade, não se comunicava e se expressava com liberdade, concluindo que a

aproximação do namorado controlava a espontaneidade da amiga. Deste modo, a interlocutora teme perder a liberdade que acredita ter, quando arrumar um namorado. Pois as relações desiguais de gênero dita normas diferentes para mulheres e homens.

Já Nala (17) revelou que o medo de ser descoberta pela mãe a respeito da sua não virgindade lhe faz sentir como se estivesse numa aventura, arriscando-se, em um momento de perigo - “Penso no medo que tô sentindo de minha mãe descobrir. Dá uma adrenalina!”. É possível supor que para além dos sentimentos e desejos devotados ao rapaz, Nala aprecia a sensação de adrenalina causada pela suposição a respeito da mãe descobrir que vem mantendo relações sexuais. A relação sexual quando presente tédio e medo, juntos provocam a sensação do perigo por estar fazendo algo não aceito pela mãe proporcionando mais prazer.

A figura da mãe nas narrativas desta interlocutora tem importância primordial para compreender o controle da sexualidade das jovens, pois é a mãe quem reproduz a opressão com a filha que um dia já sofreu enquanto jovem. Assim, o ciclo de um opressor, oprimir outro, constitui uma hierarquia de opressões, no qual não há uma figura que finalize em si a opressão, pois irá oprimir alguém em posição inferior à sua (SAFFIOTI, 1997).

Para Fernanda (22) e Helena (19) o modo que elas utilizaram para falar de prazer em suas relações foi através da realização das fantasias “A gente tinha muita fantasia sabe? E a gente de vez em quando fazia umas” e “muito fogo. Muito fogo. Era só pra realizar fantasias”, respectivamente. Segundo as interlocutoras, as fantasias que mais realizavam era ter relações em locais da praia, principalmente entre as pedras à beira mar, sendo esse espaço bastante utilizado pelos casais da região de acordo com Helena. Desse modo, compreende-se para estas interlocutoras um dos caminhos do prazer sexual acontece pela realização das fantasias do casal, uma vez que há um favorecimento do local para estas práticas. Por ser um lugar de praia, sem iluminação noturna na praia, com rochas e boa vegetação, possibilita para o casal realizarem as fantasias sexuais sem serem descobertos por outros moradores.

A interlocutora Lua (17), relatou não gostar de ter relações sexuais devido à violência sexual que sofreu. As lembranças do estupro que ruminavam em sua memória, impediram-na de, nos namoros que sucederam o estupro, manter relações sexuais, levando-a a terminar com os namorados toda vez quando eles sinalizavam terem relações sexuais. Os namoros breves, devido a esse cenário e arrumando outro parceiro em seguida, fez com que resultasse infelizmente na fama de “puta”, pois sempre estava com um namorado novo.

A lógica das relações desiguais de gênero não possibilita às mulheres, da mesma forma que permite aos homens, as trocas constantes de parceria. À mulher cabe relacionamentos duradouros e quando o namoro termina, não deve arrumar outro namorado em seguida. Pois

segundo a mesma lógica, a consequência é a difamação, pelo comportamento “promíscuo” da jovem, enquanto o homem, o mesmo comportamento é considerado positivamente e afirmador do modelo masculino heterossexual.

No entanto, com o namorado atual a interlocutora afirma, “Tô gostando mais de transar”. Segundo a interlocutora em roda de conversa, referiu que este namorado era bastante paciente, respeitava o tempo dela, e ciente do estupro, não insistiu para que iniciassem a relação sexual, atitudes que a deixou mais segura para tomar a decisão sobre se queria ter a relação e quando aconteceria. Porém, na fala da jovem sobre estar gostando de transar, tem como significado o fato de estar aprendendo e compreendendo nesta relação que pode haver respeito quanto à vontade dela, e que seu consentimento para transarem é valorizado. Diferentemente da violência que sofreu na casa do professor de dança, em que confiava nele e mesmo sem o consentimento da jovem, assistiu à cena de estupro praticado por um rapaz que ela estava interessada.

Percebe-se a violência sexual sofrida pela interlocutora como fruto de um cenário cultural machista, em que o corpo da mulher, “pode” ser violentado para realização do prazer masculino. De tal modo que, não importa os meios para que se obtenha esse prazer, e o aniquilamento da mulher é um fato em uma cena como a que se dá o estupro. A cultura do estupro (SOUSA, 2017) é legitimada pelo pensamento que atitudes e vestuário da mulher, é um “convite à violência”, provocando inclusive a criminalização das vítimas. E no caso da interlocutora, apenas a atração sexual que sentia pelo agressor, foi o “motivo” para “acharem” que ela “queria” que a violência acontecesse. Observa-se este pensamento através da postura do professor de dança que, pela relação que mantinha com a aluna e pela função que ocupa, deveria ter protegido, evitado a violência e acolhido a aluna, mas ele compactuou com o crime, uma vez que também é produto e produtor da cultura machista.

4.6 Prevenção gravidez e Prevenção DST

No eixo noções e o exercício da contracepção e prevenção das DST, as falas das jovens variaram em relação ao uso do preservativo para se prevenir de uma gravidez separado da prevenção DST. Ou seja, as falas das jovens quando perguntadas sobre como você vem realizando a prevenção contra gravidez e DST, havia uma maior prontidão para respostas que dessem conta de falar sobre a prevenção da gravidez, separando ou excluindo a prevenção das DST, sendo necessário iniciar uma nova pergunta que pudesse colher dados sobre como a jovem vem realizando a prevenção das DST.

Quadro 6 - Respostas sobre prevenção à gravidez e DST's

INTERLOCUTORA	PERGUNTAS	RESPOSTAS
Alexandra (18)	Anna: Quando tu namora quando tu fica, e você diz: não vai rolar nada. Né? Não vai ter nada. Mas como você pensa em se prevenir? Tu pensa em que assim?	Como assim?
	Anna: Quais métodos você vai usar para se prevenir da gravidez e da DST?	Não. Tem que ter camisinha.
	Anna: Com camisinha	Tenho medo de engravidar. Deus me livre! Essas coisas sou meio traumatizada.
Ariane (18)	Anna: Você já pensou alguma vez sobre método para prevenir gravidez ou doenças? Alguma vez na vida?	Não. Nem penso em namorar e essas coisas é que nem penso mesmo.
Lisa (19)	Anna: Você acha que um dia vai usar algum método de prevenção contra doenças ou até mesmo gravidez?	Não sei.
Nala (17)	Anna: como você está se prevenindo atualmente? Que método você tá usando com seu namorado?	A gente usa camisinha.
	Anna: E já aconteceu de na hora vocês não terem a camisinha e mesmo assim terem a relação.	Já.
Letícia (23)	Anna: Você disse que casou virgem e só teve a primeira relação na lua de mel?	É.
	Anna: e vocês estão juntos mais de dois anos?	É sim.
	Anna: E qual método preventivo contra gravidez e doenças vocês usavam?	Comecei tomando injeção.
	Anna: qual? A de um mês? Ou de três meses?	Não, a de um mês.
Fernanda (22)	Anna: quando você estava casada, você se prevenia contra doenças? Fazia uso de métodos para não engravidar?	Sim. Na primeira vez usei camisinha e depois de um tempo eu parei.
	Anna: e não usou mais nada?	Usei.

	Anna: o que?	Anticoncepcional.
	Anna: usa atualmente?	Não. Parei quando me separei. Mas, quando eu fizer relação de novo volto a usar.
Lua (17)	Anna: você costuma se prevenir contra gravidez ou doenças com o seu atual namorado?	Tive duas relações a primeira foi com camisinha, e a segunda não usei. Tô até com medo de tá grávida.
Helena (19)	Anna: faz pouco tempo que estais separada né? Você se prevenia durante as relações com seu marido?	A gente usava camisinha. Mas, depois que eu fiquei sabendo da traição fiz tudo que era exame.

Fonte: Formatação da autora

Sobre as falas das jovens pesquisadas quando perguntadas sobre prevenção, encontra-se como primeira resposta prevenir-se contra a gravidez. De acordo com a fala de Alexandra (18) “Tenho medo de engravidar. Deus me livre! Essas coisas sou meio traumatizada” tal resposta aparece em primeira mão muito em função de a responsabilidade sobre a contracepção ser ainda um cuidado feminino, desse modo, a mulher é quem teme engravidar e, assim, “quem deve” se responsabilizar pela contracepção. As relações desiguais de gênero acabam por ir constituindo sujeitos que vão reproduzindo os papéis tão desiguais difundidos para homens e mulheres.

No que diz respeito ao tipo de contracepção, as jovens pesquisadas estão utilizando a camisinha, a pílula e a injeção mensal. No entanto, a camisinha surge nas seguintes situações: a) na primeira relação sexual, como no caso de Alexandra (18) “Tem que ter camisinha”, no qual ela apresenta a pretensão de usar; b) na situação em que a camisinha está presente na primeira relação sexual, como Fernanda (22) que narra: “Sim. Na primeira vez usei camisinha e depois de um tempo eu parei” e Lua (17) “Tive duas relações a primeira foi com camisinha, e a segunda não usei”, e c) no uso da camisinha intermitente, ou seja, ela pode estar presente na cena ou não, como no caso de Nala (17) que ao se perguntar sobre o fato de ter tido relações sexuais sem usar camisinha, ela responde “já”. Assim como Helena (19) que referiu sobre o uso da camisinha com o marido “A gente usava camisinha”.

No entanto, o dado que chama a atenção é o fato da camisinha estar presente na primeira relação sexual e depois sair de cena, como no caso de Lua (17) e Fernanda (22). Com Lua, a ausência da camisinha acontece na segunda relação sexual, despertando inclusive o medo de estar grávida, narrado durante a entrevista: “Tô até com medo de tá grávida”. No caso de

Fernanda (22), a camisinha é abandonada durante o relacionamento com o marido, sendo substituída pelo anticoncepcional e, com o fim do relacionamento, abandonou a contracepção porque está sem namorado, revelando a volta ao uso depois que estiver num relacionamento em que ocorrerá a relação sexual.

Por outro lado, encontramos duas interlocutoras que não referem uso de nenhum método contraceptivo, Ariane (18) e Lisa (19). Ariane conta que não pensa sobre o fato de usar um dia, por que não pensa em namorado, em namorar, sendo por consequência não pensar em métodos contraceptivos. Já Lisa ao responder “não sei” sobre se acredita que um dia utilizará algum método contraceptivo ou para prevenção de doenças, pelo fato de, durante todo o momento da pesquisa de campo (rodas de conversas/ entrevista), a jovem se encontrava enamorada de outra jovem, desse modo não haveria riscos de uma gravidez. No entanto, desconsidera outros riscos, como os relativos às DST mesmo vivendo uma relação lésbica, muito em função de acreditar não haver riscos de contaminação numa relação entre mulheres.

O que se observa a partir dos dados acima apresentados sobre os sentidos da prevenção contra a gravidez ou DST entre as jovens interlocutoras, é que para elas dada a natureza das suas práticas afetivo-sexuais, ou seja, circunstanciadas nas relações de namoro ou casamento, dificultam a percepção sobre a possibilidade de para além de uma gravidez, o contato com uma possível DST.

A preocupação só vem à tona quando acontece algum fato e se deparam com uma ameaça, como no caso de Helena (19), que o uso da camisinha durante os cinco anos de relacionamento serviu para impedir a gravidez, mas ao flagrar o marido com prostitutas, dá-se a preocupação real da possibilidade de contrair uma DST.

Percebe-se a partir dos dados acima apresentados, que há uma adesão ao uso da camisinha, mesmo que intermitente, e uma preocupação maior das jovens com a gravidez. Compreende-se que no campo da saúde reprodutiva e saúde sexual há uma desigualdade relativa a vida das jovens, devido a presença de uma grande preocupação para não engravidar em detrimento da preocupação com a prevenção as DST's. Acredita-se que uma melhor aplicação das políticas públicas que consideram a saúde reprodutiva e saúde sexual das adolescentes em espaços como escolas e unidades de saúde, contribuiriam para minimização dessa disparidade com relação a prevenção das DST's. Por outro lado, acredita-se numa intervenção que leve em conta as relações desiguais de gênero que as jovens vivenciam no campo da sexualidade, no sentido de minimizar a responsabilidade para elas no quesito gravidez e chamar a participação dos rapazes também.

4.7 Do que elas falam da carreira sexual: discussão analítica

A discussão que segue procurará explicitar para compreender a carreira sexual das jovens, a partir do modo como elas vêm organizando a sexualidade neste território. E, para isso, a discussão estará pautada no debate feminista pós-estrutural (BUTLER, 2004; HARAWAY, 1995), para falar sobre as questões de gênero, e da teoria dos roteiros sexuais (GAGNON, 2006; PARKER, 1991), que nos ajudará a compreender como vem se desenhando as práticas afetivos sexuais das interlocutoras.

Entre as jovens pesquisadas observou-se que nenhuma delas relatou envolvimento afetivo-sexual com os migrantes trabalhadores temporários do Complexo Portuário de Suape, os “baianos”. Dayse Santos, Parry Scott e Rosângela Souza (2015, p. 27) relataram que textos jornalísticos denunciavam a vulnerabilidade das mulheres, especificamente as mais jovens em relação aos homens, no qual, eles capitalizados e elas sonhando encontrar um parceiro e construir famílias eram abandonadas por eles que tinham famílias em seus locais de origem. Essas relações, chamadas de “A sedução da farda”, “Sonho de Cinderela” e “Hora extra dos prazeres”, denunciavam a relação assimétrica entre os homens migrantes e as mulheres locais.

Em relação a presença dos migrantes, as jovens apontam tanto aspectos positivos¹⁸ (relacionado ao crescimento do comércio local), quanto de aspectos negativos¹⁹ (relacionado ao descaso com o meio ambiente). Desse modo, viam os migrantes com expectativas, mas também com desconfiança. No entanto, foi unânime entre as jovens um sentimento de repúdio com relação aos migrantes, devido exclusivamente aos aspectos negativos que a chegada deles provocou no ambiente tão estimado por elas, que é a praia, lugar em que para muitas, é o único espaço de lazer para a juventude local. Algumas delas relataram ter deixado de frequentar a praia nos finais de semana, devido a produção e abandono do lixo por parte dos migrantes.

Desse modo, devido ao sentimento de repúdio devotado aos migrantes, algumas jovens relataram evitar circular nos espaços com a presença deles e outras disseram não ter tido interesse em se relacionar com estes homens. As parcerias continuavam se constituindo com rapazes locais. E alguns espaços são privilegiados entre as interlocutoras para o exercício da sexualidade, esses espaços são a escola, a praia, a praça e o Facebook, compondo o que Donna Haraway (2009) denomina de circuito integrado, que diz respeito aos diferentes campos que

¹⁸ Em relação aos aspectos positivos, relataram a abertura de lojas, restaurantes, bares, lanchonetes e barracas de comidas típicas. Esses serviços ofereciam vagas de emprego para os nativos.

¹⁹ Em relação aos aspectos negativos as interlocutoras relataram durante as rodas de conversa que os “baianos” sujavam o meio ambiente, pois deixavam a praia de Gaibu cheia de lixo no final do dia.

caracterizam as relações em uma comunidade, tais como a escola, a família, a igreja, o posto de saúde, entre outros. Para este grupo a escola surge como o lugar privilegiado para conhecer, paquerar e começar um relacionamento com rapazes, e a praia o lugar para encontros íntimos.

Neste circuito, vive-se a iniciação sexual, o namoro, o casamento, mas também se vive as relações desiguais de gênero e a regulação da sexualidade das meninas é praticada pela família e comunidade. Desde cedo as jovens são levadas a acreditar na “idade certa para tudo”, incluindo a idade para ter relações sexuais. Quando a jovem transgride a norma da “idade certa” e do estado civil, “perdendo a virgindade” na adolescência e com um namorado, a família precisa manter a honra.

Um dado interessante é apresentado por Rocio Shuña e Karla Adrião (2015), numa pesquisa intervenção com jovens da microrregião de Suape/PE, sobre direitos sexuais e direitos reprodutivos, encontraram que jovens de ambos os sexos acreditavam na idade certa para terem a primeira relação, cuja idade indicada por eles/as seria entre 17 e 18 anos. Apesar de relatarem esta idade, num questionário aplicado previamente, 51% dos/as jovens responderam que transaram entre 14 e 15 anos de idade. Nossos dados corroboram com a pesquisa supracitada, pois observamos nas jovens pesquisadas que as interlocutoras quando transaram, encontravam-se com idades entre 14 e 15 anos.

As jovens que tiveram relações sexuais nesta faixa etária, precisaram casar para manter a honra (dela e da família). Em outro estudo, realizado na região metropolitana do Recife, com jovens de camadas populares, um dos objetivos foi examinar “as carreiras sexuais de jovens evangélicas, na perspectiva de melhor compreender os processos que concorrem para a organização da sexualidade” (QUEIROZ; RIOS, 2013, p. 309), um dos achados refere-se à regulação da sexualidade das jovens praticada pela sociedade (adultos e jovens), assinalando que quando elas perdem a virgindade, elas são “descapitalizadas” para o “mercado matrimonial” (QUEIROZ; RIOS, 2013, p. 312).

Ou seja, as jovens interlocutoras, vivenciam a regulação da sexualidade, na qual a família e comunidade autorizam a vivência desta apenas pela concretização do matrimônio, e quando a relação sexual acontece na adolescência a honra deve ser devolvida através da realização do matrimônio.

Diante dessa estrutura socializadora da sexualidade juvenil, na comunidade estudada, Parker (1991) ajuda a compreender que a socialização sexual no caso das meninas, especificamente, acontece para elas serem educadas, controladas e reguladas para controlar seus desejos sexuais, devendo se comportar na forma defensiva em relação às investidas dos rapazes e evitar a relação sexual antes do casamento.

Jovens como Alexandra (18), vêm se comportando exatamente conforme a família e comunidade esperam que seja o comportamento de uma jovem solteira. Controlando desejos sexuais, defendendo-se contra as vontades do rapaz e dela própria no momento da intimidade, no qual nesta hora suas ideias repousam em que não vai acontecer transa alguma, pois o medo de ser descoberta que não é mais virgem e com isso casar é maior que o tesão durante as trocas de carícias. Não cedendo espaço para a “tentação”.

Por outro lado, interlocutoras como Fernanda (22), Helena (19), Nala (17), Lua (17) e Lisa (19), apresentam em suas carreiras sexuais a desobediência às regras instituídas quanto as adolescentes terem relações sexuais com os namorados. Ou seja, numa comunidade em que as relações desiguais de gênero são amplamente praticadas, chegando ao ponto de ainda serem levadas a casar por terem perdido a virgindade, elas resistem e vivem a sexualidade, mesmo sabendo de ser o matrimônio na adolescência uma realidade.

E Fernanda (22) e Helena (19), são exemplos dessa realidade, elas trazem em suas carreiras sexuais a presença da experiência da união estável com os seus primeiros namorados por ter transgredido a norma, pelo fato de terem sido descobertas que não eram mais virgens e que vinham mantendo relações sexuais com os namorados.

A atitude de unir jovens em função da manutenção da honra da moça e da família no território pesquisado, tem precedente na existência da condição feminina na sociedade, cujo produtor foi a cultura machista geradora das relações desiguais de gênero, em que a mulher não goza da mesma liberdade sexual que os homens.

No entanto, as jovens vêm transgredindo essa regra e vivenciando seus desejos, pelo menos na área da sexualidade. Haja vista o exemplo de Nala (17) e Lua (17) que estão mantendo relações sexuais com os seus namorados conscientes da pressão que sofrem de terem que casar, assim que família saiba que estão transando.

E sobre transgressão a respeito das regulações de gênero na adolescência, elas quebram a regra e iniciam sexualmente, seja tendo relações sexuais com penetração ou não. No entanto, observou-se que devido as regulações que sofrem no tocante a sexualidade, as jovens necessitam esconder que são ativas sexualmente, para não casar. O que faz pensar que, para essas jovens, a transgressão não as empodera a respeito dos destinos quanto a vida afetivo-sexual. Ou seja, se souberem que transam, vão ter que casar. Apenas, a transgressão é resultado das estratégias utilizadas pelas jovens para viverem a sexualidade escondidas da família e da sociedade.

Karla Adrião et al (2017) evidenciou a problemática relacionada a sexualidade feminina, na microrregião de Suape/PE, no qual, sobre as desigualdades de gênero, a juventude vem

reproduzindo o prescrito a respeito das mulheres, ou seja, devem ter experiências sexuais comedidas em contraposição aos homens. No caso, para as mulheres foram atribuídas categorias como “loucas” ou “safadas” e para os homens há uma naturalização das práticas sexuais. Ou seja, se numa região em que a sexualidade está fortemente estruturada pelas desigualdades de gênero, o fato das interlocutoras terem vida sexual deve ser às escondidas. E a transgressão, neste caso, dá-se simplesmente pelo fato de viverem a sexualidade.

Ainda sobre transgressão às regras heteronormativas, trazemos Lisa (19), que se relaciona com uma garota, mas, este namoro foi vivido fora da comunidade em que reside. Jovens costumam tornar suas relações afetivo-sexuais inviabilizadas, para se manterem longe do controle familiar e da comunidade. E numa cultura machista como o território pesquisado, iniciar as relações homoafetivas, deve ser algo mais difícil ainda, principalmente para fugir dos olhares da comunidade. Na dissertação de mestrado da autora (XAVIER, 2011), realizada numa comunidade periférica da região metropolitana do Recife, apontou para o fato de algumas jovens terem paquerado, ficado e namorado rapazes de comunidades vizinhas, sem que familiares e vizinhança soubessem do relacionamento, como estratégia para viverem a sexualidade.

A socialização sexual juvenil (PARKER, 1991) é o processo pelo qual meninas e meninos vão recebendo as informações a respeito dos comportamentos e atitudes referentes ao sexo biológico e aprendendo a agirem conforme lhes são instruídos. Constituem modos de pensar e agir sobre os corpos e atitudes de mulheres e homens, no qual padrões de comportamentos são ditados como certos, a heterônoma, um padrão de masculinidade e feminilidade que deve ser seguido, esse padrão regula os gêneros (BUTLER, 2004), definindo os papéis de masculinidade e feminilidade.

No entanto, as jovens vêm agindo de forma diferente quanto ao papel da fêmea passiva, no campo da sexualidade, que foi construído socialmente, ou seja, em suas vivências, tanto a interlocutora que se relacionou com outra menina, como aquelas que ousaram ter experiências sexuais na adolescência, têm seus roteiros sexuais (GAGNON 2006) escritos e rescritos pelas práticas afetivo-sexuais que desobedecem a heteronorma e que pune a quem pratica através do matrimônio.

Os roteiros sexuais (GAGNON, 2006) das interlocutoras se inscrevem num conflito com o cenário cultural atribuído a sexualidade. E este conflito é marcado pela prática da relação sexual, não havendo sobre isto uma aceitação por parte da família e respeito da vida sexual das jovens. Neste caso, há uma incongruência entre o que o cenário cultural impõe como roteiro para as jovens (relações desiguais de gênero) e seus próprios roteiros pessoais.

As jovens, neste território, são chamadas a encenarem os atos conforme a heteronormatividade padroniza, no entanto à medida que vão vivenciando as desigualdades de gênero, elas criam estratégias para burlar o cenário cultural, no campo da sexualidade. E quais seriam essas estratégias? Manterem relações sexuais não penetrativas, fugir para casar, namorar escondido e até não namorar.

Mas, ao viver às escondidas, quanto as práticas afetivo-sexuais, (pelos menos enquanto não são descobertas), é uma realidade nos roteiros sexuais (GAGNON, 2006) das jovens, para não casar quando ainda não se quer, tais práticas não as empodera, tornando-se a transgressão um ato solitário. As relações desiguais de gênero permeiam fortemente os roteiros sexuais das jovens, portanto, precisando esconder a vivência da sexualidade. Enquanto esse fenômeno existir, os roteiros sexuais das jovens serão narrados com a presença do medo.

5 APROXIMAÇÕES DAS PRÁTICAS AFETIVO-SEXUAIS DAS MULHERES ADULTAS

Neste capítulo procura-se analisar como as interlocutoras adultas vivenciaram a sexualidade na adolescência, que ocorreu em um período que antecedeu as obras do PAC. Para a realização da análise utiliza-se os mesmos eixos norteadores do capítulo anterior, ou seja, a) os sentidos de adolescência para as mulheres; b) relacionamentos; c) embates com a família em relação ao exercício da sexualidade; d) primeira vez; e) como pensam o prazer sexual; f) emoções e sentimentos; g) noções e o exercício da contracepção e prevenção das DST.

Os dados analisados fazem parte do quadro de categorias (Tabela 6) já destacado em capítulo anterior que foi construído a partir das respostas das interlocutoras para cada eixo norteador.

Tabela 6 - Categorização das adultas jovens

EIXOS NORTEADORES	CATEGORIAS
Os sentidos de adolescência para as mulheres	Estudo, trabalho, autonomia, drogas, diversão, sexualidade
Primeira vez	Idade, lugar, sentimento, namoro, casamento
Como pensam o prazer sexual	Paixão e tesão
Emoções e sentimentos	Ficar, namorar, casar
Noções e o exercício da contracepção e prevenção das DST	Nunca se preveniu/ já se preveniu
Relacionamentos	Namoro declarado/ namoro escondido

Fonte: Formatação da autora

5.1 O que elas pensam sobre adolescência?

Algumas interlocutoras, em suas falas, remetem a ideia da adolescência como um período para se preparar para o futuro. Outras, por sua vez, destacam que a adolescência foi marcada pela presença do trabalho buscando independência financeira em relação aos pais. Enquanto outras assinalam como um momento da vida perigoso, referindo-se ao envolvimento com as drogas. Mas, também, foi considerada como uma época de diversão. No entanto, observou-se que cada interlocutora expressa uma opinião sobre esta etapa da vida, havendo algumas aproximações entre elas, conforme mostra o quadro abaixo (Quadro 7).

Quadro 7- Perguntas e respostas sobre os sentidos de adolescência para as mulheres

INTERLOCUTORAS	PERGUNTAS	RESPOSTAS
Maria (26)	Anna: O que é adolescência para você?	O que eu vejo aqui é que as meninas da minha geração estão procurando estudar mais e trabalhar. Por que o pessoal daqui é muito acomodado.
	Como assim? Acomodado?	Ah! Tem uma casinha, vive de aluguel e pronto! Tem só aquilo mesmo.
Ana (31)	Anna: O que é adolescência para você?	É o momento de se preparar. Eu sou a única que não fez faculdade do meu círculo de amizade, todas são formadas, tem carro, tem apartamento. Eu sou a única que mora em Gaibu, dentro de um sítio, numa invasão e não sou casada civilmente.
Bianca (33)	Anna: O que é adolescência para você?	Período perigoso para não entrar nas drogas (...) tanto os rapazes e as moças de hoje em dia, aqui em Gaibu, precisam de mais ocupação, fazer um curso, para não acabar indo para o mundo das drogas.
Lilian (31)	Anna: O que é adolescência para você?	Período de se divertir
Raquele (28)	Anna: O que é adolescência para você?	Os daqui são muito acomodados, fazem umas casinhas, vivem de aluguel.
	Mas os jovens também?	Você vê, vai ali só homem conversando, é novo, velho é tudo.
	E as meninas?	Tão estudando, trabalhando.
Cristina (31)	Anna: O que é adolescência para você?	O que eu vejo é que os rapazes daqui são muito preguiçosos, parece uma doença mesmo que pegou em todos, tudo preguiçoso, para você arrumar um que queira trabalhar tá difícil. A maioria só quer surfar.
Roberta (31)	Anna: O que é adolescência para você?	A adolescência eu passei trabalhando, sempre gostei de trabalhar, passei tomando conta das minhas primas

		pequenas para ganhar meu dinheirinho, sempre gostei, aí depois cresceram e comecei a trabalhar no bar. Pra mim é isso.
Rose (31)	Anna: O que é adolescência para você?	Hoje em dia esses rapazes estão tudo entrando no mundo das drogas. As drogas está acabando com eles (...) eles são daqui da comunidade, devia tá aproveitando e tão se acabando nela.

Fonte: Formatação da autora

Ana (31), em sua fala, descreve a adolescência como “um momento de preparação” para o futuro, sendo o estudo o caminho para ter uma vida com bens materiais e conforto. Pois, a interlocutora se compara com as amigas ao afirmar que é a única do seu grupo que não tem um curso superior; “Eu sou a única que não fez faculdade do meu círculo de amizade”. A interlocutora revela que sua mãe sempre investiu nos estudos para com ela permitindo que frequentasse bons colégios de rede privada, “mas eu que não soube aproveitar” (sic.) (Diário de campo, 07/10/2015).

É importante relembrar ao leitor que na história de vida da interlocutora, ela nos informa que mora “dentro de um sítio, numa invasão”, e a consequência, segundo ela, deve-se ao fato de não ter investido nos estudos quando mais jovem. Assim, ressalta que suas amigas que investiram na educação, hoje “são formadas, tem carro, tem apartamento”. Portanto, pode-se levantar a hipótese de que a interlocutora pertenceu a uma classe social que tem condições de investir nos estudos dos filhos, liberando do trabalho para poder se preparar para uma vida profissional. No caso de Ana (31), a falta de investimento pessoal nos estudos durante a adolescência, uma vez que a família podia pagar por uma escola particular e não aproveitada por ela lhe produziu arrependimento com relação a sua atual classe social. Dito em outras palavras, sua ideia sobre a adolescência é fruto do pensamento da classe social que a interlocutora já pertenceu tem sobre este momento da vida. Pois, segundo a própria Ana, morar numa invasão, significa não pertencer a classe social que um dia já fez parte de sua vida.

Para esta interlocutora a carreira profissional deve ser investida desde a adolescência pela via do estudo, do conhecimento. Essa compreensão dialoga com os escritos do Coutinho (2009) sobre a adolescência, quando a autora nos lembra que foi a partir do processo de

industrialização que a juventude burguesa pôde ser liberada do trabalho para haver uma maior dedicação aos estudos, garantindo assim uma vida profissional futura e próspera.

Já as outras interlocutoras não vieram de uma classe mais favorecida. Nesse sentido, tal como Ana (31) que compreende a adolescência a partir da ótica como o momento do investimento no estudo, como as outras interlocutoras relacionam esse aspecto? As interlocutoras ao serem questionadas sobre o que é adolescência relacionam não só ao estudo, mas ao trabalho também.

Contudo, antes de responder à pergunta supracitada, é interessante trazer que das oito interlocutoras apenas uma, a Maria (26), possui nível superior completo, enquanto que Rose (31) possui o nível técnico, Ana (31), Bianca (33), Lílían (31), Raquele (28) e Cristina (31), o ensino médio e Roberta (31) ensino fundamental. Destas, Maria, Cristina, Roberta e Raquele trabalham, e Ana, Bianca, Liliam e Rose afirmam estarem desempregadas. Essas características ajudam a compreender o modo como elas descrevem a adolescência.

Roberta (31) foi a única do grupo que revelou trabalhar desde a adolescência, “adolescência eu passei trabalhando”, começando como babá “passei tomando conta das minhas primas pequenas” e depois trabalhando em um restaurante como garçom. Esta interlocutora traduz o que se pensava e ainda se reproduz sobre o cotidiano do jovem operário (COUTINHO, 2009), isto é, não havia o privilégio de liberar-se do trabalho, tendo este como destino. Destinada a entrar no mundo do trabalho cedo, não terminou os estudos.

O que se observa na fala da interlocutora Ana (31) é que para ela a adolescência deve ser um período de dedicação aos estudos para que se possa garantir uma carreira profissional. No caso de Roberta (31), a adolescência é retratada como um momento em que é preciso trabalhar para poder se manter, uma vez que a família não tinha condições de sustentar suas necessidades.

Em outra direção, Maria (26) compreende a adolescência a partir da sua própria história, isto é, a trajetória da interlocutora é marcada pela busca do desenvolvimento pessoal, através do estudo e do trabalho; “o que eu vejo aqui é que as meninas da minha geração estão procurando estudar mais e trabalhar”. Ela ainda ressalta uma contraposição com a geração anterior, em que caracteriza como “acomodados”; “Por que o pessoal daqui é muito acomodado”. A interlocutora pertence a uma geração na qual a entrada em uma instituição de ensino superior foi possibilitada em função das políticas de acesso ao ensino superior, contribuindo para que muitos jovens pudessem ingressar numa faculdade.

Maria (26), ao narrar sobre a adolescência, refere que entre os rapazes nativos predomina um tipo de subsistência que para ela não é mais possível nos dias atuais; “Ah! Tem

uma casinha, vive de aluguel e pronto! Tem só aquilo mesmo”. Raquele (28) também entende a adolescência a partir do modo como os rapazes conduzem a vida atualmente, “Os daqui são muito acomodados, fazem umas casinhas, vivem de aluguel”. Não obstante, as interlocutoras colocam na mesma categoria “acomodados” os jovens, adultos e idosos.

Nesta mesma direção, Cristina (31) ao ser questionada sobre qual a sua compreensão a respeito da adolescência traz suas impressões sobre os rapazes “O que eu vejo é que os rapazes daqui são muito preguiçosos, parece uma doença mesmo que pegou em todos, tudo preguiçoso”. As falas das interlocutoras, Raquele (28) e Cristina (31), apresentam duas categorias “acomodados” e “preguiçosos” referindo-se especificamente aos rapazes. E Maria (26) afirma que as jovens estão estudando e trabalhando mais.

Portanto, no campo estudado, no que diz respeito à relação estudo e trabalho, as falas das interlocutoras trazem uma relação de gênero tanto no campo educacional, como no profissional. Neste sentido, na ótica das interlocutoras, as mulheres estão almejando um desenvolvimento pessoal, numa direção diferente dos rapazes, sendo este desenvolvimento relacionado à busca de uma formação superior, possuir carreira profissional e aumentar as chances de conseguir emprego. Enquanto para as interlocutoras os rapazes estão acomodados, satisfeitos com a renda que possuem, não desejando melhores postos de trabalho, sendo então preguiçosos como descreve Cristina (31).

Bianca (33) compreende a adolescência como um período de vulnerabilidade, cujo momento deve ser cuidado com ocupação do tempo para evitar envolvimento com drogas. Nesta mesma direção, Rose (31) afirma que os jovens estão sendo consumidos pelas drogas e perdendo tempo que deveria ser aproveitado. Vejamos respectivamente suas opiniões.

Desse modo, Bianca (33) relata “tanto os rapazes e as moças de hoje em dia, aqui em Gaibu, precisam de mais ocupação fazer um curso, para não acabar indo para o mundo das drogas”, reforçando o já discutido anteriormente, ou seja, para ela a adolescência é também um período de investimento nos estudos, no qual vê nessa ação de estudar a possibilidade de ocupação da juventude, para que com o tempo ocioso não venha a se envolver com o consumo de drogas.

Rose (31) também descreve a adolescência a partir de uma ótica da vulnerabilidade às drogas: “hoje em dia esses rapazes estão tudo entrando no mundo das droga”. Rose revela em sua fala a visão da adolescência como um momento em que os/as adolescentes estão mais suscetíveis ao envolvimento com as drogas; “as drogas está acabando com eles”. É importante destacar a possibilidade de a fala da interlocutora Rose está relacionada ao fato de, ao longo do trabalho de campo, nas conversas informais, haver recorrente referências a assassinatos de

rapazes de Gaibu em função do envolvimento com o tráfico, principalmente depois das obras do PAC (RIOS et al, 2015). Para ela, estes jovens deveriam estar aproveitando mais a comunidade, seja no lazer e/ou divertimento; “eles são daqui da comunidade, devia tá aproveitando e tão se acabando nela”.

Lilian (31) pensa a adolescência como “um período de diversão”. O que ela está chamando de diversão é poder sair para festas, viajar, paquerar, ter poucos compromissos e responsabilidades. Isso pode ser observado quando ela relata que paquerou e namorou muito, viajou para morar fora do Estado, tem muitos amigos e um dos seus lazeres é ficar na rua conversando (Diário de campo, 21/10/2015). Segundo Lilian, ela aproveitou bem esse período da vida, considerando os tempos áureos da vida, por poder ter mais tempo para se divertir, estar com os amigos/as, conhecer pessoas. Pois, ao terminar esta fase começa a responsabilidade e compromisso, se referindo a família, a ao trabalho (este último já discutido anteriormente).

5.2 O ficante, a paquera, o namoro: o início do despertar das práticas afetivo-sexuais

No eixo relacionamentos, as interlocutoras trazem em suas falas os tipos de relacionamentos vividos, o tempo de passagem de uma paquera para o namoro e o casamento pela gravidez. Para compor a análise, apresentada no quadro 8, utilizou-se o resumo das observações sobre o tema, registradas no diário de campo.

Quadro 8 - Relacionamentos vividos pelas adultas jovens

INTERLOCUTORAS	Diário de campo
Maria (26)	Experimentou a paixão com o namorado atual, que faz 4 anos que estão junto. Com relação a primeira relação sexual que tiveram referiu ter pensado como seria e foi algo que sabia que aconteceria. Diferentemente da sua primeira experiência sexual.
Ana (31)	Ana beijou, ficou e namorou muito, teve experiências com meninas e o relacionamento atual é com um homem que já tinha ficado com ele.
Bianca (33)	Bianca teve três namorados, o primeiro com 14 anos, engravidou da filha. O segundo era do sul do país, onde foi morar por onze anos e o terceiro namorado, seu atual marido está casada com ele há cinco anos.
Lilian (31)	Afirma que teve muitos namorados e muitos ficantes. Teve seu primeiro namorado com quatorze anos e foi um rapaz que ela queria muito namorar. Paqueraram durante alguns meses até que houve o primeiro beijo e tornaram-se ficantes. Um dia ele a pediu em namoro e permaneceram juntos por sete anos. No dia do

	aniversário de quinze anos ela foi para o motel e teve sua primeira relação sexual em que ela disse que se deu esse presente.
Raquele (28)	Conheceu seu marido com quatorze anos, disse que quando deu de cara com ele na casa da vizinha, foi amor à primeira vista e se apaixonou até hoje.
Cristina (31)	Cristina falou em nossas conversas que teve cinco namoros sérios e com o penúltimo morou com engravidando de sua primeira filha. O último namorado, seu marido hoje é o pai de seus três meninos. Ela resumiu sua história atual como uma aventura/ um amor/uma cabana.
Roberta (31)	Roberta teve um único namorado. Paqueraram por meses antes de começar o namoro até que com a gravidez tiveram que casar
Rose (31)	Rose teve três namorados, com o primeiro começou aos doze anos e aos 17 engravidou. O segundo referiu um namoro rápido. E o terceiro e último é seu atual marido e pai de sua segunda filha. Se conheceram por telefone.

Fonte: Formatação da autora

Na história de vida de Lilian (31), observa-se que: com seu primeiro namorado, eles paqueraram por alguns meses, até que depois do primeiro beijo, tornam-se ficantes, passa-se mais um tempo e ela é pedida em namoro perdurando por sete anos o relacionamento. A interlocutora também declara que teve muitos ficantes e namorados posteriormente.

Tal história com o primeiro namorado demonstra o caminho do relacionamento, ou seja, paquerar, ficar, namorar. O ficar representa relação sem compromisso, líquida, pois pode escorrer pelas mãos como água, como pode evoluir para um compromisso como o namoro. Como foi o caso do primeiro relacionamento de Lilian (31).

Sobre esta interlocutora, o processo paquerar, ficar e namorar, não está sempre presente em sua vida, ou seja, há a presença do ficar, sem necessariamente namorar. Entendemos por outro lado, que se permitir a ter muitos ficantes sem necessariamente namorar em um contexto em que há a presença de uma regulação da sexualidade das jovens, significa que a interlocutora tem atitudes diversas em relação ao comportamento “recatado” que se espera de uma adolescente. A interlocutora relatou que, bastava que rolasse uma química, para que se relacionasse sexualmente com o rapaz, fato que aconteceu diversas vezes com rapazes diferentes.

Outra interlocutora que traz a experiência da paquera em sua prática afetivo-sexual é Roberta (31), que teve um único relacionamento em sua vida, começando pela paquera que ela afirma ter durado meses antes de começar a namorar até os dias atuais tornando-se casados.

Trajetórias como a de Roberta (31) são frequentes no contexto pesquisado devido as regulações da sexualidade da jovem, no qual a adolescente casa em função de manter a honra da família, uma vez que perdeu a virgindade.

Ana (31) é a única interlocutora deste grupo que revela ter ficado tanto com meninas como meninos. Segundo ela, esta vivência serviu para que pudesse experimentar qual das parcerias lhe agradava mais. Revelando-se ser dos rapazes sua maior preferência. Ao contar o fato de ter ficado com meninas, ela não esconde a satisfação de ter passado por esta experiência em sua vida, falando com convicção que foi bom ter ficado com elas. Sobre namorar, Ana refere ter namorado apenas rapazes e com as meninas apenas ficou.

É possível compreender a partir da biografia de Ana (31) que, ao iniciar-se nas práticas afetivo-sexuais, revelando ter gostado muito quando começou a beijar e a ficar e se definindo como uma pessoa de “coração grande”, pode-se dizer que o significado deste “coração grande” não está vinculado unicamente ao que socialmente se entende como alguém que tem a capacidade de amar demais, ou um coração que é capaz de amar muitas pessoas ao mesmo tempo, para ela um coração que está aberto a muitas possibilidades e formas de estar com o outro/a.

Tanto Lilian (31) como Ana (31) apresentam práticas afetivo-sexuais que vão de encontro com o que família e comunidade esperam de uma adolescente. As meninas não recebem aprovações por terem tido várias experiências no campo da sexualidade, como acontece com os meninos, pois de modo geral são estigmatizadas, as relações desiguais de gênero, hierarquiza homens e mulheres, apoiando os homens em relação a quantidade de relações sexuais que pratica e apoiando mulheres que se mantêm “recatadas”. As duas interlocutoras rompem com a dupla moral sexual quando não são recatadas aos termos das expectativas sociais e vivem práticas afetivo-sexuais, no quesito quantidade de relacionamentos, muito próximas ao que se espera de um rapaz.

As outras interlocutoras, entretanto, não relatam a experiência do ficar como fazendo parte de suas experiências afetivo-sexuais ou relatam essa vivência uma única vez em suas vidas. Dentro das que relataram nunca ter ficado estão Raquele (28), Maria (26), Rose (31), e Roberta (31). Já Bianca (33) e Cristina (31) revelaram que antes de namorar ficaram antes com o namorado.

No caso de Raquele, o motivo de não ter tido a vivência do ficar foi pelo modo como aconteceu a história do casal, ele foi a primeira pessoa que lhe despertou desejo. Quando se viram se interessaram um pelo outro, no entanto foi numa festa na comunidade que se viram pela segunda vez e foi pedida em namoro, estando com ele até os dias atuais.

Maria (26) referiu nunca ter ficado com alguém, seus relacionamentos migravam da paquera ao namoro com os três namorados que teve. Já Rose (31) teve três namorados, começando pela paquera e indo para o namoro sem ter passado pelo tempo do ficar. E Roberta (já comentado acima) também nunca ficou

Bianca (33) relatou sobre seu primeiro namoro. Começou a paquerar durante os ensaios de quadrilha das festas juninas, pois era seu par, e no dia de São João, ele a pediu em namoro, quando se beijaram pela primeira vez. Só com o segundo namorado teve um período em que ficavam sem compromisso, até que foi pedida em namoro. Já Cristina (31), que teve três namoros sérios antes do atual companheiro, revelou ter paquerado e começando a namorar sem antes ter passado pelo ficar com eles. Com o último namorado, seu atual marido, ela paquerou, ficou e em seguida tornou-se companheira dele, até os dias atuais.

A partir dos roteiros sexuais apresentados acima, remetemos a John Gagnon (2006), no qual o autor menciona que as/os jovens vão ensaiando em suas trajetórias sexuais roteiros que lhes foram repassados desde criança. No caso em análise, os roteiros indicam padrões de iniciação, modos de controle e dominação na relação entre mulheres e homens, que são ensinados inclusive antes de saberem em que consiste uma relação sexual. Esses padrões são apreendidos dentro do circuito integrado em que a jovem participa, como família, escola, igreja. Nesta rede a jovem aprende sobre sua sexualidade e também que há uma dupla moral sexual, na qual ao homem quase tudo é permitido, desde que seja para manutenção da masculinidade e virilidade, e à mulher cabe ser recatada e se resguardar, de acordo com as expectativas sociais, para que ela se torne uma mulher para casar e ter filhos (QUEIROZ; RIOS, 2013).

5.3 Namoro declarado e namoro escondido: a vigilância familiar

Também se observou que o exercício da sexualidade se dava de modo mais escondido do que declarado. Ou seja, os pais não sabiam que as filhas estavam namorando. Pois, quando as jovens começavam um namoro, escondiam da família a relação afetiva com o rapaz, esta era uma estratégia frente às regulações sobre quando começar a namorar e como se comportar sexualmente, quando estava com o rapaz, pois a vigilância e o controle se faziam presente. De modo geral, a história de vida de outras jovens em relação aos namoros, gravidez e casamento, eram percebidos pelas interlocutoras e, devido a vigilância exercida pela família e comunidade, evitavam expor seus relacionamentos. Mas, algumas interlocutoras declaravam a relação à sua família, mesmo dando-se conta de que ficariam, também, de alguma forma sujeita a vigilância e controle por parte da família.

Quadro 9 - Quadro de respostas referente à questões relacionadas ao namoro

INTERLOCUTORAS	PERGUNTAS	NAMORO DECLARADO	NAMORO ESCONDIDO
Maria (26)	Anna: Quando você começou a namorar como foi a reação em casa? Vocês conversavam a respeito?		Namorei com um rapaz quando eu tinha 20 anos e não contei a ninguém. Aquele que conheci na faculdade.
	Anna: namorasse escondido por quanto tempo? Depois tu apresentasse pra tua família?		Namorei um ano. Não, apresentei não.
	Anna: porque?		Porque eu não era apaixonada por ele não.
Ana (31)		Minha mãe ficava muito em cima, sabia que eu era muito namoradeira e fogosa.	
Bianca (33)		A mãe era muito brava e quando soube que a filha não era mais virgem e que estava grávida, deu uma surra,	
Raquele (28)		A mãe só soube que Raquele não era mais virgem quando o noivo foi na casa da mãe e contou que ela era "mulher" dele e queriam morar junto. Isso aconteceu com 16 anos. Relata que na adolescência foi muito presa, da escola para casa e de poucas amigas. A mãe apoiava o namoro, mas o pai não.	
Roberta (31)			Nunca falei nada não. Namorei escondido

			até quando ele foi lá em casa e pediu para namorar. Depois vovó começou a proibir e reclamar, mas não teve jeito não, engravidei dele mesmo.
Rose (31)			Namorei escondido até quando pude. Comecei a namorar com o pai do primeiro filho com doze anos, com 15 anos falei que tava namorando e engravidei com 17 anos.

Fonte: Formatação da autora

Sobre os namoros escondidos, as histórias das interlocutoras descrevem bem essa situação. O namoro escondido e declarado permite-nos analisar as estratégias das interlocutoras utilizadas para evitar o embate familiar e assim evitar que aumente controle e vigilância sobre seus corpos. Ou seja, é quando as jovens estão namorando que os conflitos geracionais aumentam.

A partir das narrativas observou-se que as interlocutoras no período da adolescência vivenciaram a sexualidade num cenário em que aponta para uma dupla moral sexual e que as transgressões dessa moralidade praticadas por elas, leva-se a crer na possibilidade do reconhecimento de viver a sexualidade como um direito.

Desse modo, no contexto das interlocutoras, a partir do conhecimento que elas possuem que são capitalizadas para o matrimônio quando mantém relações sexuais, elas preferiram esconder o namoro da família, especialmente possuindo intimidades com o rapaz. Pois conforme conta Roberta (31), o namoro pode ser controlado por qualquer um dos parentes “Depois vovó começou a proibir e reclamar, mas não teve jeito não, engravidei dele mesmo” e Raquele (28) “A mãe apoiava o namoro, mas o pai não”.

Ao decidir usar como estratégia o namoro escondido, percebe-se que esta decisão é uma consequência do aprendizado da sexualidade, que não se restringe às sensações fisiológicas ou às primeiras relações sexuais (HEILBORN, 2006), mas também se relaciona ao aprendizado dos valores, morais, relações de gênero, sempre localizados social e culturalmente.

No artigo de Rocio Shuña, Laís Rodrigues e Vanessa Benevides (2015), as autoras apresentam dados estatísticos sobre respostas dadas por adolescentes de ambos os sexos residente da região do Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca, participantes do projeto ação juvenil, ligado ao Diálogos Suape. À pergunta a respeito de haver uma idade certa para transar observaram que “70% (81,80% dos homens e 59,45% mulheres) espera que as mulheres tenham relações sexuais depois dos 17 ou 18 anos (idades mais referidas). Algo diferente do esperado para os homens, já que 60% (54,55% dos homens e 67,57 % das mulheres) acham que os homens não têm uma ‘idade ideal’ para ‘transar’ ” (SHUÑA; RODRIGUES; BENEVIDES, 2015, p.25).

Esses dados só reafirmam que a socialização sexual juvenil, baseada nas desigualdades situadas pelo sistema de Gênero perpassa as redes de relações dos/as adolescentes e atravessa as gerações. A reprodução dessas ideias, só denunciam ainda a existência da dupla moral sexual, no processo de aprendizagem da sexualidade. As nossas interlocutoras, de faixa etária diferente da pesquisa supracitada, anunciaram a existência das falas no seio familiar sobre a idade certa para começar a namorar, entre outras proibições, como transar ainda na adolescência. Pois, em algumas famílias, os pais declaram que a idade certa para uma moça começar a namorar é os 15 anos de idade, no entanto a liberação para elas transarem, só com o matrimônio. Porém, as jovens começam a namorar antes dessa idade, com exceção de Maria (26), como visto no capítulo biográfico.

No caso de Roberta (31), o namoro foi escondido até o momento que o namorado foi em sua residência pedir autorização aos pais da interlocutora: “Namorei escondido até quando ele foi lá em casa e pediu para namorar”. De forma semelhante, a Rose (31) e Maria (26) também destacam o relacionamento escondido; “namorei escondido até quando pude”, “Namorei com um rapaz quando eu tinha 20 anos e não contei a ninguém”, respectivamente.

No que concerne à fala da Roberta, percebe-se que enquanto o namoro se mantinha escondido, havia menos controle e nunca relatou que existia diálogos em casa. Depois que a avó tomou conhecimento do relacionamento da neta, a ausência do diálogo foi transformada por reclamações. “Depois vovó começou a proibir e reclamar”. Este é um roteiro que responde ao cenário local, em que são fornecidas as instruções sobre papéis sexuais e, no caso em particular, sobre como deve ser o papel de uma jovem, ou seja, os modos de comportar-se e ser recatada.

Essas instruções, referem a dupla moral sexual e estão relacionadas às formas como as jovens devem se conduzir frente as questões afetivas e sexuais. Ou seja, elas devem agir na defensiva diante das investidas dos rapazes, sempre lhes negando o prazer e a si próprias, devem

se comportar como uma moça direita! Uma moça direita não deve demonstrar que sente desejo sexual. Só depois de casada e pelo seu marido.

Sobre o fato de haver no contexto local um controle sobre quando a moça deve começar a namorar, no qual é colocado em prática pela família, que a fala de Rose (31) exemplifica também tal análise: “namorei escondido até quando pude”. Observa-se que esconder até quando pode é compreendido como até quando pôde manter estratégias para que a família não saiba que namora. Foram três anos mantendo escondido o relacionamento, até que com a chegada dos 15 anos, idade que “permite-se”²⁰ o relacionamento afetivo, ela declara que tem um namorado.

Maria (26), que deu seu primeiro beijo aos quinze anos, teve seu primeiro namorado entre 16 e 17 anos, idade posterior ao que é declarado pelos pais, e assim que aceitou o pedido de namoro o rapaz foi falar com os pais dela e namoram por um ano e meio.

No caso de Ana (31), uma jovem que teve alternância de períodos de residência entre Recife e Gaibu e, diferentemente das outras interlocutoras, foi menos afetada pelas instruções de quando uma jovem deve começar a namorar, começou a namorar com 13 anos e desde o início mantinha relações de intimidade com o namorado. O embate com a família centrava-se mais na figura da mãe que tentava sem muito êxito controlar a vida sexual da filha. Ao dizer “Minha mãe ficava muito em cima”, observa-se as várias tentativas de burlar o controle familiar. No caso desta interlocutora especificamente, a mesma declarava que gostava muito de “namorar”²¹ e não escondia isso durante as conversas em família. O embate que travava com a família a respeito do controle da sexualidade, diz respeito às tentativas da mãe em limitar a liberdade da filha, na intenção de evitar perder a virgindade e posteriormente a gravidez, o que não adiantou muito.

Desse modo, compreende-se que o embate com a família em relação ao exercício da sexualidade, acontece quando a jovem começa a namorar. As relações desiguais de gênero possibilitam a construção de estratégias para esconder o namoro e assim evitar o confronto familiar.

A figura da mãe no controle da sexualidade se mostrou bem pertinente entre as interlocutoras. São as mães e outras figuras femininas (avó) que vem comunicando as jovens de forma mais explícita os modos de comportamento de uma garota de respeito. Segundo Parker

²⁰ Coloquei entre aspas a palavra permite-se, por compreender que essa permissão não está livre do controle e da vigília. Permite que comece a namorar, mas não permite a realização da prática sexual.

²¹ A interlocutora em vários momentos das conversas informais utilizou a palavra namorar como sinônimo do momento em que ela e o parceiro tinham intimidades.

(1991) durante os primeiros anos da infância, meninos e meninas são cuidados preferencialmente por mulheres, até que a partir dos sete anos, os meninos começam a circular pelo universo masculino, sendo apresentado pelos homens os valores e morais de virilidade e masculinidade. Já as meninas permanecem na companhia das figuras femininas e estas junto com a rede de circulação da criança vão instruindo acerca dos padrões de gênero. No entanto, mães e pais também foram socializados sexualmente segundo o mesmo padrão e reproduzem com seus filhos e filhas o que lhes foi ensinado.

Já os namoros declarados não significam que estão livres dos embates, eles acontecem quando sabem que a jovem namora, e o controle e a vigilância aumentam na intenção de evitar que a jovem perca a virgindade ou engravide do namorado, a exemplo do caso de Raquele (28), em que o namoro era declarado e não recebia o apoio do pai, e no caso de Roberta (31), em que a avó passou a controlar o namoro da jovem após tomar conhecimento que a neta estava namorando.

Maria (26), a interlocutora que dá seu primeiro beijo aos 15 anos, tem seu primeiro namorado entre os 16 e 17 anos e sua primeira relação sexual aos 20 anos. Mantém escondido da família o namoro com o rapaz que conheceu durante a faculdade e que perdeu a virgindade com ele. Ela relata que iniciou o namoro porque se sentiu atraída pelo rapaz, mas não era apaixonada por ele e manteve o relacionamento por carência. Observa-se que a relação carência e atração é o que leva Maria (26) ter a primeira relação sexual.

O fato de ser preciso esconder da família que namora, para manter em segredo a realização da prática sexual, é praticada como estratégia para sofrer menos vigilância e diminuir os conflitos familiares. Quando se declara o namoro para família, a jovem está ciente das proibições que virão, por consequência do namoro, pois ela não goza da mesma liberdade que o rapaz.

5.4 A primeira vez a gente nunca esquece?

Neste tópico, a respeito do lugar da primeira relação sexual na vida das interlocutoras, destacam-se a idade com que tiveram a primeira vez e o tipo de relacionamento da jovem, com o objetivo de discutir qual a faixa etária que as jovens “perderam a virgindade” e em qual tipo de relacionamento se encontravam (namoro, casamento) (ver Tabela 7 abaixo).

Tabela 7 - Caracterização da idade e o tipo de parceiro da primeira vez das adultas jovens

INTERLOCUTORAS	IDADE DA 1º VEZ	PARCEIRO
Maria (26)	20	Namorado
Ana (31)	17	Namorado
Bianca (33)	14	Namorado
Lilian (31)	15	Namorado
Raquele (28)	15	Namorado
Cristina (31)	16	Namorado
Roberta (31)	17	Namorado
Rose (31)	17	Namorado

Fonte: Formatação da autora

De acordo com a Tabela 7, a faixa etária que as jovens tiveram a primeira relação sexual foi entre 14 e 20 anos de idade. Três delas tiveram com 17 anos, duas com 15 anos, uma com 20, uma com 16 e outra com 14 anos de idade. Com todas as interlocutoras as relações sexuais aconteceram com o namorado. O Quadro 10 é composto das perguntas e as respostas dadas pelas interlocutoras sobre a primeira relação sexual.

Quadro 10 - Quadro de perguntas e respostas sobre a primeira vez das adultas jovens

INTERLOCUTORAS	PERGUNTAS	RESPOSTAS
Maria (26)	Anna: Como foi sua primeira vez?	Aconteceu quando já estava na faculdade, namorei com ele por um ano e ninguém soube da minha família.
	Anna: Porque namorasse escondido?	Não tinha interesse em namorar com ele, não gostava muito dele. Eu, nem esperava que pudesse ser com ele, eu nem pensava nisso, simplesmente aconteceu.
	Anna: Mas vocês tinham intimidades?	Tinha sim, aconteceu naturalmente.
	Anna: E porque aconteceu?	Por carência.
Ana (31)	Anna: Como foi sua primeira vez?	Inesquecível. Foi no meu quarto, com direito a som, música romântica. Ele me pegou no colo, tudo lindo, tudo maravilhoso.
Bianca (33)	Anna: Como foi sua primeira vez?	Foi bom. Mas tive medo que minha mãe descobrisse.

Lilian (31)	Anna: Como foi sua primeira vez?	Foi meu presente de 15 anos. Falei com ele de manhã que eu decidi e depois a gente foi pro motel.
Raquele (28)	Anna: Como foi sua primeira vez?	Ele sempre tentava ter alguma coisa. Mas só depois de conversar é que fui mulher dele(...) A gente conversava sobre se descobrissem, se ele me assumiria.
Cristina (31)	Anna: Como foi sua primeira vez?	Não gostei da experiência. Senti muita dor, foi diferente do que pensava. Achei que não ia sentir dor.
Roberta (31)	Anna: Como foi sua primeira vez?	Olha, foi depois da gente ter muitos sarros e amassos, mas demorou três anos para ter relação com ele (...). Foi assim, na praia, decidi lá, na hora da relação.
Rose (31)	Anna: Como foi sua primeira vez?	Foi bom, demorei cinco anos para ter a relação e fiquei grávida na primeira.

Fonte: Formatação da autora

Maria (26) é uma mulher muito tímida e reservada, teve seu primeiro namorado entre os 16 e 17 anos, a relação durou um ano e meio e acabou porque ele a traiu e o considerava muito machista. A interlocutora e o rapaz são nativos da região, criados na mesma comunidade, ambos receberam as instruções de como deve se comportar um rapaz e uma moça, segundo os padrões de gênero. Com seu segundo namorado, Maria (26) teve a primeira relação sexual, revelando que foi por carência que ela transou com ele. Ao falar da relação com o segundo namorado, revela: “não tinha interesse em namorar com ele, não gostava muito dele”. Esse tipo de atitude demonstra uma certa autonomia frente a ter que estar apaixonada para acontecer a primeira vez. Compreende-se que esta interlocutora rompeu na sua trajetória sexual a associação entre amor e sexo, para que uma mulher possa ter a primeira transa. Outras possibilidades de sentimentos, vontades e desejos podem estar presentes para se ter uma relação sexual, podendo acontecer mediante apenas, tesão e sexo, atração e sexo, desejo e sexo ou carência e sexo, como justifica a interlocutora “por carência”.

Observa-se que este relacionamento é desconhecido por sua família, o fato de não estar apaixonada pelo rapaz e manter o namoro apenas pela atração física sentida por ele, não justifica perder a “liberdade”, que já é vigiada, por um relacionamento no qual não há investimentos por

parte da jovem. Utilizou-se o conceito de roteiro intrapsíquico de Gagnon (2006) pois este compreende um diálogo ente as expectativas culturais e sociais do comportamento e os próprios desejos. Compreende-se que o diálogo que ela mantém se apoia nas expectativas sociais do comportamento de uma jovem no contexto em que vive e seus próprios desejos, utilizando o namoro escondido como estratégia para escapar do controle da sexualidade por parte da família e comunidade.

Assim, ela se envolve com um rapaz durante seu curso universitário no qual ela não se apaixona por ele, refere que o que chamou a atenção foi a beleza dele, mas o sentimento dela por ele não ultrapassa os limites da atração física. Não o apresenta à família para não haver controle sobre sua liberdade, tem relações sexuais com ele livre de qualquer questionamento de estar apaixonada e termina o relacionamento, segundo registros de diário de campo, quando o relacionamento não está dando mais certo.

Já Ana (31) apresenta muito mais a cena da primeira relação sexual do que propriamente os sentimentos devotados ao rapaz com quem teve sua primeira transa. Ana relatou na entrevista o envolvimento com várias pessoas, entre meninos e meninas, contando que queria experimentar tudo. Afirmou que tinha um coração grande e que por isso se envolveu com muitas pessoas. Para Ana, a paixão não era essencial para o relacionamento afetivo-sexual, a presença da atração física, o desejo e o tesão bastavam para um envolvimento mais íntimo.

Bianca (33) relata que durante sua primeira vez sentiu “medo” que a mãe descobrisse que não era mais virgem. A presença do medo durante este momento justifica-se pelo fato de na comunidade de Gaibu há a possibilidade de a jovem sair de casa indo morar com o namorado na casa da sogra (esta geralmente acolhe a nora), e mesmo sabendo desta possibilidade, de sair de casa e se unir a alguém ainda na adolescência, a jovem tem relações sexuais. Compreende-se que o controle acontece de diversas maneiras, para que a adolescente não inicie sexualmente, devendo esperar até o casamento. No entanto, o que observamos foi que as jovens burlam as regras e se entregam aos próprios desejos e vontades. Bianca transou aos 14 anos de idade, isto é, teve sua primeira relação sexual antes mesmo de ter a “idade certa” para começar a namorar.

Já Raquele (28), Roberta (31), Rose (31), Cristina (31), Lilian (31) e Ana (31), tiveram suas primeiras relações sexuais após a idade de 15 anos, conhecida na comunidade como a idade em que os pais geralmente autorizam o namoro.

No caso de Raquele (28), a interlocutora declara: “Ele sempre tentava ter alguma coisa. Mas só depois de conversar é que fui mulher dele (...) a gente conversava sobre se descobrissem, se ele me assumiria.”. Conversar, para Raquele, compreende o fato de saber se o namorado a assumiria se fosse expulsa de casa por ter tido relações sexuais.

Na mesma direção, Roberta (31) e Rose (31), apresentam respectivamente: “demorou três anos para ter relação com ele” e “demorei cinco anos para ter a relação”. A partir destas falas e conforme a tabela 7 (Caracterização da idade e o tipo de parceiro da primeira vez das adultas jovens), as interlocutoras tiveram a primeira relação sexual aos 17 anos, “idade certa” para que uma jovem inicie sexualmente, conforme Shuñá, Rodrigues e Benevides (2015), declarou ser a ideia que os/as jovens da pesquisa acreditam que deve acontecer. Ou seja, estas interlocutoras tiveram a primeira relação sexual, conforme expectativas da própria juventude.

5.5 Emoções e sentimentos: tesão, paixão e amor

No eixo como pensa o prazer sexual, uma das interlocutoras traz o sentimento paixão para dar sentido ao que pensa sobre o prazer sexual. Sendo este sentimento o alimento para as relações sexuais atuais assim como também para o prazer que sente durante as relações. Diferentemente do seu relacionamento anterior cujo motivo relatado para que acontecesse a primeira experiência foi a carência.

Por outro lado, o sentimento paixão também aparece para dar sentido às práticas afetivo-sexuais, no qual sem a presença deste sentimento não há razão para algumas interlocutoras em relacionar-se. Sendo este sentimento o motivo para ter as relações sexuais e a presença do prazer durante a transa. Já o amor como um sentimento, aparece sob dois sentidos; o primeiro a partir da ideia do amor romântico, e o segundo atrelado a aventura.

Quadro 11 - Quadro de perguntas e resposta sobre as relações afetivos sexuais

INTERLOCUTORAS	PERGUNTAS	RESPOSTAS
Maria (26)	Anna: Maria, você disse que sua primeira relação sexual aconteceu por carência né?	É.
	Anna: Mas com esse seu namorado de agora é diferente?	É. Agora tem paixão.
	Anna: Então com esse o momento da relação é melhor e o que você sente durante também?	Sim. Porque quando você tá apaixonada, essas coisas é melhor né?
Ana (31)	Você já me disse que depois que deu seu primeiro beijo não parou mais. Disse que viu que é bom e quis experimentar outras bocas e	Ah, sempre fui muito fogosa. Eu ficava com meus namorados na escada do meu prédio e tudo acontecia por causa de

	tudo mais. Pode falar mais sobre isso?	muito fogo. Namorar, beijar, sarrar é bom demais! Eu digo que minha filha foi feita na escada.
Bianca (33)	Anna: Bianca o que você pode me dizer sobre prazer sexual?	O melhor momento é o que eu vivo agora. Sou muito apaixonada.
Lilian (31)	Anna: o que você pode me dizer sobre prazer sexual?	Bom demais.
Raquele (28)		Conheceu seu marido com quatorze anos, disse que quando deu de cara com ele na casa da vizinha, foi amor à primeira vista e se apaixonou até hoje.
Cristina (31)		O último namorado, seu marido hoje é o pai de seus três meninos. Ela resumiu sua história atual como uma aventura/ um amor/uma cabana.

Fonte: Formatação da autora

No que diz respeito sobre a presença do tesão como combustível para o relacionamento, a interlocutora Ana (31) traz em sua fala a presença desta emoção como fonte motivadora para realização das relações sexuais, relatando que era em sua adolescência muito fogosa e a escada do seu prédio era o lugar específico em que acontecia as transas, “eu ficava com meus namorados na escada do meu prédio e tudo acontecia por causa de muito fogo”.

A fala da interlocutora aponta para uma direção que vai de contramão ao que se espera de como uma jovem deve iniciar sua carreira sexual. Isto é, em primeiro lugar não se espera que uma adolescente inicie uma carreira sexual e em segundo lugar que a motivação pessoal seja relatada pela presença do tesão. No caso em questão a fala da interlocutora “tudo acontecia por causa de muito fogo”, o fogo relatado traduz-se como tesão. Desse modo, Ana (31) é uma interlocutora que não se “comporta” de forma “recatada”, e suas atitudes superam a dupla moral sexual, quando destaca não só as razões pela qual transava com o namorado, mas também pelo fato de ter tido muitas parcerias.

No entanto, a fala de Ana (31), utiliza metáforas para descrever o prazer sexual: “é muito fogo”. Para Richard Parker (1991) o fogo atua como uma linguagem do desejo. Mas, para o autor o tesão é o sabor que configura as relações estando para além de um detrimento puramente biológico. Para Parker, a expressão tesão,

Embora seja mais comum que qualquer outro termo no uso popular, *tesão* participa de um amplo espectro de significados. Na verdade, tanto expande como especifica seus referenciais. Pode ao mesmo tempo referir-se a desejo, a tipos diferentes excitação, sexual ou não, como ao estado de prontidão sexual (PARKER, 1991, p.165).

No caso em questão, Ana (31) é uma exceção neste grupo de interlocutoras, seu roteiro sexual é construído na interação social cotidiana, negocia com padrões institucionalizados de comportamento, mas busca dar evasão aos próprios desejos e fantasias. A interlocutora se permite fazer escolhas pessoais que não correspondem ao padrão heteronormativo. Ser fogosa, levar os namorados para a escada é uma atitude que diz respeito a estar comprometida com o próprio prazer e buscá-lo nas relações sexuais.

Já a fala da interlocutora Maria (26), aparece a paixão como elemento crucial para que as relações sexuais sejam mais prazerosas, “Porque quando você tá apaixonada, essas coisas é melhor né?”. Já pontuamos (visto no tópico acima), que Maria manteve relações sexuais sem estar apaixonada, sendo a motivação para que acontecesse fosse a atração física e a carência, demonstrado autonomia e independência do binarismo sex/paixão. No entanto, o relacionamento atual é temperado pela paixão. Sendo este o combustível para que as relações sexuais sejam prazerosas, “Porque quando você tá apaixonada essas coisas é melhor né?”.

Observa-se que com esse namorado os *scripts* sexuais (GAGNON, 2006) da interlocutora segue a uma roteirização diferente do namorado anterior, ou seja, nesta relação os padrões instituídos da relação paixão/prazer estão presentes no seu cotidiano. Porém, também se percebe que a paixão não era condição *sine qua non* para que a interlocutora não realizasse a relação sexual no passado, outras motivações estavam presentes como no caso a atração física e carência a levou a manter relações sexuais com o namorado, porém não relatou satisfação nas relações.

No caso de Lilian (31), que apenas refere “bom demais”, busca-se em sua biografia justificativas para esta resposta. A interlocutora refere que após o término do primeiro namoro, relacionou-se com uma média de dez rapazes, seja ficar ou namorar, e que a prática das relações sexuais independia do tipo de relacionamento, ou seja, por paixão ou *tesão* ela mantinha relações sexuais, “rolar uma química” já era o suficiente.

Desse modo, encontra-se neste grupo de interlocutoras, mulheres que experienciaram viver relacionamentos sem a presença da paixão, vivenciando relações sexuais por atração física, *tesão* e desejo. Considera-se um avanço para essas mulheres, uma vez que vivem em um contexto onde, a dupla moral sexual é vivenciada desde a socialização sexual, no qual há uma “idade certa” para tudo, (para namorar e transar) e no caso das jovens a obrigatoriedade do

casamento quando não são mais virgens. Ou seja, as jovens devem ter atitudes de “recato”, que a capitalizem como “moças direitas, moças de família”. Posto isso, Lilian (31) e Ana (31), tiveram experiências sexuais a seu modo, rompendo com a desigualdade que vivem as mulheres no campo da sexualidade.

Assim, observa-se que entre as interlocutoras os sentimentos que circulam seus relacionamentos é a paixão e o tesão. Sendo que, quando se privilegia a paixão como o caminho que possibilita o prazer sexual, a relação sexual torna-se mais prazerosa de um modo geral e quando a paixão é ausente, não inviabiliza as mesmas relações sexuais. No caso do tesão, quando a jovem narra que se relaciona sexualmente porque havia muito fogo, a paixão não precisa se fazer presente para que haja prazer sexual.

Já Bianca (33) é uma das interlocutoras que traz o relacionamento atual para falar dos seus sentimentos e emoções quanto ao prazer sexual, afirmando estar apaixonada e que vive o melhor momento da vida “O melhor momento é o que eu vivo agora. Sou muito apaixonada”. De acordo com a biografia desta interlocutora, havia paixão em seus dois relacionamentos anteriores. Seja no primeiro namorado com quem houve a primeira vez, e o segundo relacionamento com um trabalhador migrante temporário de Suape/PE, com quem foi morar no interior do Rio Grande do Sul e agora com o relacionamento atual que também foi trabalhador de Suape/PE, torna possível compreender que, para ela, houve apenas a experiência das relações sexuais com a presença da paixão. Não sendo possível afirmar que sem paixão as relações sexuais também seriam prazerosas.

Bianca (33), é uma das interlocutoras que, em sua carreira sexual, há relacionamentos com os trabalhadores das grandes obras. De acordo com a dissertação de mestrado de Sirley Silva (2013), defendida no Programa de Pós-graduação em Antropologia, apresentando uma relação entre risco, trabalho e sexualidade no cotidiano dos trabalhadores, observou que os “homens da firma” ou “baianos”, como também eram chamados, tinham alguns tipos de vinculação com as mulheres locais. Havia “vínculos temporários”, em que a relação poderia acontecer por dias, semanas e meses. Este tipo de vinculação poderia se tornar permanente, no caso de gravidez, porém a vinculação seria permanente pela existência de uma criança, sem ter necessariamente que existir união com a mãe da criança. Havia também os “vínculos de serviço”, que acontecia com as prostitutas locais, caracterizado por uma prestação de serviço delas. Mas, que havia também trabalhadores que namoraram e chegaram a ficar noivos de mulheres locais, “vínculos permanentes”.

Outras duas interlocutoras que referem ter tido relações com os “homens da firma”, sendo relações com “vínculos permanentes”. Lilian (31) relatou ter ido morar, a convite, no

estado de origem do companheiro (Bahia), permanecendo lá por dois anos. No momento da entrevista, relatou estar voltando a morar na Bahia, mas com outro dos homens que trabalhou em Suape/PE. Rose (31), que é casada com um homem que também trabalhou em Suape/PE, tiveram um filho e este decidiu ficar na região depois que as obras terminaram.

Voltando à questão do prazer sexual, Raquele (28) é uma das interlocutoras que faz referência ao amor, para falar do sentimento existente no único relacionamento que teve. Ao referir como conheceu seu marido, afirmou que ao vê-lo pela primeira vez se interessou por ele, e sendo correspondida pelo rapaz começaram os primeiros contatos que no futuro veio a culminar na união estável. O fato desta interlocutora ter o seu marido como único homem que se relacionou em sua vida, e pela forma como se deu o primeiro encontro entre os dois, a ideia de amor à primeira vista aparece para a interlocutora da seguinte forma: “quando deu de cara com ele na casa da vizinha foi amor à primeira vista e se apaixonou até hoje”, faz sentido para ela denominar como amor à primeira vista.

Apoiamo-nos em Giddens (1993) para compreender o sentido de amor romântico, nesta relação. A atração instantânea, isto é, a atitude de ambos se olharem é uma atitude comunicativa, uma percepção das qualidades do outro. Quando a jovem diz que: “quando deu de cara com ele na casa da vizinha”, iniciou, assim, um processo de atração por alguém que tem a possibilidade para a pessoa que sente a atração de que esse alguém pode tornar sua vida completa. Para este autor o amor romântico é o lugar da paixão, que a arrebatou na adolescência e a acompanha na vida adulta devendo ser, para ela, eterno.

No caso de Raquele (28) o amor à primeira vista revela logo no primeiro contato o lugar do príncipe que tende a transformar-se em marido e assim integrar a mulher ao lar e na relação com filhos, pois o amor romântico quando do seu surgimento proclamava a mulher a esse lugar dentro da relação casamento/maternidade, sendo o casamento o desejo de todas as mulheres e a ideia de que seria para sempre.

Já Cristina (31) também refere ao amor quando fala do seu relacionamento atual “uma aventura/ um amor/uma cabana”. Recorre-se à biografia desta interlocutora para analisar o sentido de sua fala. Cristina conheceu seu atual companheiro, numa noite de carnaval, ela o paquera e ficam juntos na noite em que se conhecem, no dia seguinte estão namorando e no terceiro dia ela vai morar com ele numa barraca de *camping* e permanecem assim até quando ela engravida. Ou seja, o amor acontece numa relação em que a precocidade da união poderia ser desfavorável para a permanência do relacionamento. No entanto, o fato é que para Cristina seu relacionamento que começou como uma aventura em uma barraca de *camping*, tornou-se em amor até os dias atuais.

Observa-se uma ideia de amor romântico que surgiu no século XVIII e perdura até os dias de hoje. O sentimento que arrebatava o coração. Giddens (1993) afirma que a criação do amor romântico se deu por um conjunto de influências que surgiram no final do século XVIII, qual seja: a criação do lar, as alterações na relação pais e filhos e a “invenção da maternidade”, que em se tratando das mulheres, esse conjunto de influências estão bem integradas.

5.6 Contracepção

No eixo noções e o exercício da contracepção e prevenção das DST's houve diferenças e semelhanças nas respostas das mulheres quanto a noção sobre o método da contracepção, assim como a forma que praticou a própria contracepção. Houve também um caso de exceção sobre o uso frequente da camisinha nas relações sexuais. Para uma melhor visualização das falas, ver quadro 12 abaixo para facilitar a fluidez da leitura.

Quadro 12 - Quadro de perguntas e respostas sobre contracepção das adultas jovens

INTERLOCUTORA	PERGUNTAS	RESPOSTAS
Maria (26)	Anna: você pode dizer se você se previne da gravidez ou de alguma doença sexualmente transmissível?	Na minha primeira vez eu usei camisinha, mas foi porque ele tomou iniciativa, aí depois continuei usando camisinha.
	Anna: você chegou alguma vez a procurar um profissional de saúde?	Sim. Até procurei uma ginecologista, mas não me dei bem com o anticoncepcional e continuei com a camisinha.
	Anna: E com teu atual? Como?	Com ele uso camisinha.
	Anna: Já deixou de usar alguma vez?	Sim. Ele insiste mais em usar do que eu. Eu nunca comprei, só ele que compra.
Ana (31)	Anna: você pode dizer se você se previne da gravidez ou de alguma doença sexualmente transmissível?	Já usei camisinha algumas vezes.
	Anna: mais alguma coisa?	Já tomei injeção também.
Bianca (33)	Anna: você pode dizer se você se previne da gravidez ou de	Quando eu era nova eu não sabia usar o

	alguma doença sexualmente transmissível?	anticoncepcional não, eu achava que era para tomar só quando tivesse relação, aí eu engravidei. E depois engravidei de novo tomando injeção. Agora sou laqueada.
Lilian (31)	Anna: você pode dizer se você se previne da gravidez ou de alguma doença sexualmente transmissível?	Ah, eu usei camisinha na primeira vez e uso até hoje.
	Anna: e se não tiver camisinha na hora?	Aí não faço não.
Raquela (28)	Anna: você pode dizer se você se previne da gravidez ou de alguma doença sexualmente transmissível?	Eu nunca me preveni. Passei quatro anos para engravidar, a gente queria ter um filho. Depois usei algumas vezes.
	E agora, como tá?	Agora a gente tá tentando engravidar de novo e depois fazer a ligação.
Cristina (31)	Anna: você pode dizer se você se previne da gravidez ou de alguma doença sexualmente transmissível?	Na primeira vez não usei nada de camisinha. Vim tomar anticoncepcional depois.
	Anna: Fosse no médico?	Não. Da minha cabeça mesmo. Aí quando quis engravidar eu parei. Fiquei grávida, depois engravidei de novo tomando injeção e agora tô tentando conseguir a ligação.
Roberta (31)	Anna: você pode dizer se você se previne da gravidez ou de alguma doença sexualmente transmissível?	Nunca usei nada não.
	Anna: mas tu sabia que podia engravidar?	Sabia.
	Anna: nunca procurasse ir no médico?	Eu não. Eu conversava com minha prima que era casada e só.

Fonte: Formatação da autora

Observa-se no quadro acima extratos de falas das interlocutoras sobre o uso de métodos contraceptivos. Detendo-nos ao uso de anticoncepcionais para evitar gravidez, Maria (26), Ana (31), Bianca (33) e Cristina (31), cada uma relata sua experiência e nos revelam uma certa ocasionalidade, vejamos: Maria diz que “não me dei bem com o anticoncepcional e continuei

com a camisinha”; Ana “tomou” injeção; Bianca fazia uso errado do anticoncepcional, e Cristina fez uso por conta própria.

Sobre o uso do anticoncepcional injetável, Ana (31), Bianca (33) e Cristina (31) revelaram que já fizeram uso desse método contraceptivo. Ana não fez uso sistemático. Bianca e Cristina falaram que engravidaram usando anticoncepcional. Nessa questão, especialmente no que concerne às duas últimas interlocutoras, é necessário destacar dois pontos: o primeiro deles são as informações a respeito do uso do anticoncepcional injetável aconteceram em um período pós-adolescência, e ambas já tinham tido uma gravidez na adolescência, engravidando, portanto, do segundo filho(a). E, a segunda questão é o conhecimento de ambas sobre o uso correto de métodos contraceptivos. Bianca diz que “achava que era para tomar [anticoncepcional] só quando tivesse relação, aí eu engravidei”, e Cristina revela que as informações que tinha foram fruto da sua “própria cabeça” quando questionada sobre prevenção e doenças.

Quando se escreve informação certa sobre método anticoncepcional, diz-se que essa informação deve ser orientada por um profissional de saúde. Elas não tiveram informação correta sobre o método do uso do anticoncepcional e qual seria o mais adequado para seu corpo e sua rotina, especialmente, no caso de Cristina. Porém, a ausência de informações não fica apenas restritas às dificuldades que as jovens das classes populares têm em ter acesso a informação profissional, e que isso se dá devido a regulação do corpo da mulher e principalmente se for jovem (QUADROS; ADRIÃO; XAVIER, 2011; XAVIER, 2011; 2016). Mas, sobretudo, pela dupla moral sexual, que dificulta essas jovens frequentarem serviços de saúde para adquirirem informações sobre planejamento familiar sem serem notadas pela comunidade. Vimos, em tópico anterior, o quanto essas jovens tiveram que esconder o namoro para evitarem maiores repressões em suas vidas.

Nessa direção, no caso de fazer o uso correto de um método contraceptivo (injetável ou pílula) após já ter tido uma gestação, observa-se que elas buscaram informação com profissionais de saúde. Agora, sem terem receio de serem vistas saindo de uma consulta de planejamento familiar, porque já se tornaram mães, não são mais virgens, possuem um companheiro e sentem-se mais livres para buscarem informações corretas sobre método.

No que concerne ao uso de algum método contraceptivo, falando especificamente no uso de preservativos, apenas duas interlocutoras relataram fazer uso frequente, Maria (26) e Lilian (31). Dentre elas, Lilian (31) foi a única que já na primeira relação sexual fez uso de camisinha e afirmou nunca ter relações sexuais sem o uso da mesma; “Ah, eu usei camisinha na primeira vez e uso até hoje”. Tal atitude diz respeito a uma autonomia sobre seu corpo, no

sentido de sustentar o controle do desejo em si e do outro quando a camisinha não está em cena. Isso fica mais evidente quando questionada sobre a possibilidade de não ter uma camisinha “na hora”, e ela responde que “aí não faço”.

Assim como também uma atitude de independência frente as regulações da sexualidade, na qual a cultura machista reproduz a ideia de que meninas que negam realizar o sexo sem a camisinha e só com a presença desta, atribui-se a elas a existência de uma experiência sexual longa. Assim, sobre o fato de já terem se prevenido, tanto Maria (26) quanto Lilian (31), trazem cada uma sua especificidade. Maria nos revela que o uso da camisinha constante nas relações sexuais com seus dois namorados deve-se mais a iniciativa deles do que dela; “mas foi porque ele tomou iniciativa, aí depois continuei usando camisinha”. “Ele insiste mais em usar do que eu”, deixando toda a responsabilidade da compra e uso para os namorados, como pode-se ver na seguinte fala: “Eu nunca comprei, só ele que compra”. Além disso, ela também deixa a responsabilidade para ele o fato de mesmo sem a camisinha na cena terem as relações sexuais. No caso de Lilian (31), ela assume a responsabilidade pela presença da camisinha durante a cena sexual, negando ter a relação sexual caso o parceiro rejeite usá-la; “aí eu não faço”.

Observa-se em Maria (26) e Lilian (31) um roteiro dos *scripts* sexuais que possibilita menos embate com o cenário cultural local. Dito em outras palavras, elas não precisam se expor ou correr o risco ao ter que buscar informação em algum equipamento de saúde para evitar a gravidez pelo uso do método contraceptivo. No caso de Maria, os namorados tinham a iniciativa de colocar a camisinha na cena sexual liberando-a do risco da exposição na comunidade, enquanto Lilian exigia o uso da camisinha pelo parceiro.

Um dado interessante a respeito do uso da camisinha é que a grande maioria das interlocutoras não fazem ou nunca fizeram uso. Raquele (28) e Roberta (31), revelam isso sobre a prevenção, respectivamente: “eu nunca me preveni” e “eu nunca usei nada”. Ambas não tiveram acesso a informação, escondiam da família e da vizinhança que tinham relações sexuais com seus namorados, e isso implica em não se expor em algum equipamento de saúde, a busca por informações sobre planejamento familiar.

No caso de Raquele (28), esta relatou ter poucas amizades e que toda e qualquer informação sobre este tema concentrava-se entre ela e o namorado. Porém, havia no casal o desejo de engravidar e a reprodução simbolizava a ratificação do laço de amor existente entre ambos. No momento da entrevista a interlocutora afirmou que estão tentando engravidar novamente, repetindo a história da primeira gravidez.

A rede de conhecimento ou a rede de contatos e conversas sobre assuntos de ordem da sexualidade, no que se refere a Raquele (28) fica entre ela e o namorado, enquanto para Roberta

(31) o diálogo se dá através da prima, uma vez que esta já era casada. As informações sobre a sexualidade ficam mais “seguras” ao trocar ideias com alguém da sua rede do que um profissional de saúde, pelo fato de não se exporem publicamente. A única exceção, continua sendo a Maria, que afirma ter procurado uma ginecologista.

Desse modo, sobre o fato de ter havido interlocutoras que relataram nunca ter se prevenido, tal fato, diz respeito a seus *scripts* sexuais estarem relacionado a um roteiro em que o cenário cultural local ditava a norma de como deve ser o comportamento afetivo sexual. Observa-se que através da necessidade de esconder a vida sexual ativa até que o segredo fosse revelado e para escapar desse cenário cultural machista, mesmo sabendo do risco de uma gravidez, ambas se lançavam a esse risco pela impossibilidade de buscar informação em algum equipamento de saúde, já que outras instâncias de informação haviam falhado, como exemplo a escola.

Dessa forma, observa-se que as noções e exercícios da contracepção e prevenção das DST's, de um modo geral, as interlocutoras nos revelaram através de suas falas como se preveniram durante a adolescência. Fica claro que elas demonstraram que há uma prevenção precária ou inexistente, muito em função da regulação dos corpos das jovens naquele momento da vida, especialmente, marcada pela dupla moral sexual. E quando houve a presença da prevenção essa é marcada especialmente pela camisinha, e não por outros métodos.

5.7 Do que elas falam sobre carreira sexual: discussão analítica

A discussão a seguir buscará uma melhor compreensão dos *scripts* sexuais das interlocutoras, considerando a vivência da sexualidade o período da adolescência neste território. E, para isso, a discussão está pautada no debate feminista pós-estrutural (BUTLER, 2004; HARAWAY, 1995), para falar sobre as questões de gênero, e da teoria dos roteiros sexuais (PARKER, 1991), que nos ajudará a compreender como foram construídas as práticas afetivo-sexuais das interlocutoras.

Sobre o relacionamento das interlocutoras com trabalhadores migrantes temporários, das oito entrevistadas, apenas uma teve relacionamento durante a adolescência, com trabalhador migrante, Lilian (31) aos 19 anos, o relacionamento durou três anos, sendo os dois últimos anos de convivência, em regime de união estável, onde morou com ele na Bahia. As outras duas interlocutoras Bianca (33) e Rose (31), começaram a relação já na fase adulta.

Como nosso foco é durante a adolescência, focamos mais nesta fase da vida para entendermos a carreira sexual das interlocutoras. Desse modo, as interlocutoras adultas jovens,

no exercício da sexualidade durante a adolescência, apresentaram como espaços privilegiados para o exercício da sexualidade, considerando paquerar, ficar e namorar, lugares como a escola, a rua e a praia. Sendo a própria casa, o motel e também a praia, espaços mais frequentados para os momentos da transa. A própria Lilian (31) conheceu o trabalhador migrante temporário no espaço da rua, pois havia perto da casa dela um ponto de encontro de jovens, que costumavam estar ali desde o período da tarde até à noite, e lá eles se conheciam, paqueravam e ficavam.

É neste circuito integrado (HARAWAY, 1991) que as adultas jovens na adolescência mais transitavam, favorecendo se relacionar com os rapazes. No entanto, é neste circuito que as mulheres acreditavam estarem livres do controle familiar e, desse modo, as paqueras e os beijos aconteciam. Em espaços longe dos olhares da família, iniciavam a sexualidade, que por algum tempo permanecia escondido o fato que já estavam namorando.

As falas de Rose (31) retratam a situação do namoro escondido, “namorei escondido até quando pude”, assim com Roberta (31) “Namorei escondido até quando ele foi lá em casa e pediu para namorar”. Essas narrativas declaram que é no trânsito deste circuito (escola, rua e praia), que as mulheres mantinham seus relacionamentos escondidos durante a adolescência, para que longe da vigilância familiar e comunitária gozassem de uma liberdade, ainda que não fosse plena.

Tal fato acontecia porque as interlocutoras iniciavam o namoro, antes da “idade certa” para uma adolescente começar a namorar, então escondiam porque eram proibidas. E eram proibidas porque a socialização sexual acontece através da reprodução da dupla moral sexual. Não se faz referência à “idade certa” para um rapaz começar a namorar, aliás, quanto mais cedo melhor, para demonstrar socialmente a masculinidade e virilidade. Já as adolescentes precisam ser recatadas e ter menos experiências sexuais.

No entanto, quando o relacionamento era declarado, aumentavam o controle familiar, como refere Ana (31), “Minha mãe ficava muito em cima, sabia que eu era muito namoradeira e fogosa”, e Roberta (31) “Depois vovó começou a proibir e reclamar, mas não teve jeito não, engravidei dele mesmo”. O que estas falas demonstram é que o relacionamento afetivo quando declarado deve ser vigiado para que a adolescente não perca a virgindade e não engravide. Essa desigualdade das relações de gênero culminou para algumas interlocutoras na gravidez na adolescência, pois, transando com o namorado e sem acesso a orientação sobre planejamento familiar em um serviço de saúde, a gravidez acontecia.

De acordo com Gayle Rubin (1998), no campo da sexualidade, assim como em qualquer atividade humana há modos de opressão. E num espaço e tempo, os conflitos surgem devido aos diferentes interesses. Neste caso, traz-se de um lado as jovens buscando vivenciar as novas

experiências afetivo-sexuais e do outro a família regulando seus corpos, interesses opostos. E a opressão se dá pelo tratamento desigual entre rapazes e moças no campo da sexualidade. Os diferentes discursos em relação a sexualidade para eles e elas, hierarquizando sujeitos em relação ao gênero, por considerar unicamente o sexo biológico, faz com que a sexualidade seja um campo politizado. E, sendo assim, as interlocutoras tinham como estratégia esconder os relacionamentos, pois só o casamento as liberavam para o exercício da sexualidade. Não há negociação relativa ao campo da sexualidade e este fato continua até os dias atuais.

No entanto, o casamento na trajetória das interlocutoras tanto teve o sentido de liberação para a adolescente vivenciar a vida sexual, mas, no caso delas serviu para restaurar a honra da jovem, pois havia perdido a virgindade, como também devolve a honra à família, que não terá mais uma “perdida” entre seus membros. Pesquisas como GRAVAD (HEILBORN et al, 2006), demonstraram que nas classes populares há uma maior restrição ao diálogo sobre sexualidade entre as gerações, assim como há poucas expectativas profissionais para os/as jovens deste segmento social. Assim, na região estudada, a gravidez dessas adolescentes possibilitou a legitimação do exercício sexual, dada aos contextos de união e consequente mudanças do estado civil de ambos os jovens.

Um dado interessante é que no caso das interlocutoras que se relacionaram com os trabalhadores migrantes (Bianca, Lilian e Rose), as três possuem a experiência da união estável com eles em suas carreiras sexuais. Segundo Sirley Silva (2015, p. 131) os homens que tinham “vínculos permanentes” com as mulheres locais, isto acontecia porque “com as mulheres virtuosas, eles estabeleciam vínculos permanentes e esses se baseiam na questão de afeto e aliança”. E quem são as mulheres virtuosas? Os homens afirmaram “que a mulher virtuosa é aquela com quem o homem deve se casar” (SILVA, 2015, p.122). Neste sentido, entende-se que elas exerciam o papel esperado da mulher recatada e assim receber o rótulo de mulher virtuosa e casar.

Em nossa cultura, a sexualidade feminina é controlada pelos homens, sendo este controle exercido pelo pai e/ou outros parentes masculinos, com extensão para outros membros da família e comunidade e por outras mulheres também, como a mãe, avó e tias. É através do casamento que o controle da sexualidade feminina passa a ser exercido pelo marido.

A respeito dos roteiros sexuais vivenciados pelas interlocutoras na adolescência, observou-se que ficar, paquerar e namorar aconteceu inicialmente de forma escondida. O ficar está presente nos roteiros sexuais de duas interlocutoras apenas, Ana (31) e Lilian (31). Com relação as outras interlocutoras, Bianca (33), Raquele (28), Roberta (31) e Rose (31), não houve relatos sobre ficar com os rapazes. Em seus roteiros sexuais, há a paquera, namoro, relações

sexuais, gravidez e casamento com seus primeiros namorados. Ou seja, o ficar enquanto vivência da sexualidade é inexistente nos roteiros sexuais destas interlocutoras enquanto eram adolescentes.

Numa pesquisa realizada em âmbito nacional por Miriam Abramovay (2007), sobre juventude e sexualidade em que os sujeitos da pesquisa foram divididos em três grupos, alunos/as, pais e professores de escolas públicas do país, revelou que para os pais o ficar é desqualificado por nesta relação perder algumas características de amorosidade entre os rapazes e moças, em alguns depoimentos, ficar foi caracterizado como promiscuidade, como também, foi utilizado como código geracional.

A respeito dos roteiros sexuais das interlocutoras, estes encontram-se baseados em um envolvimento afetivo sexual com um único rapaz, que acontece em sua maioria de forma escondida. O fato de ter havido envolvimento com um único rapaz, diz respeito a eles terem se tornado o marido delas no período da adolescência, devido a gravidez.

Há também uma ineficiência dos métodos contraceptivos adotados em função da falta de acesso a informação sobre seu uso, que por sua vez as levaram à gravidez e, conseqüentemente, ao casamento para defesa da honra da jovem e da família. Esses roteiros se inscrevem na desigualdade das relações de gênero.

A presença da cultura machista na região proporcionou às mulheres um lugar de submissão no quesito da sexualidade e, por consequência, nas questões relativas aos direitos reprodutivos. O namoro às escondidas revela-se como estratégia para viver a sexualidade em função das relações desiguais de gênero, no entanto, elas acabaram engravidando.

Nos roteiros sexuais das interlocutoras Maria (26), Ana (31), Lilian (31) e Cristina (31), não há relatos de casamento com o primeiro namorado. De certo modo, essas interlocutoras através das estratégias utilizadas para esconder o namoro, oportunizaram-lhe viver outros relacionamentos e, assim, unirem-se matrimonialmente com alguém, quando desejarem.

No que diz respeito à busca do prazer sexual, as interlocutoras construíram estratégias para esconderem seus relacionamentos em função das relações desiguais de gênero, que dificulta as adolescentes exporem seus namoros. Estudos como de Denise Oliveira et al (2009), com adolescentes de ambos os sexos com idades entre 14 a 22 anos, sobre representação social da sexualidade entre adolescentes, concluíram que entre as adolescentes houve referência a busca de prazer entre as meninas, assim como a satisfação pessoal. O que nos leva a pensar que a busca pelo prazer nos relacionamentos afetivos, não são inexistentes nas vidas das adolescentes, mas dada as regulações de gênero, fruto da cultura machista encontramos

adolescentes que, em seus roteiros sexuais, tentaram burlar o controle sobre seus corpos para assim realizarem seus desejos.

De um modo geral, percebe-se que os roteiros sexuais das interlocutoras adultas jovens, foram construídos enquanto adolescentes, entre namoro escondido e namoro declarado. Em relação ao namoro escondido, dada a sua natureza de buscar menos vigilância familiar, este era vivido com mais “liberdade”. Já o namoro declarado sendo vivenciado com menos liberdade, dado o controle familiar. Porém, mesmo sob controle, as relações sexuais existiam, a gravidez tornava-se provável, dada as dificuldades de acesso a políticas públicas que se aproximem das adolescentes e as empoderem na questão de alçarem informações sobre planejamento familiar, para que o casamento não seja um instrumento de devolver a honra nem delas nem da família.

De acordo com Rios et al (2015), as obras do PAC agravaram situações de vulnerabilidade social, já presente na microrregião de Suape/PE, como aumento do uso abusivo de drogas, tráfico de drogas, exploração sexual infanto-juvenil, violência contra a mulher, aumento de casos de gravidez em todas as faixas etárias, aumento dos casos de homicídios, aumentos de casos de contaminação por HIV/AIDS.

Por outro lado, também houve para comunidade local a possibilidade de ofertar serviços na área da gastronomia (abertura de bares, restaurantes, lanchonetes e barracas de comidas típicas), hospedagem (hotéis e pousadas serviram de dormitórios para os trabalhadores migrantes temporários) e construção civil (construção de casas e reformas para atender aos novos residentes). Tal situação fez com que houvesse mais movimento para a economia local. No entanto, tal situação durou até o fim das obras do PAC e os serviços perderam seus clientes e inquilinos.

Com relação a vida das adolescentes, observa-se que pouco mudou a respeito dos direitos sexuais da mulheres, eles contribuíram com a reprodução do machismo e das relações desiguais de gênero e, conforme assinalou Silva (2013), a vinculação com elas ocorria conforme rotulações que as caracterizavam, como “mulheres virtuosas”, aquelas pelas quais tinham afeto e poderiam formar aliança, e as “mulheres interesseiras”, aquelas que só estavam atrás do dinheiro deles, e as prostitutas, com as quais tinham uma relação de prestação de serviço. Tais formas de vinculação reproduziram uma situação já existente na região, qual seja, a de caracterizar as mulheres segundo suas carreiras sexuais, no caso das interlocutoras, as adolescentes quando casavam se encaixavam na rotulação das “virtuosas”, pois sua honra tinha sido devolvida.

O fato é que as interlocutoras vivem situações de dupla moral sexual e, durante a adolescência, com a chegada dos trabalhadores migrantes temporários a situação não

modificou, devido aos tipos de vinculação entre eles e as mulheres locais. Ou seja, a hierarquização dos gêneros sendo reproduzida, pela via da sexualidade, pois sobre as mulheres recaíram classificações de valor de acordo com suas carreiras sexuais.

6 MULHERES DE GAIBU

Neste capítulo traremos uma discussão acerca dos dois grupos de mulheres pesquisadas, as jovens e as adultas jovens, analisando como ocorreram as construções das sexualidades no contexto onde residem, assim como criaram estratégias para viverem sob menos vigilância familiar uma vez que as relações desiguais de gênero as limitavam iniciarem-se sexualmente. Do mesmo modo, traremos um olhar sobre como as mudanças ocorridas na população local devido a chegada dos trabalhadores migrantes temporários, das obras do PAC, tiveram relação com a permanência da dupla moral sexual.

Neste momento, é importante lembrar ao leitor/a que o acesso às interlocutoras aconteceu por vias diferentes, ou seja, as jovens foram acessadas a partir de um curso de mídia audiovisual e as adultas jovens a partir dos nossos contatos profissionais.

Em relação ao contexto de grandes obras com foco na microrregião de Suape/PE, Rios et al (2015), descreve bem os impactos que o PAC trouxe para a população local, as interações sociais entre a comunidade local e os novos residentes, como também as vulnerabilidades dos moradores relativas a saúde e as questões ligadas a direitos sexuais e direitos reprodutivos da população envolvida.

No entanto, na obra supracitada, observações acerca da sexualidade dos/as jovens são destacadas por Shuña e Adrião (2015), que entre outros artigos nos ajudam a compreender a existência de uma construção da sexualidade, cuja dupla moral sexual se faz presente nas narrativas dos/as jovens, hierarquizando os gêneros quanto as possibilidades de agir e ser - como exemplo trazemos questões de valores relacionados ao uso de álcool e iniciação sexual - são diferentes para rapazes e moças.

Apesar de que na presente pesquisa temos objetivos diferentes, observamos que no campo da sexualidade as interlocutoras reproduzem as relações desiguais de gênero, ao mesmo tempo que buscam negociar a dupla moral sexual.

Para Gagnon (2006, p. 265), “a sexualidade é mais do que um comportamento individual, e o que acontece na arena sexual de qualquer sociedade é consequência da cultura e da estrutura de oportunidades sexuais e não sexuais existentes antes de qualquer indivíduo”. Desse modo, a cultura machista ainda fortemente arraigada no modo como se estrutura as relações afetivo-sexuais das jovens, constroem carreiras sexuais na qual estão presente tanto a reprodução das relações desiguais de gênero, como as tentativas de romper o padrão heteronormativo. Nesse sentido, nas trajetórias de vida das interlocutoras, elas aprendem a lidar com o artefato cultural ativo nas práticas sexuais e isto influencia em seus modos de existir e

atuar como sujeitos sexuais.

6.1 Sobre a adolescência

Como sujeitos sexuais, as narrativas nos dois grupos (adultas e jovens), refletem modos de pensar sobre a adolescência que se aproximam. Observamos que nos dois grupos foram evidenciadas categorias em comum, como: estudo, trabalho, diversão, liberdade, drogas e gravidez a respeito do que pensam sobre a adolescência. Partiremos das narrativas da relação adolescência e uso de drogas, para compreendermos o que elas pensam sobre esta relação.

Em primeira mão, observamos que as narrativas das interlocutoras apresentam a reprodução do discurso hegemônico ao articular adolescência a drogas, no qual as generalizações se fazem presentes. Lua (17) traz: “Período que pode ser desvalorizado por causa de uns que fazem coisas erradas, drogas e gravidez”. E Bianca (33): “Período perigoso para não entrar nas drogas (...) tanto os rapazes e as moças de hoje em dia, aqui em Gaibu, precisam de mais ocupação, fazer um curso, para não acabar indo para o mundo das drogas”.

As visões das duas interlocutoras acima descritas sobre a relação adolescência com as drogas partem do contexto que foi produzido pela mídia a partir da chegada dos migrantes trabalhadores das obras do PAC. Os discursos midiáticos possibilitaram as generalizações com pouco espaço para as exclusões e transformações ocorridas por uma política pública de atenção e cuidado dos usuários, pautada na redução de danos.

Estudos sugerem (PEREIRA, BARDI e MALFITANO, 2014) que relacionar drogas e juventude, principalmente no contexto da população menos favorecida economicamente, aumenta o campo das estigmatizações, ambiguidades e generalizações. Pois, drogas e pobreza, no senso comum estão relacionados oferecendo pouca margem para as exceções. No entanto, as drogas podem entrar na vida dos jovens de maneira diversa, configurada por vários fatores, inclusive pela exposição cotidiana das desigualdades sociais. O fenômeno das drogas, na maior parte das vezes na vida dos/as jovens, aparece de maneira secundária frente às questões mais contundentes em sua vivência diária. Ou seja, as questões das redes sociais e o suporte acessados pelos/as jovens, as relações que se estabelecem com o território, as várias violações de seus direitos fundamentais e à dimensão do trabalho, no qual o tráfico de drogas se coloca de maneira clara no jogo social de precarização e exclusão. O uso de drogas é apenas um elemento frente a uma realidade complexa e desigual. No entanto, a violação dos direitos do/as jovens a não ampliação do acesso a esses direitos produzem mais precariedades e vulnerabilidades que a própria presença das drogas em sua vida.

As falas das duas interlocutoras trazem o que Dara Felipe e Leyllyanne Souza (2015), compreendem como um discurso com articulação direta com uma compreensão hegemônica sobre a juventude como problema e risco. As autoras fazem uma reflexão em que “o binômio jovens-drogas tem coadunado argumentos e justificativas em torno da necessidade de prevenção e intervenção, com o suposto propósito de manutenção da ordem social e proteção à juventude” (FELIPE; SOUZA, 2015, p. 130). Desse modo, observamos na fala das interlocutoras que incluem a adolescência como uma etapa da vida marcada pela irresponsabilidade e perigos, incluindo o consumo de substâncias psicoativas, especialmente as ilícitas e que devem ter ações preventivas (com viés proibicionista) para evitar a aproximação da adolescência ao uso de drogas.

Na questão da gravidez como categoria que surge relacionada a adolescência pelas interlocutoras trazemos Luís Felipe Rios et al (2002), para os quais a gravidez na adolescência deve ser investigada considerando que há uma multiplicidade de fatores presentes neste fenômeno, deve-se dar atenção às concepções culturais, aos determinantes sociais e econômicos e dentre eles o sistema de gênero que engendra as relações. Pois, é no sistema de gênero que nos apoiamos para pensar a gravidez nas carreiras sexuais das interlocutoras mães e não mães da pesquisa.

As gravidezes lhes aconteceram na adolescência como resultado do contexto cultural em que vivem. Um ambiente no qual as relações desiguais de gênero hierarquizam homens e mulheres, privilegiando os primeiros a usufruírem direitos, principalmente no campo sexual em detrimento às mulheres, com quase nenhum direito, a exceção de quando há matrimônio, cujo resultado dessa hierarquia é a opressão. Neste sentido, a opressão dificulta a busca por informações no campo do planejamento familiar, no qual aliada a políticas públicas que na prática não alcançam as adolescentes por motivos culturais machistas, onde discursos conservadores sobre iniciação sexual ainda são proferidos por profissionais de saúde (QUADROS, ADRIÃO e XAVIER, 2011), facilitam o não uso ou uso ineficaz dos métodos contraceptivos que acabam por engravidarem na adolescência. De modo geral, esse foi o caminho que observamos nas carreiras sexuais das interlocutoras que foram mães na adolescência, como também ainda é das jovens interlocutoras que, pelos motivos acima expostos, não são acessadas para receberem informações já existentes na legislação, como o Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PAISM) do governo federal, e por convenções internacionais (ONU), assinada pelo Brasil na IV Conferência Mundial da Mulher (VIOTTI, 1995).

A respeito da trajetória das interlocutoras que engravidaram, trouxemos um estudo realizado por Jaileila Menezes et al (2012), sobre gravidez e maternidade na adolescência e suas repercussões no processo de escolarização realizado com jovens grávidas e mães, pertencentes à classe popular e média. A pesquisadora encontrou que, no caso das jovens de classe média, estas conseguem se manter estudando depois da gravidez, pois as famílias possuem melhores condições econômicas e relativizam a obrigatoriedade do casamento, enquanto que nas classes populares as jovens retardam a volta à escola, pelo fato de assumirem os cuidados da casa e das crianças, muitas vezes sem a participação do esposo. Nestes casos, a relação entre classe social e reprodução interfere na continuidade da escolaridade das mulheres. No entanto, das interlocutoras que engravidaram, uma não deu continuidade aos estudos - Roberta (31) - e as outras três concluíram o ensino médio - Bianca (33), Ana (31) e Cristina (31) - demonstrando que a continuidade em termos de aperfeiçoamento profissional, como uma faculdade ou curso técnico, é um elemento difícil para a maioria delas devido aos compromissos com a casa e filhos.

De acordo com as trajetórias de vida das interlocutoras adultas, a maioria das que engravidaram ainda na adolescência, casaram. Outras tiveram subsequente relacionamento com filhos e formaram novas famílias. Sendo que a primeira gestação delas aconteceu com rapazes nativos e, com duas das interlocutoras, a segunda gestação foi com homens que vieram trabalhar nas obras do PAC e que já viviam em regime de união estável além de já serem adultas quando engravidaram.

Contudo, apesar das várias matérias na mídia acerca dos envolvimento dos trabalhadores migrantes temporários com as mulheres locais, produzindo inclusive matéria intitulada com o título “ Os filhos de Suape”, “que denunciava o abandono paterno de crianças nascidas de relações entre as adolescentes locais, moças entre 11 e 19 anos, e os trabalhadores migrantes” (SANTOS et al, 2015, p.27) no universo pesquisado, as interlocutoras jovens não tiveram envolvimento com esses homens, e não há relatos de gravidez na adolescência nesse grupo. Compreendemos que dada a presença escolar mais forte na vida dessas jovens, devido a muitas transformações que as escolas públicas vêm sofrendo, no qual as atividades escolares não se resumem a um único turno apenas, propiciando o desenvolvimento de projetos de vida para jovens, cuja viabilidade dá-se pela educação formal ou informal como o curso de mídia audiovisual, há o exemplo de Alexandra (18), que teve uma participação ativa na escola enquanto estudava, inclusive viajando para o exterior, para aprofundamento na língua inglesa, através do projeto do Governo Estadual e agora cursa Direito e pretende alçar voos maiores em sua carreira profissional. Seja uma das justificativas pela qual a interlocutora coloque em

primeiro lugar seus sonhos profissionais e o afetivo-sexual venha na sequência após ter alcançado sucesso.

No entanto, observamos também a partir das carreiras sexuais das jovens que, na região em que vivem, elas “devem” desempenhar atitudes de recato no campo da sexualidade, diferente dos rapazes que nenhuma opressão sofre no mesmo campo, mas, sobre eles se exerce a pressão para que haja demonstração da heterossexualidade. Dessa forma, essa dupla moral sexual que as jovens vivenciam as colocam num lugar em que precisam esconder as práticas sexuais, ou até adiá-las em função da valorização da mulher recatada.

6.2 O início das práticas afetivo-sexuais

A sexualidade humana acontece num processo de aprendizagem, no qual os sujeitos se familiarizam com as “representações, valores, papéis de gênero, rituais de interação e de práticas” (HEILBORN, CABRAL e BOZON, 2006, p.2), presentes na cultura sexual em que estão inseridos. Assim, nos rituais de interações e práticas, houve mudanças entre os dois grupos pesquisados. E as mudanças que ressaltamos entre elas é exatamente pelos espaços em que o início das interações e práticas aconteceram.

Encontramos interlocutoras do grupo de adultas jovens que referiram a paquera, o namoro e o casamento com o primeiro namorado, como é o caso de Raquele (28), Roberta (31), Rose (31) e Bianca (33). Que, de modo geral, elas os conheceram na rua, na casa de uma vizinha ou numa festa folclórica. Esses eram os espaços privilegiados pelas adultas quando referiram sobre o início da carreira sexual.

Já entre as jovens, elas ressaltam as atrações e as paqueras de colégio, as paixões da época da infância, os beijos. Como exemplo temos Alexandra (18), cuja primeira atração sentida foi pelo seu primeiro namorado, já Ariane (18) refere as paixões da época de infância, que afirma sobre sua primeira atração “...foi por um menino que estudava na mesma escola”, quando tinha dez anos de idade. Lisa (19) traz a paquera do colégio, “... eu não sei, porque teve a história do colégio...”, Fernanda (22), “foi um coleguinha da escola. A gente se paquerava e demos um beijo só, depois não teve mais nada”, Lua (17), “ele era da sala da minha irmã...”

Observamos a partir das carreiras sexuais das interlocutoras adultas a sequência paquera, namoro e casamento, com o primeiro namorado por motivo da gravidez ou por não ser mais virgem, muito em função da manutenção da virgindade moral da adolescente e da família (HEILBORN et al, 2006). Como também o casamento servindo como regulação dos corpos das adolescentes, no sentido de, a partir de agora, terem as práticas sexuais autorizadas

pela realização do matrimônio.

Sobre os dois grupos de interlocutoras e pensando na questão relativa aos contextos históricos locais em que a iniciação sexual começou, ou seja, antes das obras do PAC e depois das obras, consideramos que, o *locus* da iniciação sexual não se apresenta de maneiras parecidas. Assim, no grupo de adultas, os espaços privilegiados geralmente são a rua e festas folclóricas e como parceiros de iniciação sexual, citaram, amiguinhos da vizinhança e primos ou colegas de amigos. Deste modo, a escola não aparece como cenário, onde acontece as paqueras, o ficar e o namorar. No caso das jovens, o contexto escolar é referido pela maioria das interlocutoras, como o espaço que favorece paquerar e namorar os rapazes devido, principalmente, terem mais tempo de convivência nesse espaço, demandando atividades em conjunto e por ocorrer menos vigilância familiar.

6.3 O namoro

Sobre a discussão relacionada ao namoro, trazemos brevemente o que foi narrado a respeito dos sentimentos presente na relação, amor, como também os diferentes modos de lidar com a situação do namoro e a vigilância familiar. Por último, discutiremos o lugar do namoro na vida das interlocutoras.

A respeito do sentimento existente no relacionamento, há narrativas em que a jovem foca no sentimento pela parceira (amor), como exemplo trazemos Lisa (19) que declara: “Assim, não paro de pensar nela. Acho que é amor de verdade”. Para tratarmos do amor na atualidade, trazemos Anthonny Giddens (1993), afirmando que a sociedade em que vivemos, em termos de sentimentos de amor em relação ao outro é o amor confluyente, entendido como consolidado em uma possibilidade real (não fictício, nem imaginário) e, neste tipo de amor, não se encontra a busca da pessoa ideal (o/a príncipe/princesa encantado/a), valendo mais o relacionamento especial (o que se vive a dois). Este amor possui como característica a igualdade na doação e no recebimento amoroso aproximando-se do protótipo do relacionamento puro²², assim como, também, não há ligação específica com a heterossexualidade, estendendo-se ao amor homossexual, sendo mais livre da heteronormatividade, no qual o que importa é o sentimento dirigido/recebido. E o sexo/gênero, não é uma questão crucial no amor confluyente.

²² Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem. (GIDDENS, 1993, p. 69).

Com relação ao modo como o namoro acontece na vida das interlocutoras adultas, percebemos que elas escondiam o namoro da família como estratégia de sobrevivência para escapar do controle sobre seus corpos, como revelam Maria (26) “Namorei com um rapaz quando eu tinha 20 anos e não contei a ninguém”, Roberta (31) “Nunca falei nada não. Namorei escondido até quando ele foi lá em casa e pediu para namorar” e Rose (31) “Namorei escondido até quando pude”.

Segundo Parker (1991), são os sistemas de sexualidade e gênero que possibilitam os modos como se desenrolarão as práticas afetivo-sexuais, definindo como aceitas ou proibidas e tal estrutura dificulta que as jovens tenham uma vida sexual responsável, pois não têm apoio para as práticas sexuais que experenciam. Dessa forma, percebemos que as jovens transgridem as normas, como exemplo a “idade certa” para namorar, para viver o relacionamento, e isto é sentido como erótico e excitante, produzindo uma interpretação da vida sexual, como exemplo ter mais liberdade no campo da sexualidade, como também possibilita formas de prazer.

A transgressão para escapar da vigilância familiar e assim dar menos satisfação, no contexto de Suape, também foi relatada por Shuña e Adrião (2015), que observaram a existência de três modalidades de vínculos afetivo-sexuais para que o/a jovem desfrute de sua sexualidade. A primeira, “ficar”, podendo acontecer desde um beijo, um amasso, até a relação sexual, com alguém desconhecido ou não. Esse tipo de vínculo é caracterizado por seu caráter passageiro – embora alguns possam passar de “ficantes ocasionais” a “fixos”, até namoro “sério”. A segunda, a “amizade colorida”, significando a amizade em que pode rolar outro tipo de relações, incluindo as relações sexuais. Os ex-namorados podem ser encaixados nesse modelo. E por último, o “conhecerem-se”, sendo um tipo de relacionamento em que duas pessoas estão avaliando a possibilidade de namorar ou não. Neste tipo de vínculo evitam as relações sexuais, sendo mais vivenciado o beijo e o amasso.

Os achados da pesquisa acima relatados e os dados do namoro não declarado, só nos levam a pensar que dado o sistema de sexualidade e gênero presente na cultura, as jovens estão vivendo a sexualidade a partir da leitura sobre esse sistema de dupla moral sexual que vivenciam. E, à medida que os anos passam, tipos de vínculos surgem como formas de possibilitar a vida sexual e a realização dos prazeres.

Namorar escondido, não declarar a família, pensando a partir da dupla moral sexual, em que sobre as meninas recai mais proibições no campo da sexualidade, possibilita uma vida sexual cujos cuidados com a gravidez e DST's sejam dificultados em função da atenção maior seja em esconder da família o fato de estar namorando.

As figuras parentais que surgem como foco da preocupação das interlocutoras dos dois

grupos foram a mãe e avó, como aquelas que personificam os padrões heteronormativos no campo da sexualidade, mobilizando o medo nas jovens de serem descobertas que não são virgens. Essa afirmativa fica mais visível quando as interlocutoras narraram sobre o medo que sentem da mãe tomar conhecimento que possuem vida sexual, “ai se minha mãe descobrir, eu tô ferrada” Nala (17). No entanto, compreendemos que mãe e avó reproduzem as mesmas opressões que sofreram no campo da sexualidade.

No que diz respeito ao lugar do namoro escondido na vida das interlocutoras, observamos que este evento traz para as interlocutoras uma forma de agência a partir do que Butler (2006, p.16), menciona:

Minha agência não consiste em negar a condição de tal constituição. Sim Eu tenho alguma agência que é derivada do fato de que eu sou constituído por um mundo social que eu nunca escolhi. Que minha agência está cheia de Paradoxos não significa que isso seja impossível. Significa apenas que o paradoxo é a condição de sua possibilidade. Como resultado, o "eu" que sou é encontrado constituído por normas e depende deles, mas também aspira viver de maneiras que mantenham um relacionamento crítico e transformador com eles (Tradução nossa).

Ou seja, compreendemos que seja um modo de questionar as regras heteronormativas que limitam a vida das jovens e possibilita modos diferentes de viver a sexualidade, que infelizmente está ainda presente na sociedade desigual no contexto em que vivem da microrregião de Suape/PE.

Já o namoro, quando declarado, visa a reprodução do lugar da mulher na esfera da sexualidade, as proibições para elas permanecem e condutas de recato e resguardo da virgindade lhes são exigidas. Assim, reforça as relações de poder, de modo que elas são chamadas a assumirem um papel, cujas atitudes são a mera reprodução da dupla moral sexual.

6.4 A primeira vez

Sobre a primeira relação sexual nos dois grupos de mulheres destacamos que, entre as adultas jovens, as interlocutoras perderam a virgindade entre os 14 e 20 anos de idade. Enquanto no grupo das jovens, das oito interlocutoras há três delas que não haviam tido relações sexuais, todas com idades de 17, 18 e 19 anos - Alexandra, Ariane e Lisa, respectivamente. No entanto, as adultas jovens começaram a namorar, ter um compromisso, numa idade anterior ao que as jovens começaram a namorar e foi com o primeiro namorado que tiveram suas primeiras experiências sexuais e depois casaram.

Segundo Giddens (1993), para as jovens a virgindade é considerada como uma entrega.

E para a maioria das jovens, o problema não está centralizado em realizar ou não realizar a experiência sexual precoce, mas o que está em questão é escolher o momento e as circunstâncias certas.

No entanto, no campo pesquisado, acredita-se que há uma “idade certa” para começar a namorar, que é ditada pelo discurso de gênero presente no contexto da microrregião de Suape/PE. Mas, na realidade as interlocutoras transgridem essa norma e iniciam o namoro antes da idade permitida e também transam com seus parceiros. E, sobre esse momento, revelam: “Inesquecível. Foi no meu quarto, com direito a som, música romântica. Ele me pegou no colo, tudo lindo, tudo maravilhoso” (Ana, 31) e “Foi meu presente de 15 anos. Falei com ele de manhã que eu decidi e depois a gente foi pro motel ” (Lilian, 31).

Ou seja, tanto para namorar como para transarem, as interlocutoras estão transgredindo a norma, mas o que estamos chamando atenção aqui é que algumas delas ao decidirem ter a relação sexual, fazem-no com autonomia, demonstrando a retomada do poder sobre o próprio corpo. Retomando o que Giddens (1993) afirmou sobre a primeira vez, o importante é a escolha do momento e circunstância certa, e isso só elas sabem.

E sobre a questão da primeira vez acontecer em um momento e circunstância certa, trazemos a pesquisa GRAVAD (2006)²³ que demonstrou o papel estruturante do gênero na modelagem das carreiras sexuais e reprodutivas, no qual, em relação aos homens, mulheres costumam iniciar sexualmente quatro anos após o início do primeiro namoro. A pesquisa demonstra que esta defasagem temporal é mais característica dos setores populares em processo de mobilidade escolar ascendente, entendendo por ascendente, quando o grau de escolaridade do/da jovem for maior que o da mãe. Da mesma forma, a literatura vem mostrando que as garotas, em sua maioria, perdem a virgindade em uma relação na qual há compromisso mútuo entre o casal, normalmente 86% das meninas iniciam-se sexualmente com namorados (HEILBORN, 2006). E com as interlocutoras da pesquisa não foi diferente.

Com isso, compreendemos que as relações desiguais de gênero vão modelando as carreiras sexuais das jovens, no sentido de reproduzirem a dupla moral sexual. Destarte, o tempo que levam para que a primeira relação sexual aconteça e o fato de “normalmente” ser com o namorado, nos revela as relações de poder operando na vida sexual das jovens. Porém,

²³ Trabalho de pesquisa desenvolvido entre 1999 a 2006, por uma equipe de profissionais do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, IMS/UERJ; do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, MUSA/ISC/UFBA; e do Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, NUPACS/UFRS e do Institut d’Etudes Démographiques, INED, França. Seu desenvolvimento contou com apoio da Fundação Ford, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior–CAPES.

o uso da estratégia do namoro escondido como agência de questionamento da heteronormatividade, torna-se o ponto de virada na vida sexual das jovens, possibilitando que escolham quando é o momento certo para elas.

Todavia, entre as interlocutoras encontramos as que mantêm a virgindade, como Alexandra (18), em que na carreira sexual ela não teve relações sexuais com o namorado por não querer que este evento a levasse ao casamento e “estragasse” seus planos futuros, de se formar, e conhecer outros lugares. Já Ariane (18) e Lisa (19), elas nunca namoraram, nem transaram, mas receberam convites para ter relações sexuais. Estas três jovens supracitadas se alinham aos resultados apresentados no artigo de Heilborn, Cabral e Bozon (2006) no que diz respeito ao fato das jovens de classes populares, quando há um percurso escolar e superior, tendem a se iniciarem sexualmente mais tarde.

Essas três interlocutoras durante rodas de conversa revelaram seus projetos de vida que estão buscando concretizar no campo acadêmico e profissional. No caso de Alexandra (18), busca concluir o curso de Direito e depois ir morar em outros lugares. Ariane (18) dedica-se a se graduar nas artes marciais e pretende fazer concurso para polícia militar e Lisa (19) revelou estar pensando em cursar fisioterapia.

No grupo das jovens a maioria mora com os pais e são estudantes e duas delas também trabalham no restaurante da própria família, o que nos aponta para um investimento na vida escolar e para um projeto de vida vinculado aos estudos, levando-nos a crer que esta seja uma das justificativas para o adiamento da primeira vez.

Rocio Shuña e Karla Adrião (2015) também encontraram resultados na pesquisa realizada com jovens na microrregião de Suape/PE, na qual a maioria dos participantes são estudantes, moram com os pais e se preparam para o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), como também há os que estudam no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco em Ipojuca/PE.

No entanto, a ideia de projeto de vida relacionado ao adiamento das relações sexuais, leva-nos também a crer que, diante do contexto vivenciado das relações desiguais de gênero, as jovens que estão investindo no campo escolar e profissional assim o fazem para escapar da possibilidade do casamento, caso descubram que perderam a virgindade. Posto isto, seus projetos de vida não contemplam o casamento na adolescência, também não descartam a união no futuro, apenas não o querem antes da realização profissional.

6.5 Prazer sexual

A respeito do prazer sexual, de modo geral as interlocutoras dos dois grupos relataram sobre este tema a partir dos sentimentos que nutrem em relação ao parceiro; amor, paixão e tesão foram os sentimentos citados por elas. Como também relataram sobre o que pensam na hora da transa. A dificuldade de expressar sobre prazer sexual encontrada nos dois grupos, aponta-nos como indicativo de que este tema ainda é um tabu entre as interlocutoras, pois as respostas dadas sobre o que pensam a respeito do prazer sexual configuram a ideia prévia de um amor romântico para a existência do prazer sexual.

A fala de Maria (26), sobre os momentos de intimidade com o namorado atual ela revela: “agora tem paixão (...) Porque quando você tá apaixonada essas coisas são melhores né?” Bianca (33) traz: “O melhor momento é o que eu vivo agora. Sou muito apaixonada”. Já Cristina (31), resume sua relação sexual com o atual parceiro da seguinte forma: “uma aventura/ um amor/uma cabana”.

Sobre o prazer sexual, Giddens (1993, p.60) afirma, que “o sexo é, digamos assim, um instrumento que emite descargas elétricas, com o romance, como busca do destino”. No entanto, as narrativas das interlocutoras trazem o prazer sexual, não apenas restrito às reações fisiológicas e emocionais do corpo na hora da transa, mas sim, toda a dinâmica do relacionamento, desde o dia a dia vivido junto, como a transa propriamente dita. Apontamos, neste sentido, a existência da idealização do amor romântico pelo tom de romance existente na narrativa das interlocutoras acima descritas.

Então, o estado da paixão, que se apodera do sujeito, da qual não se sabe a origem e nem para qual direção irá, produz condição favorável para que o momento do sexo seja o ápice da expressão do sentimento, neste sentido. A combinação paixão, sexo e romance é muito presente nas experiências sexuais das interlocutoras. Mas, esta combinação torna-se um risco quando relacionado ao contexto local que é marcado pelas relações desiguais de gênero, reforça as relações de poder e garante a continuidade da dupla moral sexual.

Porém, as jovens de um modo geral, reconhecem que o romance não está mais vinculado à permanência. E, na sociedade atual, com tantas informações disponíveis na web, as discussões sobre relacionamento e sexo parecem afetar as posições das mulheres. Para elas, o relacionamento atualmente não está mais ligado ao casamento e trazem outras áreas mais importantes, como formação, trabalho e remuneração, isto é, constroem projetos de vida, no qual se inserem realizações pessoais em que o casamento não é a única opção.

6.6 Contracepção

A respeito dos usos ou não dos métodos contraceptivos, pílula anticoncepcional ou injetável, observamos que no grupo das jovens apenas duas delas relataram o uso, foram Letícia (23) quando casou, aderiu ao anticoncepcional injetável e Fernanda (23) que fez uso da pílula quando estava casada. Entre as jovens, não há casos de gravidez na adolescência, mesmo entre as que casaram ainda muito jovem, tendo este fato ocorrido apenas no grupo das adultas, cujo motivo está relacionado para manter a virgindade moral (HEILBORN et al, 2006).

No que diz respeito a presença do uso da camisinha na iniciação sexual, observamos que as interlocutoras adultas relataram, “Na minha primeira vez eu usei camisinha, mas foi porque ele tomou iniciativa, aí depois continuei usando camisinha”, Maria (26), e “Ah, eu usei camisinha na primeira vez e uso até hoje”, Liliam (31). No grupo das interlocutoras jovens, Fernanda (22) diz: “Sim. Na primeira vez usei camisinha e depois de um tempo eu parei”. Lua (17) “Tive duas relações a primeira foi com camisinha, e a segunda não usei.” Helena (19) “A gente usava camisinha.” A literatura vem apontando sobre a frequência do uso da camisinha na primeira relação sexual das jovens, como uma prática frequente (PAIVA et al, 2008; HEILBORN; AQUINO; BOZON; KNAUTH, 2006).

Por outro lado, encontramos relatos no grupo das adultas jovens sobre o uso descontínuo do preservativo masculino como em Ana (31) “Já usei camisinha algumas vezes.” Assim como a não adesão por nenhum método contraceptivo, “Na primeira vez não usei nada de camisinha”, Cristina (31) e “Nunca usei nada não”, Roberta (31). Já no grupo das jovens, encontramos apenas Lua (17) que refere sobre uso descontínuo, “Tive duas relações a primeira foi com camisinha, e a segunda não usei”.

O que a literatura vem mostrando sobre os motivos da não adesão ao preservativo masculino nas relações sexuais é: não estar de posse da camisinha no momento da transa, diminuição do prazer, confiança no parceiro, parceiro não gosta e quebra do clima da relação sexual (VIEIRA et al, 2011; SANTOS et al, 2010). Já a respeito das adolescentes fazerem uso inconstante do preservativo masculino, os motivos são: o uso do contraceptivo hormonal, o estado civil casada ou em união consensual, e uso de drogas ilícitas pelo parceiro.

Porém, sobre acesso e informações a respeito dos métodos contraceptivos, pesquisas vêm mostrando que a juventude atual possui mais informação a respeito dos métodos contraceptivos (PORTELA; ARAÚJO, 2013; MARTINS, 2009). Esses achados mostram que essas informações nem sempre são eficazes, uma vez que são buscadas em fontes nem sempre confiáveis. Mas, há uma lacuna, entre informações a respeito dos métodos contraceptivos,

mesmo que incipientes, e a efetivação na prática do seu uso. No caso das adolescentes, uma das possíveis explicações é o medo ou a vergonha de se exporem em um posto de saúde ou farmácia, pois diante da possibilidade da comunidade e família tomarem conhecimento relativo à sexualidade as afastam de terem acesso ao método mais adequado ao seu corpo e rotina (BRANDÃO, 2009; QUADROS; ADRIÃO; XAVIER, 2011; XAVIER, 2011).

Observamos que no caso das adultas jovens da pesquisa, as relações desiguais de gênero têm papel fundamental quanto ao acesso aos métodos contraceptivos. Esta situação fez com que algumas interlocutoras não utilizassem método algum, ou que fizessem uso inadequado do anticoncepcional, levando-as conseqüentemente à gravidez. Assim, políticas públicas que não busquem ultrapassar a opressão de gênero ainda possibilitará para que as adolescentes continuem com a prática contraceptiva nula ou ineficazes.

Já as jovens da pesquisa, sobretudo as que não tiveram a primeira relação sexual, trouxeram narrativas diferentes sobre o uso de método contraceptivo quando acontecer a relação sexual, como é o caso de Alexandra (18): “Não. Tem que ter camisinha”. Como também a dúvida se irá um dia utilizar, como Lisa (19): “Não sei”. Até a resistência quanto ao envolvimento afetivo-sexual futuro, como é o caso de Ariane (18): “Não. Nem penso em namorar e essas coisas é que nem penso mesmo”.

Essas três interlocutoras acima relatadas possuem uma característica em comum, no que diz respeito à carreira sexual, elas são virgens e vem privilegiando o investimento em seus projetos de vida, adiando as relações sexuais. Do mesmo modo, Heilborn, Cabral e Bozon (2006) observaram que a escolaridade influencia no adiamento das práticas sexuais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que originou este trabalho teve como objetivo, investigar as práticas afetivo-sexuais na adolescência das jovens (16 a 24 anos) e adultas jovens (26 a 34 anos) de camadas populares, residentes em Gaibu, Cabo de Santo Agostinho/PE. As jovens e as adultas jovens vivenciaram mudanças no contexto onde residem, em vários aspectos, como o aumento do contingente de novos residentes temporários em função de Gaibu ter se tornado bairro dormitório dos trabalhadores migrantes temporários das obras do PAC e com a chegada deles houve aumento dos casos de violência, tráfico de drogas, exploração sexual de crianças e adolescentes e gravidezes em todas as idades de mulheres férteis.

A região já era marcada por uma cultura machista e, esse novo contexto que se instalou, contribuiu para a continuidade das relações desiguais de gênero afetando diretamente a vida das mulheres locais, pois, apesar de, durante o período das obras do Complexo Portuário de Suape, ter havido uma onda de crescimento econômico que atingiu a região metropolitana do Recife e a zona da mata sul pernambucana, este desenvolvimento não repercutiu positivamente na vida sexual das mulheres, continuando com a reprodução da dupla moral sexual.

A respeito da carreira sexual das adultas jovens, há a presença da paquera, namoro e casamento com o primeiro namorado devido a gravidez, assim como recasamento com trabalhadores temporários de Suape. Já as interlocutoras jovens não se relacionaram afetiva e sexualmente com os trabalhadores migrantes temporários. No entanto, percebemos que o contexto marcado pelas relações desiguais de gênero foi presente nos dois grupos. As jovens continuaram a vivenciar um contexto de dupla moral sexual, em que as mulheres possuíam um “valor”, de acordo com a “conduta respeitosa” que mantinham. Tal situação fez com que as jovens ficassem numa situação de vulnerabilidade em razão das práticas sexuais que cultivavam. Neste sentido, elas não se envolviam com eles, mantinham relacionamentos com os rapazes locais, mas continuavam a esconder a prática da sexualidade para que a família não as casassem com o objetivo de manter a virgindade moral.

Esse contexto provocado pelas relações desiguais de gênero e legitimado com a chegada dos trabalhadores migrantes temporários, oferece um risco para as jovens, pois as afastam das informações a respeito do planejamento familiar. As políticas públicas relacionadas a direitos reprodutivos não chegam até essas jovens e não levam em conta o contexto de desigualdade entre homens e mulheres característico da região. A evidência para esta afirmação é o fato das adultas terem engravidado na adolescência, por não usarem nenhum método contraceptivo ou

fazerem uso ineficaz e, no caso das jovens, há a presença de uso descontínuo da camisinha, assim como não saber o que vai usar quando se iniciarem sexualmente.

Em ambos os grupos, encontramos relatos com a presença do medo quando se trata de viver a sexualidade, causado em função da existência da dupla moral sexual, no qual a respeito das adolescentes há uma “idade certa” para elas começarem a namorar. E o momento certo para transar é quando casarem. Essa interdição não é a mesma para os rapazes que vivem a sexualidade mais livremente, pelo menos em termos heterossexuais, em que ficar, transar, ter muitas mulheres recebem mais apoio.

Já sobre as mulheres, há o controle dos corpos, no qual as interlocutoras de ambos os grupos vêm demonstrando que criam maneiras de burlar as regulações a partir das estratégias que praticam como esconder seus relacionamentos da família. Algumas delas, seja durante meses ou anos, mantêm seus namoros escondidos para viverem com mais autonomia e menos vigilância familiar. Sendo também uma forma de lidar com dupla moral sexual.

Por outro lado, as interlocutoras de ambos os grupos apresentaram dificuldade de expressar sobre prazer sexual e as narrativas apresentadas revelaram uma relação entre a idealização do amor romântico e o prazer sexual, no qual o prazer está diretamente relacionado ao romance em que se vive, engendrando, neste aspecto, cumplicidade, promessas de amor eterno e fidelidade, e a própria dinâmica do dia a dia. Compreendemos que esta forma de referir sobre prazer sexual, no qual só é possível se estiver vivendo um romance, caracteriza que, diante das relações desiguais de gênero, no campo da sexualidade tão marcante no contexto em que vivem, as interlocutoras reproduzem a norma heterossexual, revelando que sobre este tema, ainda há um tabu, principalmente quando as relações de poder operam para que as jovens tenham conduta de “mulheres direitas” e “de respeito”.

A leitura feminista nos mostra que no contexto da microrregião de Suape/PE as jovens vivenciam desigualdades no campo da sexualidade e que os direitos sexuais e direitos reprodutivos são violados pelo exercício ainda muito marcante na região de uma cultura machista. E que as mudanças ocorridas na região trazidas pela construção das obras do PAC com promessas de desenvolvimento econômico, não proporcionou às mulheres nenhum progresso no campo dos direitos. Mas, ao contrário, o que percebemos foi a continuidade da reprodução das relações desiguais de gênero.

As mulheres dos dois grupos pesquisados narraram sobre carreiras sexuais, em que nestas, para viver a sexualidade é necessário esconder-se, cuja publicização as levam ao casamento, revelando que a norma existente provoca desnivelamento de direitos entre homens e mulheres.

Mas, o fato é que as jovens estão vivenciando a sexualidade “às escondidas”, sem apoio, sem acesso a informações sobre prevenção às DST/AIDS e métodos contraceptivos. Os dados revelaram uso errado e ineficaz da pílula anticoncepcional e uso intermitente da camisinha masculina, como também, em alguns casos, nenhuma proteção contra a gravidez ou DST/AIDS. Compreendemos a existência de uma invisibilidade da vida sexual das adolescentes por parte de instituições que poderiam ser mais atuantes na vida das jovens, como a escola e os equipamentos de saúde, em que trocas, diálogos e reflexões sobre educação sexual, saúde sexual e reprodutiva fizessem parte da dinâmica escolar e dos equipamentos de saúde. No entanto, acreditamos que para a eficácia dessas ações, faz-se necessário um discurso que não reproduza o conservadorismo e as desigualdades de gênero.

A respeito do adiamento das relações sexuais relatado pelas jovens, entendemos que este fato está relacionado com a dupla moral sexual vivenciada por elas e, por não usufruírem dos mesmos direitos que os rapazes no campo da sexualidade, o casamento é o destino final para as que perderam a virgindade, como forma de devolver a virgindade moral. E algumas delas investem na construção de projetos de vida que não comportam o casamento na juventude, como agência em meio às relações desiguais de gênero presentes na região no campo da sexualidade.

Estas reflexões dizem respeito a um olhar sobre um pequeno grupo de mulheres que vivem numa cultura machista, no qual as invisibilizam como sujeitos de direitos na esfera da sexualidade.

Pretende-se com este trabalho contribuir para futuras reflexões acerca da garantia dos direitos sexuais e direitos reprodutivos das adolescentes, de modo que possam usufruir dos mesmos direitos que os rapazes, minimizando os impactos das relações desiguais de gênero em suas práticas afetivas e sexuais, de modo que tenham acesso a informação profissional acerca dos métodos preventivos quando desejarem, sem risco de se deparar com discursos opressores de gênero. Assim como, também, contribuir para pensar que contextos de desenvolvimento econômico podem legitimar estruturas opressivas já existentes, continuar a reproduzir a dupla moral sexual, invisibilizando os direitos das mulheres, e vulnerabilizando as adolescentes quanto às práticas afetivas e sexuais.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. Construções sobre Sexualidade na juventude. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (org.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007.
- ADRIÃO, Karla Galvão; MENEZES, Jaileila; SOUZA, L; FALCAO, R.. Mulheres e homens jovens: gozos e interdições, poder e desigualdades. **Psicologia e Sociedade (Impresso)**, v. 29, p. 1-20, 2017.
- ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba de; PINHO, Luís Ventura de. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p.173-184, 2008.
- ALVES, Camila Aluísio; BRANDÃO, Elaine Reis. Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**. v.14, n. 2, p. 661-670, 2009.
- AQUINO, Estela M. L. et al. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, supl. 2, p. S377-S388, 2003.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições 70, 1977.
- BERER, Marge. Dupla proteção: mais necessária do que praticada ou compreendida. **Reproductive Health Matters (RHM)**, v. 14, n. 28, 2006.
- BERNI, Vanessa Limana; ROSO, Adriane. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 126-136, 2014.
- BRANDÃO, Elaine Reis. Desafios da contracepção juvenil: interseções entre gênero, sexualidade e saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.14, n. 4, p. 1063-1071, 2009.
- _____.; HEILBORN, Maria Luiza. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1421-1430, jul. 2006.
- BRASIL. Programa de aceleração do crescimento. Pernambuco, [201-]. Disponível em: <<http://www.pac.gov.br/estado/pe>>. Acesso em: 8 fev. 2018.
- BRETAS, José Roberto da Silva et al. Aspectos da Sexualidade na Adolescência. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7 de julho de 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232011000800021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2014.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. (Série Sujeito e História).
- CAMARGO, Elisana Ághata Iakmiu; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro. v.14, n.3, jun. 2009, p. 937-946.
- CAMPOS, Helena Maria; SCHALL, Virgínia Torres; NOGUEIRA, Maria José,. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: interlocuções com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Saúde em Debate**. Rio de Janeiro, v. 37, n. 97, p. 336-346, abr./jun. 2013.

CAPUTO, Valéria Garcia; BORDIN, Isabel Altenfelder. Gravidez na adolescência e uso frequente de álcool e drogas no contexto familiar. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n.3, p.402-410, jun. 2008.

CARRAZZONE, Verônica et al. Caravana da cidadania: mobilização populacional por cidadania e saúde em Suape/PE. In: RIOS, Luís Felipe et al (Org). **Diálogos para desenvolvimento social em contextos de grandes obras**: a experiência do Programa Diálogos Suape. Recife: UFPE, 2015.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault** – um percurso sobre seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte : Autêntica, 2009.

CASTRO, M. R. de. **Retóricas da rua**: educador, criança e diálogos. Rio de Janeiro: EDUSU/AMAI, 1997.

CEDARO, José Juliano; VILAS BOAS, Luana Michele da Silva; MARTINS, Renata Moreno. Adolescência e sexualidade: um estudo exploratório em uma escola de Porto Velho - RO. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 32, n. 2, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932012000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 out. 2014.

CLÍMACO, Fernando. **Tag: Suape**. 2012. Disponível em: <<https://pedesenvolvimento.com/tag/suape/page/23/>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

COELHO, Edméia de Almeida Cardoso et al. Associação entre gravidez não planejada e o contexto socioeconômico de mulheres em área da Estratégia Saúde da Família. **Acta paul. enferm.** São Paulo, v. 25, n. 3, p. 415-422, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002012000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 fev. 2018.

CONDEPE/FIDEM. Logo Condepe Caracterização do Território. **Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco**. 2016. Disponível em: <<http://www2.condepefidem.pe.gov.br/web/condepe-fidem/caracterizacao-do-territorio>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

COUTINHO, Luciana Gageiro. **Adolescência e errância**: destinos do laço social no contemporâneo. Rio de Janeiro. Lau: FAPERJ, 2009.

FELIPE, Dara Andrade; SOUZA, Leyllyanne Bezerra de. Trabalhando com Jovens sobre drogas a partir do dispositivo das tecnologias das mídias móveis: o desafio em redimensionar olhares e práticas em torno da relação juventude e drogas. In: MENEZES, Jaileila de Araújo; ADRIÃO, Karla Galvão; RIOS, Luís Felipe. **Jovens, câmera, ação**: reflexões sobre os usos dos dispositivos móveis de mídia em um projeto de mobilização social [recurso eletrônico] – Recife : Editora UFPE, 2015.

FIGUEIREDO, Regina; SANTOS, Alessandro de O. dos; PEIXOTO, Marcelo. Promoção da saúde sexual e reprodutiva em contextos de grandes obras de infraestrutura e trabalho temporário masculino. In: QUEIROZ, Tacinara Nogueira de et al. **Crescimento econômico, cidadania, saúde**: contextos, desafios e possibilidades da pesquisa-intervenção-pesquisa em direitos sexuais e reprodutivos. Recife: UFPE, 2015.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, Kelly Ribeiro de; DIAS, Silvana Maria Zarth. Percepções de Adolescentes Sobre sua Sexualidade. **Texto contexto - enferm**, Florianópolis, v. 19, n. 2, jun. 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072010000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2014.

GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo**: ensaio sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GIDDENSA, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOMES, Romeu; REBELLO, Lúcia Emília F. de Sousa; NASCIMENTO, Elaine Ferreira do. Medos sexuais masculinos e política de saúde do homem: lacunas e desafios. In: MEDRADO; LYRA; AZEVEDO; BRASILINO (org.) **Homens e masculinidades**: práticas de intimidade e políticas públicas. Recife: Instituto PAPAI, 2010.

GROSSI, Miriam Pillar. **Masculinidades**: uma revisão teórica. Antropologia em primeira mão. N.1. Florianópolis: UFSC, 1995.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Thomas (org). **Antropologia do Ciborgue**. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.14, n.1, p. 43-59, jan-abr. 2006.

_____. et al (org.). **O aprendizado da sexualidade**: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro. Garamond e Fiocruz, 2006.

_____.; CABRAL, Cristiane S; BOZON, Michel. Gênero e carreiras sexuais e reprodutivas de jovens brasileiros. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., 2006, Caxambú – MG. **Anais...** Caxambu: ABEP, 2006. p.1-21.

_____.; AQUINO, Estela M.L, BOZON, Michel; KNAUTH, Daniela Riva (org.) **O aprendizado da sexualidade**: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Fiocruz/Garamond, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009

MARTINS, Laura Bernardi Motta. **Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais, prevenção de DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do município de São Paulo**. Campinas, SP: [s.n.], 2009.

MEDRADO, Benedito et al. Dialogando com homens trabalhadores de Suape: demandas, necessidades, atitudes e práticas em saúde. In: QUEIROZ, Tacinara Nogueira de et al. **Crescimento econômico, cidadania, saúde**: contextos, desafios e possibilidades da pesquisa-intervenção-pesquisa em direitos sexuais e reprodutivos. Recife: UFPE, 2015.

MELO, Phyllype. Praias. **S.O.S Gaibu**. 2015. Disponível em: <<http://sosgaibu.blogspot.com.br/p/praias.html>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

MENEZES, Jaileila Araújo et al. Chá de Damas: desafios e estratégias para a inserção no campo-tema prostituição. In: QUEIROZ, Tacinara Nogueira de et al. **Crescimento econômico, cidadania, saúde: contextos, desafios e possibilidades da pesquisa-intervenção-pesquisa em direitos sexuais e reprodutivos**. Recife: UFPE, 2015a.

_____. Chá de Damas: intervenção psicossocial com prostitutas em contextos de grandes obras do Programa de Aceleração do Crescimento. In: RIOS, Luís Felipe et al. **Diálogos para o desenvolvimento social em contextos de grandes obras: a experiência do Programa Diálogos Suape**. Recife: UFPE, 2015b.

_____.; ADRIÃO, Karla Galvão; RIOS, Luís Felipe. **Jovens, câmera, ação: reflexões sobre os usos dos dispositivos móveis de mídia em um projeto de mobilização social [recurso eletrônico]** – Recife : Editora UFPE, 2015.

MORAES, Silvia Piedade; VITALE, Maria Sylvia de Souza. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência. **Rev. Assoc. Med. Bras.** v. 58, n.1, 2011. p.48-52.

MOREIRA, Maria Rosilene Cândido; SANTOS, José Francisco Fernandes Quirino dos Entre a modernidade e a tradição: a iniciação sexual de adolescentes piauienses universitárias. **Esc Anna Nery**. v.15, n. 3, p. 558-566, jul-set. 2011.

OLIVEIRA, Denise Cristina de et al. Atitudes, Sentimentos e Imagens na Representação Social da Sexualidade Entre Adolescentes. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, dezembro 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452009000400018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2014.

PAIVA, Vera; CALAZANS, Gabriela; VENTURI, Gustavo; DIAS, Rita. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. **Rev Saúde Pública**. v.42, Supl.1, p.45-53, 2008.

PARKER, Richard G. Homens e mulheres. In: _____. **Corpos, prazeres e paixões: A cultura sexual do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller. 1991.

_____. Corpos e prazeres. In: _____. **Corpos, prazeres e paixões: A cultura sexual do Brasil contemporâneo**. São Paulo. Editora Best Seller. 1991.

PEDRO, Joana. Feminismo e gênero na universidade: trajetórias e tensões da militância. **Revista História**, UNISINOS, v. 9, n. 3, 2005.

PEREIRA, Paulo Estevão; BARDI, Giovanna; MALFITANO, Ana Paula Serrata. Juventude, drogas e a desconstrução de paradigmas estabelecidos. **Cad. Ter. Ocup.** UFSCar, São Carlos, v. 22, n. Suplemento Especial, p. 49-60, 2014.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de, SOIHET, Rachel (Org). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003.

PIZZATO, Fernanda Ferrari. **Do namoro à amizade: as matizes das parcerias sexuais de mulheres heterossexuais de camadas médias, estabelecidas profissionalmente, residentes no Recife**. 2010. 96 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

PORTELA, Nydale Lindsay Cardoso; ARAÚJO Layana Pachêco de. Conhecimento e prática dos métodos contraceptivos por estudantes adolescentes: um estudo comparativo. **Revista Univap**, São José dos Campos, SP, v. 19, n. 33, set. 2013.

PRIETSCH, Silvio Omar Macedo et al . Gravidez não planejada no extremo Sul do Brasil: prevalência e fatores associados. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 10, p. 1906-1916, out. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011001000004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 fev. 2018.

QUADROS, Marion; ADRIÃO, Karla Galvão; XAVIER, Anna Karina G. Circuito (des)integrados? Relações de convivência entre mulheres jovens e profissionais de saúde numa comunidade periférica da cidade do Recife(PE). In: NASCIMENTO, Pedro; RIOS, Luís Felipe. **Gênero, saúde e práticas profissionais**. Recife: Universitária UFPE, 2011.

QUEIROZ, Tacinara Nogueira de; RIOS, Luís Felipe. Ninguém é de ferro frente aos prazeres da carne: organização da sexualidade entre mulheres jovens de um bairro popular do Recife. In: MENEZES, Jaileila de Araújo; COSTA, Mônica Rodrigues Costa; ARAÚJO, Tatiana Cristina dos Santos de Araújo. (Org.). **JUBRA: territórios interculturais de juventude**. Recife: Universitária da UFPE, 2013. p. 309-324.

RIGAUD, Vanessa Maria. **Filhos/as de Suape: sexualidade e reprodução entre jovens mulheres evangélicas residentes em Cabo de Santo Agostinho/PE**. 2014. 122f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

RIOS, Luís Felipe. **O feitiço de Exu: um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblecistas e /ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro**. 2004. 330f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Programa de Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____. et al. **Diálogos para o desenvolvimento social em contextos de grandes obras: a experiência do Programa Diálogos Suape**. Recife: UFPE, 2015.

_____. Rumo à adultez: oportunidades e barreiras para a saúde sexual dos jovens brasileiros. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 22, n. 57, p. 45-61, ago. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622002000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 nov. 2017.

_____. TEÓFILO, Isabel. Lições aprendidas: notas avaliativas sobre um programa populacional de promoção à saúde e cidadania em contexto de grandes obras do Programa de Aceleração do Crescimento em Pernambuco. In: _____. et al. **Diálogos para o desenvolvimento social em contextos de grandes obras: a experiência do Programa Diálogos Suape**. Recife: UFPE, 2015.

RUBIN, Gayle. The traffic in women. In: REITER, Rayna (ed.) Towards an anthropology of women. New York, **Monthly Review Press**, 1975. pp.157-210. (Tradução de Edith Piza, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social/PUC/SP).

_____. Thinking sex: notes for a radicaltheory of the politics of sexuality. In: NARDI, Peter M.; SCHNEIDER, Beth E.(ed.) **Social perspectives in lesbian and gay studies**. London: Routledge, 1998.

SAAVEDRA, Luísa; NOGUEIRA, Conceição; MAGALHAES, Sara. Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: implicações para a educação sexual. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 110, mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2014.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente).

_____. **Violência doméstica ou a lógica do galinheiro: violência em debate.** São Paulo: Moderna, 1997.

SALHEB, Aline Alves; LOPES, Maria Helena Baena de M. Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula entre adolescentes universitários. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 61, n.1, p. 11-17, 2008.

SANTOS, Elder Cerqueira; PALUDO, Simone dos Santos; SCHIRÒ, Eva Diniz Bensaja dei; KOLLER, Sílvia Helena. Gravidez na adolescência: análise contextual de risco e proteção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 73-85, jan./mar. 2010.

SANTOS, Dayse Amâncio dos; SCOTT, Russel Parry; SOUZA, Rosângela S. de; ACIOLY, Rafael de F. D. Desenvolvimento e reprodução: um estudo comparativo em três pólos pernambucanos. In: QUEIROZ, Tacinara Nogueira de et al. **Crescimento econômico, cidadania, saúde: contextos, desafios e possibilidades da pesquisa intervenção-pesquisa em direitos sexuais e reprodutivos.** Recife: UFPE, 2015.

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Sociedade**, v. 16, n. 2, jul-dez. 1990, p. 5-22.

SILVA, Lucía; TONETE, Vera Lúcia Pamplona. A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, p. 199-206, abr. 2006.

SILVA, Núbia Michella Cemetino de. **Sobre “gatas velhas” e “santas”: vínculos afetivos e dupla proteção entre jovens de uma comunidade da periferia do Recife.** 2011. 220 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SILVA, Sirley Vieira da. **Pião trecheiro: trabalho, sexualidade e risco no cotidiano de homens em situação de alojamento em Suape (PE).** 2013. 160f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

SHUÑA, Rocio del Pilar Bravo. **Diálogos sobre sexualidade com as/os adolescentes/jovens de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca-PE.** 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade federal de Pernambuco, Recife, 2014.

_____.; ADRIÃO, Karla Galvão. Diálogos sobre sexualidade com as(os) jovens de Cabo de Santo Agostinho e Ipojuca: inícios, afetos, normas e prazeres. In: QUEIROZ, Tacinara Nogueira de et al. (Org.) **Crescimento econômico, cidadania, saúde: contextos, desafios e possibilidades da pesquisa-intervenção-pesquisa em direitos sexuais e reprodutivos.** Recife: UFPE, 2015.

_____.; RODRIGUES, Laís; BENEVIDES, Vanessa. Atores e atrizes do Curso de Mídias Móveis: quem são, o que pensam e o que podem dizer sobre suas vivências sexuais. In: MENEZES, Jaileila de Araújo; ADRIÃO, Karla Galvão; RIOS, Luís Felipe. **Jovens, câmera, ação: reflexões sobre os usos dos dispositivos móveis de mídia em um projeto de mobilização social [recurso eletrônico].** Recife: UFPE, 2015.

SILVA, Sirley Vieira da. Trabalho e risco na composição da identidade do "pião trecheiro". In: QUEIROZ, Tacinara Nogueira de et al. (Org.) **Crescimento econômico, cidadania, saúde: contextos, desafios e possibilidades da pesquisa-intervenção-pesquisa em direitos sexuais e reprodutivos.** Recife: UFPE, 2015.

SOUSA, Renata Floriano de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 422, jan-abr.2017.

SOUZA, Júnior. Complexo Industrial e portuário de Suape. **Transporte na Região Metropolitana do Recife**. 30 mar. 2013. Disponível em: < <http://transportenarmr.blogspot.com.br/2013/03/complexo-industri-al-e-portuario-de.html>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

SOUZA, Leyllyanne B. de. "**Quando não tem bebida, morgia logo**": um estudo interseccional sobre juventude e consumo de álcool. 2015. 149f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SUAPE: Complexo Industrial Portuário Governador Eraldo Gueiros. **Empresas instaladas em Suape**. 2017. Disponível em: <<http://www.suape.pe.gov.br/pt/negocios/mapa-de-empresas>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

_____. **Histórico: 1970**. 2016. Disponível em: <<http://www.suape.pe.gov.br/pt/institucional/historico-de-suape>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

TORRES, Cibele Almeida; BEZERRA, Eveline Pinheiro; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452007000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2014.

VIDAL, Elaine Italiano; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Algumas reflexões sobre relacionamentos afetivos e relações sexuais na adolescência. *Fractal*, **Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922008000200016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 out. 2014.

VIEIRA, Neiva Francenele Cunha et al. Conhecimentos, atitudes e prática de mulheres acerca do uso do preservativo. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 19, n.1, jan.-mar. 2011, p.147-152.

VIOTTI, Maria Luiza Ribeiro. **Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial Sobre a Mulher**. Pequim, 1995. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/declaracao_beijing.pdf> Acesso em: 21 out. 2014.

XAVIER, Anna Karina G. **Mulheres jovens e prática da dupla proteção em uma comunidade popular do Recife**. 2011. 120f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade federal de Pernambuco, Recife, 2011.

WILDEMBERG FIEDLER, Milla; ARAÚJO, Alisson; CAETANO DE SOUZA, Márcia Christina. A Prevenção da Gravidez na Adolescência na Visão de Adolescentes. **Texto & Contexto Enfermagem**. v. 24, n.1, p.30-37, 2015.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (DOUTORADO)

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MENORES DE 12 a 18 ANOS - Resolução 466/12)

OBS: Este Termo de Assentimento para o menor de 12 a 18 anos não elimina a necessidade da elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.

Convidamos você, _____ após autorização dos seus pais [ou dos responsáveis legais] para participar como voluntário (a) da pesquisa: ***“Jovens e adultas jovens em contextos de desenvolvimento econômico: as práticas afetivo-sexuais na microrregião de Suape/PE.”*** Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora **Anna Karina Gonçalves Xavier**, com endereço: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Av. da Arquitetura s/n, 9º andar, Departamento de Psicologia – Cidade Universitária, Recife – PE, CEP: 50740-550. Telefone: (81) 99948-8047, para contato da pesquisadora responsável, inclusive para ligação a cobrar, e-mail: akpsicologia@hotmail.com. E esta pesquisa de doutorado está sob orientação do Prof. Dr. Luis Felipe Rios do Nascimento, telefone: (81) 99987-2396, e-mail: lfelipe.rios@gmail.com.

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhes seja compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados e concorde com a realização do estudo pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue para que seus pais ou responsável possam guardá-la e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Você será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida e estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento, podendo retirar esse consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Esta pesquisa possui como objetivo principal investigar o impacto do Desenvolvimento Econômico na vivência das práticas afetivo-sexuais na adolescência de jovens (16 a 24 anos) e adultas jovens (26 a 34 anos) de camadas populares, residentes em Gaibu, Cabo de Santo Agostinho PE. Tem como propósito utilizar as informações conseguidas através desse estudo para compreender como a chegada das grandes indústrias do sistema petrolífero impactou a vida das mulheres dessa região. Como procedimento da coleta de dados será utilizada a observação participante e entrevistas.

O período de participação como voluntário nesta pesquisa iniciará a partir da sua assinatura e terminará com a realização de uma entrevista, o local para as visitas e observações serão escolhidos pela participante, podendo ser alterado a cada encontro, conforme a voluntária preferir e o número de visitas dependerá do atingimento do objetivo principal da pesquisa.

Riscos diretos para as voluntárias: é possível o surgimento de uma tensão por parte das entrevistadas à medida que elas discursam no que concerne as experiências sexuais, pois serão questionadas sobre o seu modo de relacionar-se com os parceiros, suas primeiras experiências sexuais e suas últimas experiências sexuais antes da entrevista. Para minimizar a tensão, a voluntária pode sugerir o lugar onde se sinta mais à vontade e seja conveniente para a entrevista, e pode se recusar responder qualquer pergunta que ache inadequada.

Benefícios diretos e indiretos para as voluntárias: Muitas pessoas se sentem beneficiadas por contribuir com informações que possam ajudar a melhor entender aspectos relacionados às práticas afetivo-sexuais das mulheres, desse modo a entrevistadora estará capacitada para dar esclarecimentos sobre dúvidas relacionadas ao assunto da entrevista, assim que finalizar

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa, as entrevistas e os diários de observação, ficarão armazenados em computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Av. da Arquitetura s/n, 9º andar, Departamento de Psicologia – Cidade Universitária, Recife – PE, CEP: 50740-550, pelo período de mínimo 5 anos.

Nem você e nem seus pais [ou responsáveis legais] pagarão nada para você participar desta pesquisa, também não receberão nenhum pagamento para a sua participação, pois é

voluntária. Se houver necessidade, as despesas (deslocamento e alimentação) para a sua participação e de seus pais serão assumidas ou ressarcidas pela pesquisadora. Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da sua participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Este documento passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE que está no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).**

Assinatura da pesquisadora

ASSENTIMENTO DA MENOR DE IDADE EM PARTICIPAR COMO VOLUNTÁRIA

Eu, _____, RG ou CPF _____, (se já tiver documento) abaixo assinado, concordo em participar do estudo, ***“Jovens e adultas jovens em contextos de desenvolvimento econômico: as práticas afetivo-sexuais na microrregião de Suape/PE”***, como voluntária. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso desistir de participar a qualquer momento, sem que eu ou meus pais precise pagar nada.

Local e data: _____

Assinatura do (da) menor: _____

Presenciamos a solicitação de assentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do/a voluntário/a em participar. 02 testemunhas (não ligadas a equipe de pesquisadores).

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (DOUTORADO)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS - Resolução 466/12)

Convidamos a Sra. para participar como voluntário (a) da pesquisa ***“Jovens e adultas jovens em contextos de desenvolvimento econômico: as práticas afetivo-sexuais na microrregião de Suape/PE***, que está sob a responsabilidade da pesquisadora **Anna Karina Gonçalves Xavier**, com endereço: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Av. da Arquitetura s/n, 9º andar, Departamento de Psicologia – Cidade Universitária, Recife – PE, CEP: 50740-550, telefone: (81) 99948-8047 (inclusive para ligação a cobrar) e e-mail: akpsicologia@hotmail.com. E esta pesquisa de doutorado está sob orientação do Prof. Dr. Luis Felipe Rios do Nascimento, telefone: (81) 99987-2396, e-mail: lfelipe.rios@gmail.com.

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde com a realização do estudo pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Caso não concorde, não haverá penalização, bem como será possível retirar o consentimento a qualquer momento, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Esta pesquisa possui como objetivo principal investigar o impacto do Desenvolvimento Econômico na vivência das práticas afetivos sexuais na adolescência de jovens (16 a 24 anos) e adultas jovens (26 a 34 anos) de camadas populares, residentes em Gaibu, Cabo de Santo Agostinho PE. Tem como propósito utilizar as informações conseguidas através desse estudo para compreender como a chegada das grandes indústrias do sistema petrolífero impactou a vida das mulheres dessa região. Como procedimento da coleta de dados, será utilizada a observação participante e entrevistas.

O período de participação como voluntário nesta pesquisa iniciará a partir da sua assinatura e terminará com a realização de uma entrevista, o local para as visitas e observações serão escolhidos pelo participante, podendo ser alterado a cada encontro, conforme a voluntária preferir e o número de visitas dependerá do atingimento do objetivo principal da pesquisa.

Riscos diretos para as voluntárias: é possível o surgimento de uma tensão por parte das entrevistadas à medida que elas discursam no que concerne as experiências sexuais, pois serão questionadas sobre o seu modo de relacionar-se com os parceiros, suas primeiras experiências sexuais e suas últimas experiências sexuais antes da entrevista. Para minimizar a tensão, a voluntária pode sugerir o lugar onde se sinta mais à vontade e seja conveniente para a entrevista, e pode se recusar responder qualquer pergunta que ache inadequada.

Benefícios diretos e indiretos para as voluntárias: Muitas pessoas se sentem beneficiadas por contribuir com informações que possam ajudar a melhor entender aspectos relacionados às práticas afetivo-sexuais das mulheres, desse modo a entrevistadora estará capacitada para dar esclarecimentos sobre dúvidas relacionadas ao assunto da entrevista, assim que finalizar.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa, as entrevistas e os diários de observação, ficarão armazenados em computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Av. da Arquitetura s/n, 9º andar, Departamento de Psicologia – Cidade Universitária, Recife – PE, CEP: 50740-550, pelo período de mínimo 5 anos.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).**

Assinatura da pesquisadora

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo “***Jovens e adultas jovens em contextos de desenvolvimento econômico: as práticas afetivo-sexuais na microrregião de Suape/PE***”, como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/assistência/tratamento).

Local e data _____

Assinatura do participante _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

02 testemunhas (não ligadas a equipe de pesquisadores):

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (DOUTORADO)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS - Resolução 466/12)

Solicitamos a sua autorização para convidar o (a) seu/sua filho (a) _____, ou menor que está sob sua responsabilidade} para participar, como voluntário (a), da pesquisa: ***“Jovens e adultas jovens em contextos de desenvolvimento econômico: as práticas afetivo-sexuais na microrregião de Suape/PE”***, que está sob a responsabilidade da pesquisadora **Anna Karina Gonçalves Xavier**, com endereço: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Av. da Arquitetura s/n, 9º andar, Departamento de Psicologia – Cidade Universitária, Recife – PE, CEP: 50740-550, telefone: (81) 99948-8047 (inclusive para ligação a cobrar) e e-mail: akpsicologia@hotmail.com. E esta pesquisa de doutorado está sob orientação do Prof. Dr. Luis Felipe Rios do Nascimento, telefone: (81) 99987-2396, e-mail: lfelipe.rios@gmail.com.

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhes sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde com a realização do estudo pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Caso não concorde não haverá penalização, bem como será possível retirar o consentimento a qualquer momento, também sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Esta pesquisa possui como objetivo principal investigar o impacto do Desenvolvimento Econômico na vivência das práticas afetivos sexuais na adolescência de jovens (16 a 24 anos) e adultas jovens (26 a 34 anos) de camadas populares, residentes em Gaibu, Cabo de Santo Agostinho PE. Tem como propósito utilizar as informações conseguidas através desse estudo para compreender como a chegada das grandes indústrias do sistema petrolífero impactou a

vida das mulheres dessa região. Como procedimento da coleta de dados, utilizarei a observação participante e entrevistas.

O período de participação como voluntário da adolescente nesta pesquisa iniciará a partir da sua assinatura e terminará com a realização de uma entrevista, o local para as visitas e observações serão escolhidos pela participante, podendo ser alterado a cada encontro, conforme a voluntária preferir e o número de visitas dependerá do atingimento do objetivo principal da pesquisa.

Riscos diretos para os responsáveis e para as voluntárias: é possível o surgimento de uma tensão por parte das entrevistadas à medida que elas discursam no que concerne as experiências sexuais, pois serão questionadas sobre o seu modo de relacionar-se com os parceiros, suas primeiras experiências sexuais e suas últimas experiências sexuais antes da entrevista. Para minimizar a tensão, a voluntária pode sugerir o lugar onde se sinta mais à vontade e seja conveniente para a entrevista, e pode se recusar responder qualquer pergunta que ache inadequada.

Benefícios diretos e indiretos para as voluntárias: Muitas pessoas se sentem beneficiadas por contribuir com informações que possam ajudar a melhor entender aspectos relacionados as práticas afetivos sexuais das mulheres, desse modo a entrevistadora estará capacitada para dar esclarecimentos sobre dúvidas relacionadas ao assunto da entrevista, assim que finalizar.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados, as entrevistas e os diários de observação, ficarão armazenados em computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Av. da Arquitetura s/n, 9º andar, Departamento de Psicologia – Cidade Universitária, Recife – PE, CEP: 50740-550, pelo período de mínimo 5 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada e nem receberá nenhum pagamento para ele/ela participar desta pesquisa, pois deve ser de forma voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação dele/a na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento com transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).**

Assinatura da pesquisadora

CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO/A VOLUNTÁRIO

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, responsável por _____, autorizo a sua participação no estudo, “*Jovens e adultas jovens em contextos de desenvolvimento econômico: as práticas afetivo-sexuais na microrregião de Suape/PE*” como voluntário(a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele (a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de seu acompanhamento/ assistência/tratamento) para mim ou para o (a) menor em questão.

Local e data _____

Assinatura do (da) responsável: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Protocolo de Entrevista

1. Identificação da entrevista			
1. N.o. da Entrevista		2. Categoria populacional	
3. Entrevistadora			
4. Código do entrevistado			
5. Local e Data			
6. Horário do Início e Término da entrevista			

2. Preencher os dados de identificação da entrevistada

Nome			
Idade			
Escolaridade			
Ocupação			
Estado civil			
Raça etnia (atribuição do entrevistador)			
Religião			
Contato			

3. Breve relato da situação de entrevista e outras informações relevantes

Roteiro de Entrevistas – História de Vida Sexual

1ª PARTE: Contexto familiar e de moradia no bairro/comunidade

OPINIÕES SOBRE A COMUNIDADE

Você pode **descrever** esta **comunidade** em que você mora para mim? O que você **gosta** na sua comunidade? O que você **não gosta**? Por quê?

Tem lugares onde pode ter **lazer**? Tem que **lugares** para se **encontrar** com outras pessoas jovens?

AMIZADES E CARACTERÍSTICAS DE JOVENS

Como são **as jovens** do bairro?

Você tem **amigas** aqui? Se encontra com elas? Quando? Onde?

Como são **os rapazes**? o que você gosta e o que você não gosta neles? Por quê?

Você tem **amigos** aqui? Se encontra com eles? Quando? Onde?

GRUPO DE ATIVIDADE CULTURAL

(Se a entrevistada faz parte de algum grupo na comunidade)

Como foi que você **conheceu o grupo**? Como se interessou em **fazer parte do grupo**?

Qual a sua forma de **participação**? Há quanto **tempo** está no grupo?

Como é sua **relação com as outras jovens** do grupo? E com os **rapazes**?

Possui **amigas/amigos** no grupo? Se encontram em **outros locais**? Fazem **outras atividades** juntos?

HISTÓRIA FAMILIAR

Onde foi que você **nasceu**?

E **quantas pessoas** são na família? Quantos irmãos? Quantas irmãs? Pode dizer os **nomes e idades** deles?

Fale um pouco das **brincadeiras de meninos e meninas**: você brincava de quê? E seus irmãos? Havia **brincadeiras separadas** para meninos e meninas? Quais? Por que? Havia **brincadeiras** em que meninos e meninas brincavam **juntos**? Quais? Por que?

EDUCAÇÃO FAMILIAR

Dentro de casa, como era a **educação que teus pais te deram**?

Fale um pouco sobre a **educação dos irmãos e das irmãs na adolescência**: quais as diferenças e semelhanças?

SOBRE ADOLESCÊNCIA

O que é adolescência para você?

Você pode falar um pouco sobre a sua adolescência?

Como você vê a adolescência hoje?

2ª PARTE: Carreira sexual

Sugestão para entrada em relação a carreira sexual propriamente dita:

“Eu gostaria de tentar recuperar contigo a tua história de vida focando mais nos amores, conquistas, sedução, digamos, a tua história sexual, desde o primeiro momento em que você se sentiu atraído por alguém até hoje...”

PRIMEIRA ATRAÇÃO

Você se lembra da **1ª vez que se sentiu atraída por alguém** (se ela não lembra a 1ª vez, pergunta sobre uma experiência em que ela se sentiu atraída por alguém, e que marcou para ela um momento especial)? **O que sentiu?**

O que chamou atenção no outro? Você acha que foi correspondida?

Se sim, o que acha que em **você chamou atenção desta pessoa?**

O que acontecia no lugar?

Como ele estava vestido e/ou o que usava?

Como você estava vestida e/ou o que usava?

Houve **paquera**? Se sim, **como se deu** a paquera?

Houve **aproximação**? Se sim, **como se deu** o processo de aproximação (falas, gestuais; etc.)?

O que rolou? *(se não rolou nada, segue em frente. Se houve um beijo, segue para beijo; Se foi namoro, segue para beijo e, depois, para namoro. Explora as práticas sexuais mesmo que não tenha tido relação sexual).*

PRIMEIRO BEIJO

Você se lembra do seu **1º beijo** (se ela não lembra do 1º, pergunta sobre um beijo que marcou para ela um momento especial)? **O que sentiu?**

O que chamou atenção no outro? Você acha que foi correspondida?

Se sim, o que acha que em **você chamou atenção desta pessoa**?

O que acontecia no lugar?

Como ele estava vestido e/ou o que usava?

Como você estava vestida e/ou o que usava?

Houve **paquera**? Se sim, **como se deu** a paquera?

Houve **aproximação**? Se sim, **como se deu** o processo de aproximação (falas, gestuais; etc.)?

Como se deu a sugestão para o beijo? (**quem sugeriu** e ouve algum tipo de **negociação**?);

Qual foi o **tempo** desde o encontro até a decisão do beijo?

O que você sentiu no beijo?

Vocês se **reencontraram**? Se **beijaram novamente**? **Como foi**? **O que você sentiu** desta vez?

Continuaram se encontrando? **Namoraram**?

PRIMEIRO NAMORADO

Você se lembra do seu 1º **namorado**?

Como aconteceu o encontro de vocês?

Onde se encontraram? **Como era o local**?

O que acontecia no lugar?

O que foi que chamou tua atenção nele?

O que tu acha que **chamou a atenção dele em você**?

Houve **paquera**? Se sim, **como se deu** a paquera?

Houve **aproximação**? Se sim, **como se deu** o processo de aproximação (falas, gestuais; etc.)?

Como se deu a sugestão para o namoro? (**quem sugeriu** e ouve algum tipo de **negociação**?);

Qual foi o **tempo** desde o encontro **até a decisão do namoro**? **Como se deu** este processo?

Quanto **tempo** vocês passaram **namorando**?

De quanto em quanto **tempo** **vocês se viam**?

Vocês **ficavam juntos** geralmente em que **locais**?

Havia outras **pessoas por perto**? **Quem** eram estas pessoas?

Vocês conseguiam **ficar sozinhos**, sem ter outras pessoas por perto? Em que **ocasiões**?

O que vocês faziam no namoro (conversavam, beijavam, sarravam, transavam, tinham práticas sexuais com outras pessoas...)?

Que idade você tinha? E ele?

O que lhe **marcou mais neste namoro**: beijo, sarro, transa? (*Se foi um beijo, segue para as perguntas do primeiro beijo; Se foi sarro ou transa, segue para as perguntas correspondentes a 1º sarro e 1ª relação sexual. Explora as práticas sexuais mesmo que não tenha tido relação sexual. Em seguida, passa para os namoros seguintes*).

Quem sugeriu que houvesse esta **prática sexual**?

Durante esse tempo você **pensou em ter alguma relação sexual** com ele?

Como acabou o namoro? **Por que**?

NAMOROS SEGUINTES

Você se lembra de seu segundo (terceiro, quanto, quinto...) namorado?

Para cada namorado, faz as mesmas perguntas que fez para o primeiro namorado (exceto a primeira pergunta, que deve sempre se referir ao namorado seguinte).

Tente conservar uma perspectiva temporal.

Tentar apreender a lógica dos relacionamentos.

Para facilitar, anote os nomes dos namorados. Lembre que a memória é seletiva, pode ser que ela lembre algum dos primeiros namorados, quando estiver falando do penúltimo. Tente anotar dando a ordem cronológica, encaixando os nomes quando aparecerem. Pode interromper, confirmando: “há, então o João foi depois do Jair e antes do José?”

PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL

Se não for com um namorado:

Você já transou com alguém?

Que idade você tinha? Que idade ele tinha?

Como tomou a decisão de transar?

Onde se encontraram? Como era o local?

O que acontecia no lugar?

Como se deu o encontro?

Como era a pessoa?

Como ele estava vestido e/ou o que usava?

Como você estava vestida e/ou o que usava?

O que chamou atenção no outro?

O que acha que em você chamou atenção no outro?

Como se deu a “paquera”?

Como se deu o processo de aproximação (falas, gestuais; etc.)?

O que rolou?

Quem sugeriu que houvesse a prática sexual?

Qual foi a razão para iniciar tua vida sexual nesse momento?

Quanto tempo foi desde o encontro até a decisão da transa?

Onde vocês transaram e por que a escolha do local?

O que aconteceu nesta transa? (se beijaram, ele fez sexo oral em você, você fez sexo oral nele, ficaram sarrando, houve penetração vaginal, você teve orgasmo...)

Quem sugeriu cada uma das práticas que aconteceram? Houve algum tipo de negociação?

Quanto tempo durou a transa?

Houve outro tipo de compensações além do prazer obtido (dinheiro, presentes, etc.)?

Se reencontraram?

Pensou em evitar filhos nesta transa? Pq?

Pensou em se proteger de IST? PQ?

Fez algo para evitar filhos nesta transa? PQ?

Fez algo para se proteger de IST? Pq?

Usou método(s) para evitar filhos? Pq? Se usou, explica qual (is) e como usou (em que momento da transa se preocupou, como o parceiro reagiu, etc)?

Usou método(s) para se proteger de IST? Pq? Se usou, explica qual (is) e como usou (em que momento da transa se preocupou, como o parceiro reagiu, etc)?

Se houve re-encontro, como foi, por iniciativa de quem, se encontraram aonde, o que fizeram, foram para onde para transar (caso tenha havido transa); quantas vezes mais foram se re-encontrando, como, onde, quando, como, por que. Geralmente, a transa se dava por iniciativa de quem?

Havia a tentativa de novas práticas sexuais? Quais? Quais as que você gostou mais? Quais as que você não gostou? Para cada prática mencionada: quem sugeriu? Houve algum tipo de negociação sobre tal prática (algo sobre como fazer – mais rápido ou devagar, p. exemplo)?

Se encontraram aonde? Foram para onde para transar?

Deve explorar nesta retomada, os momentos em que usou ou não métodos para evitar a gravidez e se proteger de IST. Deve retomar o roteiro da primeira transa para saber mais sobre a(s) transa(s) que mais marcou(aram), a partir da pergunta: Onde se encontraram? Como era o local?

Se for com um namorado:

Qual foi a razão para iniciar tua vida sexual nesse momento?

Quanto tempo foi desde o encontro até a decisão da transa?

Onde vocês transaram e por que a escolha do local?

O que acontecia no lugar?

Como se deu o encontro?

Como ele estava vestido e/ou o que usava?

Como você estava vestida e/ou o que usava?

Você estava sozinha com ele? Tinha outras pessoas próximas?

Vocês ficaram nus? O que você sentiu?

O que você sabia sobre práticas sexuais?

O que aconteceu nesta transa? (se beijaram, ele fez sexo oral em você, você fez sexo oral nele, ficaram sarrando, houve penetração vaginal, você teve orgasmo...)

Quem sugeriu cada uma das práticas que aconteceram? Houve algum tipo de negociação?

Quanto tempo durou a transa?

Houve outro tipo de compensações além do prazer obtido (presentes, etc.)?

Pensou em evitar filhos nesta transa? Pq?

Pensou em se proteger de IST? PQ?

Fez algo para evitar filhos nesta transa? PQ?

Fez algo para se proteger de IST? Pq?

Usou método(s) para evitar filhos? Pq? Se usou, explica qual (is) e como usou (em que momento da transa se preocupou, como o parceiro reagiu, etc)?

Usou método(s) para se proteger de IST? Pq? Se usou, explica qual (is) e como usou (em que momento da transa se preocupou, como o parceiro reagiu, etc)?

Se transou novamente com este namorado: quantas vezes mais foram se re-encontrando.

Havia facilidade ou dificuldade para encontrar um tempo e um lugar para transar? Quais?

Geralmente, a transa se dava por iniciativa de quem?

Havia a tentativa de novas práticas sexuais? Quais? Quais as que você gostou mais? Quais as que você não gostou? Para cada prática mencionada: quem sugeriu? Houve algum tipo de negociação sobre tal prática (algo sobre como fazer – mais rápido ou devagar, p. exemplo)?

Se encontraram aonde? Foram para onde para transar?

Deve explorar nesta retomada, os momentos em que usou ou não métodos para evitar a gravidez e se proteger de IST. Deve retomar o roteiro da primeira transa para saber mais sobre a(s) transa(s) que mais marcou(aram).

RELAÇÃO(ÕES) SEXUAL(AIS) QUE MAIS MARCOU(ARAM) COM CADA NAMORADO

Toda vez que ela tiver mencionado que transou com um namorado, deve perguntar sobre a 1ª relação sexual com este namorado, retomando as perguntas da 1ª relação sexual colocadas acima. *Deve explorar os momentos em que usou ou não métodos para evitar a gravidez e se proteger de IST.* Também deve tentar saber sobre uma transa que foi marcante neste namoro, retomando o roteiro da 1ª relação sexual, a partir da pergunta: Onde se encontraram? Como era o local? *Deve explorar nesta transa mais marcante, os momentos em que usou ou não métodos para evitar a gravidez e se proteger de IST.*

ENVOLVIMENTO SEXUAL COM PESSOAS QUE NÃO NAMOROU

Você já teve outras experiências sexuais, fora do namoro?

Quais? Como se deram?

Houve transa? Em quais?

O que levou ao envolvimento (para cada pessoa citada)?

O que lhe chamou a atenção nele?

O que você acha que chamou a atenção dele, em relação a você?

Se reencontraram?

*Tentar saber o máximo possível sobre **a relação sexual que mais marcou**, para cada uma das pessoas citadas, utilizando o roteiro da 1ª relação sexual que não se deu com o namorado, a partir da pergunta: Que idade você tinha? Que idade ele tinha? Deve explorar nesta transa mais marcante, os momentos em que usou ou não métodos para evitar a gravidez e se proteger de IST.*

Se não citar relação sexual, procurar explorar outras práticas citadas, perguntando:

Quais? Quais as que você gostou mais? Quais as que você não gostou? *Para cada prática mencionada:* quem sugeriu? Houve algum tipo de negociação sobre tal prática (algo sobre como fazer – mais rápido ou devagar, p. exemplo)? Se encontraram aonde? Onde fizeram tal prática?

SOBRE PRAZER SEXUAL

Você pode me falar um pouco sobre o momento da relação sexual? O que você sente na hora da transa? O que passa na sua cabeça na hora da transa? Você sente prazer na hora da relação

sexual? Se sim ou não perguntar: o que você acha disso? Você e o parceiro conversam sobre prazer sexual? Você conversa com amigas sobre prazer sexual?

ÚLTIMA RELAÇÃO SEXUAL

Quando foi sua última relação sexual?

Com quem (namorado, paquera...)?

Aplicar o roteiro da 1ª relação sexual:

Se não for com um namorado, a partir da pergunta: Como tomou a decisão de transar?

Se for com um namorado, a partir da pergunta: Onde vocês transaram e por que a escolha do local?

Deve explorar nesta última transa, os momentos em que usou ou não métodos para evitar a gravidez e se proteger de IST.

AO FINAL, SE O ASSUNTO NÃO TIVER SIDO MENCIONADO ANTES:

- Se usou um ou mais métodos para evitar gravidez e se proteger de doenças:

Pq vc acha que usando este(s) método(s), você evita a gravidez e se protege de doenças?

Você conhece outros métodos que façam isso? Quais? Como eles atuam? Vc tem alguma dificuldade para usar este(s) método(s)? Qual (is)? Ele(s) está(ão) sempre acessível (eis) a vc?

Você já usou outros métodos? Quais? Em que situações? Quais as dificuldades que encontrou? Quando usou este(s) método(s) tinha a intenção de evitar filhos e se proteger de IST? Pq não continuou usando este(s) método(s)?

Fora estes métodos que vc já mencionou, vc conhece outros? Qual(is)? Sabe como usá-lo(s)? Conhece os efeitos colaterais que possui(m)? Sabe se é um método seguro? Pq não experimentou este(s) método(s)?

- Se não mencionou nenhum método:

Você usou algum método para evitar gravidez? Porque? Quais?

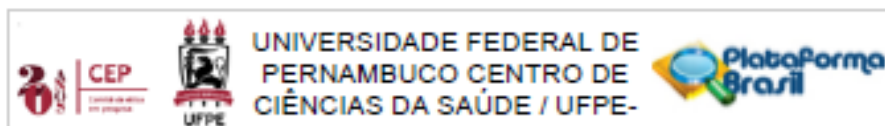
Você usou algum método para se proteger de doenças? Porque? Quais?

O que você faria para evitar gravidez e se proteger de doenças?

Você conhece métodos para evitar gravidez? Qual(is)? Sabe como usá-lo(s)? Conhece os efeitos colaterais que possui(m)? Sabe se é um método seguro? Pq não experimentou este(s) método(s)?

Você conhece métodos para se proteger de doenças sexualmente transmissíveis? Qual(is)? Sabe como usá-lo(s)? Conhece os efeitos colaterais que possui(m)? Sabe se é um método seguro? Pq não experimentou este(s) método(s)?

ANEXO A – PARECER DO COMTÊ DE ÉTICA DA UFPE



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Mulheres jovens e adultas jovens em contexto de desenvolvimento: as práticas afetivos sexuais na microrregião de Suape/PE

Pesquisador: Anna Karina Gonçalves Xavier

Versão: 1

CAAE: 48062515.3.0000.5208

Instituição Proponente: CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 077361/2015

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto Mulheres jovens e adultas jovens em contexto de desenvolvimento: as práticas afetivos sexuais na microrregião de Suape/PE que tem como pesquisador responsável Anna Karina Gonçalves Xavier, foi recebido para análise ética no CEP Universidade Federal de Pernambuco Centro de Ciências da Saúde / UFPE-CCS em 11/08/2015 às 08:52.

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 50.740-600
 UF: PE Município: RECIFE
 Telefone: (51)2125-8588 E-mail: cepccs@ufpe.br